

Projeto
expográfico
Museu Barão de Mauá
Mauá - SP

SUMÁRIO

	Página	
1	Apresentação	3
2	Justificativa	5
3	Objetivos	7
3.1	Objetivo Geral	7
3.2	Objetivos Específicos	7
4	Recorte Curatorial	8
5	Proposta Expográfica	12
6	Ocupação do Espaço	15
6.1	Plata Baixa do Edifício	23
6.2	Localização Geográfica	24
6.3	Compreendendo os espaços e seus usos	24
7	Expografia	27
7.1	Acervo Museu Barão de Mauá	31
7.2	Diretrizes para o Projeto Luminotécnico	32
7.3	Proposta de Volumetria dos Mobiliários e Módulos Expográficos	33
8	Proposta de Cronograma	43
9	Proposta de Orçamento	45
10	Pranchas Expográficas	50
11	Mobiliário Expográfico	88
12	Ficha Técnica	115
13	Referências Bibliográficas	116

1. APRESENTAÇÃO

Mauá, município pertencente à Região Metropolitana de São Paulo, localizado a 26 km da capital, São Paulo, tem sua origem, a partir das primeiras expedições dos portugueses para adentrar o interior do país, ainda em meados do século XVI. Devido à importância na ampliação das fronteiras do Brasil, da ocupação do território, a municipalidade, possui narrativas históricas com elementos pujantes na atração de pesquisadores, turistas e comunidades que desejam conhecer mais sobre a história da formação do passado brasileiro.

O Museu Barão de Mauá, palco da exposição de longa duração que resultará dessa proposta, está instalada em um típico exemplo da arquitetura bandeirista do século XVIII, construído originalmente em taipa de pilão, ao longo dos anos, passou por diversas intervenções, ora de restauro, ora amplas reformas, todavia, sempre respeitando seus aspectos originais.

Inaugurado em 1982, o Museu Barão de Mauá, alicerça-se no compromisso da salvaguarda e da comunicação da memória e pesquisa histórica do município de Mauá. Suas ações, perfazem a conservação preventiva de um rico e importante acervo documental, cotidianamente procurado por alunos e professores das redes municipal, estadual e particular da municipalidade, assim como, pesquisadores de todo o país. Seu acervo, conta com cerca de 10 mil itens que inclui objetos e utensílios de uso doméstico, ferramentas de trabalho, documentos gráficos, fotografias, audiovisuais e peças etnográficas. Sua biblioteca dispõe de livros e documentos arquivísticos sobre arte, e referentes sobretudo, à História de Mauá e do ABC Paulista.

Sempre atuante, embora com uma estrutura aquém de suas reais potencialidades, em suas instalações, realizam-se exposições periódicas relacionadas aos mais diversos temas, embora com ênfase na trajetória histórica, social e cultural do município. Também são realizadas exposições de longa duração, como a exposição “Estação Saudade”, que reúne objetos e utensílios do século XX, e a exposição “A Arte e o Trabalho da Porcelana em Mauá”, que apresenta peças de todas as fábricas que produziam louças, cerâmicas e porcelanas na cidade, considerada a capital da porcelana fina do Brasil, demonstrando a

evolução dessa técnica desde o início do século XX. A programação ainda inclui exposições itinerantes, que dão apoio aos temas desenvolvidos nas escolas e fazem com que o Museu saia de seu espaço convencional, em atividades extramuros. São coleções de fotografias ampliadas sobre o Centro da Cidade, Bairros, As Fábricas de Porcelanas em Mauá, O Trabalho na Cidade, O Rio Tamanduateí, Patrimônios Culturais da Cidade, entre outros.

Notamos, que existe um elo contínuo de identidade, valoração e utilização desse espaço museológico pelas comunidades de Mauá. Desse modo, a partir do novo projeto expográfico, estimamos desenvolver um arcabouço ainda maior e potente, na utilização do espaço, para diversos fins, integrando o museu a vida pulsante do lugar.

Nesse contexto, o presente projeto baseia-se na elaboração conjunta de significados, valores materiais e imateriais, pesquisa histórica, pesquisa de acervo, construindo as bases de um projeto curatorial contemporâneo e de ampla abrangência, para todos os públicos. Desse modo, sugere-se que os temas sugeridos no transcórre da proposta expográfica, sejam densamente articulados pela equipe técnica do museu e resulte num projeto curatorial singular e representativo para toda essa comunidade.

Para tanto, sugerimos, a partir das conversas realizadas com a equipe do museu, no transcórre dos anos de 2022 e 2023, o tema para a exposição de longa duração, proposta conjuntamente com o amplo “Projeto Executivo de restauro e revitalização do patrimônio histórico e cultural – Museu Barão de Mauá”: **A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente.**

O tema motriz da nova exposição, visa provocar o público visitante e contribuir exponencialmente para o fomento da história, da cultura, do turismo e da difusão do conhecimento. E, por seu potencial, o suporte educativo contribuirá para fortalecer a identidade local e regional, trazendo à tona, diversos temas e elementos, adormecidos ou entronizados no cotidiano das pessoas, como verdades construídas, diálogos de poder, subjugação e/ou ocultamento de outros personagens e passagens importantes da história mauaense. Assim, o museu, assume um dos seus principais papéis por intermédio da comunicação disponibilizada por meio das exposições: a construção do conhecimento.

2. JUSTIFICATIVA

A cultura corresponde ao modo de vida de um povo ou nação, constituindo e expressando o seu modo de sentir, pensar e agir. Essa concepção parte do princípio de que todos os povos ou grupos étnicos possuem cultura e de que nenhuma delas é superior a outra, colocando em foco as questões da diversidade cultural e da igualdade de direitos para as diferentes culturas. Assim como, a opção pelo desenvolvimento cultural e turístico deve conciliar-se aos objetivos de manutenção do patrimônio, do uso cotidiano dos bens culturais e da valorização das identidades culturais locais.

O que justifica uma exposição ser direta, fazendo a ponte comunicacional entre o acervo e o público. Desse modo, o espaço expositivo evidencia a produção de textos orientadores dos conteúdos, a seleção, preservação e conservação preventiva do acervo, assim como, sua identificação para a extroversão do conhecimento.

Nessa perspectiva, a exposição de longa duração proposta neste projeto, que poderá ser evidenciada a partir do desenvolvimento do projeto curatorial, pode, como sugestão, partir da provocação: “A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente”, para o desenvolvimento de uma base curatorial horizontal, formada por uma equipe interdisciplinar, com estrutura delineada, acessibilidade comunicacional, expressiva contextualização histórica, cultural, social para o direcionamento expográfico.

Mauá é reconhecidamente um município com potencial industrial, e esse nicho carece ser reconhecido como uma potencialidade a ser trabalhada e desenvolvida também como patrimônio cultural e formativo da identidade local, fomentando o pertencimento ao território dos diversos sujeitos que formam conjuntamente o amálgama cultural e identitário desse território.

O presente projeto justifica-se também ao promover uma das necessidades de valorização e melhoria dos museus do Estado de São Paulo, principalmente os que perfazem o cinturão cultural do ABC Paulista, no que tange à requalificação do espaço museal, à qualidade expográfica, às atividades educacionais, à geração de interesse e pertencimento da população local e à promoção das instituições museológicas,

permitindo o desenvolvimento e engajamento de público espontâneo e a potencialização da demanda cultural e turística.

Outro ponto de destaque é a proposta de acessibilidade. Entendendo acessibilidade museológica como ferramenta inerente à forma de inclusão de diversificado público, constante das agendas, programação, acesso físico estrutural e expográfico. Ou seja, acesso, integração comunicação e arquitetura devem ser previstos, à medida do possível, de forma a atender à sociedade diversificada, heterogênea e consumidora de cultura como um todo.

Vivemos em uma sociedade que faz do turismo e lazer, formas de evasão socioculturais, permitindo o convívio, a cultura e descobertas. Dessa forma, o olhar apurado para determinados setores e grupos sociais garante minimamente o acesso aos museus e aos espaços de memórias.

Nessa perspectiva, propomos para a exposição de longa duração, um cuidado atento na integração de públicos. Inicialmente, pela própria curadoria que deve estar atenta aos temas: culturas indígenas, arqueologia, patrimônio edificado, Barão de Mauá, a cidade, identidade econômica – trabalhando não apenas os grandes feitos e importância socioeconômica e cultural da fase primeira de ocupação do solo, do papel do colonizador romantizado, do mito fundador, da verdadeira casa do Barão de Mauá, que foi demolida para dar lugar a um viaduto. Ou seja, o recorte curatorial, indaga na contemporaneidade a história construída presente nos livros didáticos. A história contada, a história dos grandes feitos, a história épica, promovendo uma maior identificação com o homem comum, ou melhor, com os diversos homens, cada qual em seu tempo histórico, que promoveram mudanças substanciais numa sociedade em profundas transformações, e que constituíram a Mauá de hoje.

Quanto à expografia, esta foi pensada e projetada a partir de conceitos técnicos do campo museológico. Assim como utilizada a Norma Brasileira para acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos – ABNT NBR 9050, assegurando adaptações expográficas quanto ao acesso e roteiro de visita, mobiliário e formas expositivas – textuais, iconográficos, audiovisual e visibilidade de objetos e iluminação.

Além da necessidade de equipar o espaço expositivo, deverá ser estruturado e proposto um programa educativo e o preparo da equipe para acolhimento dos visitantes e procedimentos adequados, prevendo capacitação para subsidiar formas e métodos para

transmitir informações, com formato adequado, cumprimento de normas, disponibilização de conteúdo, preparo de atividades para público diversificado – vulnerabilidade social atendidos por programas assistenciais, de inclusão às pessoas com deficiência, melhor idade, além de programas educativos e culturais prevendo articulação, interrelação e apropriação do espaço, do saber fazer e identidade local.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Fortalecer a considerável identidade cultural de Mauá, promovendo um espaço expográfico que permitirá o engajamento junto ao público – comunidade local e visitantes, visando à preservação da memória e instigando a geração de demanda cultural e turística.

3.2 Objetivos Específicos

- Ampliar o acesso ao ambiente expositivo;
- Promover a informação e difusão de conhecimento;
- Incentivar a fruição e conhecimento da história;
- Disseminar conhecimento sobre identidade industrial;
- Promover, por meio do espaço museal, a relevância do turismo local e regional;
- Incitar a identidade cultural e a tradição local;
- Preservar a memória material e imaterial;
- Instigar a geração de renda no trade turístico;
- Promover o aprimoramento do receptivo;
- Valorizar talentos existentes e futuros, nos ramos das artes, cultura e economia criativa;
- Democratizar o acesso à cultura;
- Conduzir o público visitante à reflexão;
- Propiciar oportunidades de reflexão e diálogo sobre os temas abordados na exposição.

4. RECORTE CURATORIAL

Assistimos atualmente uma grande procura por equipamentos museológicos como fonte de entretenimento, assim como a busca por conhecimento de forma direta e indireta pelos mais diferentes públicos, desta forma, o museu deve estar preparado para atender as expectativas desse variado público. Dentro dessa perspectiva e considerando a comunicação um dos pilares de uma instituição museológica, a exposição, seja esta itinerante, de longa ou curta duração, serve como ferramenta para aproximação direta entre o museu e o seu público, assim como, seu acervo e discurso narrativo empregado nas expografias.

Uma exposição deve ser direta, fazendo a ponte comunicacional entre o acervo e o público. Desse modo, o museu evidencia-se a produção de textos orientadores dos conteúdos, seleção, preservação e conservação preventiva do acervo, assim como, sua identificação, para a extroversão do conhecimento. Pois,

A exposição é a linguagem própria e específica dos museus, ou seja, nada revela mais um museu do que a (s) sua (s) exposição (ões). Sendo uma linguagem vinculada ao patrimônio cultural musealizado – e à conscientização que se deseja possuir sobre ele e a partir dele – a exposição é linguagem densa (porque aglutina valores e atitudes) e engenhosa (porque é minuciosamente construída). A construção de uma exposição depende de condições de produção particulares, porque reúne profissionais diversos organizados interdisciplinarmente. Estes profissionais do patrimônio atuam como comunicadores, pois uma exposição é idealizada e materializada para o outro, o público visitante. (CURY: 2006, 05).

A exposição a ser desenvolvida, busca, o diálogo entre esse diverso e potencial público, com os acervos museológicos, com a finalidade de criar o interesse da população local, promovendo o desenvolvimento e engajamento de público espontâneo, tão difícil de realizar, em grande parte das instituições museológicas e culturais fora da capital paulista.

O processo curatorial a ser desenvolvido em futuro próximo, deverá considerar, a valorização e reconhecimento de histórias de vida singulares, curiosidades sobre o desenvolvimento da cidade de Mauá, seus ídolos, mas sobretudo, como o museu, vem ao longo de quase quatro décadas, preservando a memória e o significativo patrimônio cultural da cidade, sob uma mesma base conceitual. Afinal,

A relação recíproca entre a cidade e o sujeito implica no aval dos habitantes/moradores acerca do sentimento de pertencimento àquele espaço urbano e desse espaço como "propriedade" desses sujeitos, e, por conseguinte, como patrimônio, assim reconhecido. Interessante como essa relação se dá de forma imbricada: construímos uma cidade, damos-lhe forma e sentido e esse sentido - por nós produzido - se difunde, repercutindo até nós, que então lhe conferimos o *status* de ser "minha, nossa cidade". (FREITAS: 2014; 05).

Nesse cenário, a partir da colocação da museóloga Waldisa Rússio Guarnieri que a exposição “diz, afirma; informa, comunica; registra; questiona. Uma exposição estabelece e subverte”¹, pensamos uma exposição que seja agregadora de valores, que consiga levar ao público não somente informações acerca de um recorte temporal sobre os temas que servirão de base para a nova contextualização do discurso curatorial do museu, mas, também, desenvolver, multiplicar e pulverizar seu conteúdo, para ampliar e fomentar a cidadania – intrinsecamente permitirá que o público se questione e absorva aprendizados.

Assim, ao já propor como eixo para a base curatorial o tema: “A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente”, propomos trazer à tona, outras abordagens que desmistifiquem sobretudo, a própria ocupação original da casa, como pertencente ao Barão de Mauá. E, embora de reconhecida a importância, do nome da cidade, estar atrelado a seu patrono master, chega o momento

¹ GUARNIERI, Waldisa. *Exposição: texto museológico e o contexto cultural*. IN: Waldisa Rússio Carmargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. Organização: Maria Cristina Oliveira Bruno; colaboração Maria Inês Lopes Coutinho, Marcelo Mattos Araújo. São Paulo: Pinacoteca do Estado – Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 139.

de dar nome, reconhecer valores, de outros personagens ativos que se encontram ocultos nessa história.

Ao arregimentar uma cadeia operatória de fatos históricos, sociais, econômicos, culturais e afetivos, que constituíram a cidade tal como a conhecemos na contemporaneidade, singularizando ações e encadeando os acontecimentos dentro de uma outra perspectiva, ou seja, a da representatividade, da justaposição de elos identitários, para que possamos compreender o espaço expositivo e social do museu, como plural, representativo, identitário para a sociedade do hoje. Assim,

a descolonização do pensamento museológico significa a revisão das gramáticas museais, propiciando que patrimônios e museus possam ser disputados por um maior número de atores, materializando os sujeitos subalternizados no bojo de um fluxo cultural intenso que leve à composição de novos regimes de valor, a partir da denúncia dos regimes de colonialidade imperantes. (BRULON: 2020; 5).

Segundo Martins (2003), é necessário deixar claro que a discussão sobre cultura e patrimônio cultural é fundamental para se pensar as condições de exercício da cidadania. Quando se fala acerca dos produtos da cultura, ou seja, do patrimônio cultural, está se tratando de parte fundamental da sociedade, de todos, de cada um em particular, da alma e das emoções. Portanto, antes de se concluir pela importância do patrimônio cultural é fundamental o entendimento dele como condição para revelar as identidades e, ao mesmo tempo, garantir a condição de cidadãos.

De acordo com Scheiner, uma das importantes interfaces da museologia, debruça-se na comunicação, estando essa, umbilicalmente associada à linguagem, como códigos de signos e informações, para a produção/extroversão do conhecimento. Desse modo, podemos conjecturar que as exposições são o canal primeiro de contato entre a instituição museológica/cultural e o seu público.

O processo de comunicação museológica deve ter claramente objetivado, os meios, os suportes expositivos, que façam com que o visitante, ao final da visita à exposição, perceba cognitivamente os conhecimentos nela contidos. A linguagem museológica presente na expografia deve estar muito próxima ao cotidiano dos visitantes.

Trabalhar afetos, ser capaz de impactar a construção do discurso reflexivo do visitante, para que a exposição consiga alcançar seu objetivo maior: comunicar.

Marília Xavier Cury nos aponta que a exposição é entendida como “linguagem condensada”, na medida em que, “condensa atitudes e valores, sentimentos, afetividade, razão e emoção, sensibilidade. Promove a inferência como um exercício, a participação na dinâmica da cultura material e a cidadania”.

Nesse sentido, o público é o sujeito que na visita a uma exposição, se apropria do discurso expositivo, reconstrói os conhecimentos de acordo com suas subjetividades sobre o assunto, ou mesmo, com articulações com outros assuntos de seu cotidiano, desse modo, “discerne sobre realidade e ilusão, vive a afetividade, elabora e reelabora, ressignifica, negocia, argumenta, etc.”. Afinal, através dessa relação de alteridade entre museus e público, é que configura a função social dos museus.

Sobre essa questão, Cury nos convida a uma reflexão, ao sugerir que, “conceber e montar uma exposição significa construir e oferecer uma experiência de qualidade para o público”. No que tange essa “experiência”, a pesquisadora relata que só se enfatiza, na medida em que é possível, “caminhar por seu espaço, observar os objetos, apreender o conteúdo temático, apreciar os efeitos expográficos e sensoriais, observar, analisar, julgar, criticar, comparar, relacionar, lembrar, rejeitar, concordar, discordar, emocionar-se”.

Embasados em tais princípios, ao trabalharmos uma exposição que se qualifica como exposição de longa duração, em um museu de tipologia de museu de cidade, pois como bem enfatiza Ulpiano Bezerra de Menezes, "o museu de cidade deve ser uma referência inestimável para conhecer a cidade, entendê-la (no seu passado e no seu presente), fruí-la, discuti-la, pensar seu futuro, enfim, amá-la e preocupar-se com ele e agir em consequência"².

Frente ao decorrido em tela, a expografia procurará apresentar por meio de uma contextualização histórica através da [re]visita das temáticas abordadas ao longo do tempo nos processos expográficos do Museu Barão de Mauá, construindo um projeto contemporâneo, com bases solidificadas no presente, perfazendo contextualizações historiográficas, importantes, para uma leitura curatorial do acervo, coesa com a representação do papel social do museu.

² MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu de cidade e a consciência de cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos; KESSEL, Carlos Guimarães: GUIMARAENS, Cêça (org.). *Museus & Cidades*. Livro do Seminário Internacional "Museus e Cidades". Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003, p. 255-282.

5. PROPOSTA EXPOGRÁFICA.

O Museu Barão de Mauá, foi criado em 06 de novembro de 1982 pelo então prefeito Dorival Rezende, e foi assim nomeado em homenagem ao patrono da cidade que, segundo pensamento da época, teria morado na casa, onde o museu foi alocado. O Museu Barão de Mauá é atualmente o principal responsável pela manutenção da memória e pela pesquisa histórica no município de Mauá. Por seu caráter histórico, o museu tem sua identidade primeira ligada história da cidade de Mauá, e tem como missão preservar e divulgar a experiência histórica, a cultura e a identidade locais, contribuindo tanto para a salvaguarda patrimonial quanto para a extroversão do conhecimento produzido sobre a cidade e a ocupação desse território.

A exposição, desse modo, enfatizada por uma leitura curatorial do acervo, deve na contemporaneidade apresentar um discurso narrativo no qual perceba o visitante, não como sujeito passivo, mas ativo em suas escolhas, leituras de mundo, apresentando textos, legendas expandidas que dialoguem com as mais diversas realidades, e que promova a construção do conhecimento, seja de modo objetivo e/ou subjetivo no sujeito, estabelecendo pontes para a formação do conhecimento de cada visitante do espaço museológico.

Na contemporaneidade, os museus vivem uma (r)evolução de seu papel na sociedade, não podem mais ser considerados apenas centros de promulgação e preservação da memória de forma passiva, mas estar em consonância com as vicissitudes dos múltiplos acontecimentos sociais, políticos, econômicos, culturais, pelos quais a sociedade vem passando nos últimos tempos, assim como, com as mudanças de posturas da própria sociedade frente ao turbilhão de informações proporcionados pelo avanço e popularização da internet e dos dispositivos móveis, no qual a informação é rápida, sucinta e pronta a gerar impacto direto em suas vidas.

Desse modo, o museu na atualidade tem que atuar de forma ativa, sendo palco para a fruição e construção do conhecimento, reconhecendo o sujeito como único e plural, sendo o cenário para as mais variadas extroversões culturais e sociais, assim como, local

para o posicionamento de embates e construção multivocal de memórias, assegurando-se como um lugar de afirmação e reconhecimento de identidades e empoderamento.

Dentro dessa perspectiva, na qual o museu vem construindo novas atribuições em uma sociedade em profundas transformações, seu processo comunicacional, principalmente o extrovertido, por intermédio de suas exposições, deve assumir o papel de articulador dos múltiplos personagens os cativando para a construção conjunta do conhecimento.

As exposições devem, portanto, articular, desenvolver, promover, a cidadania, o pertencimento, o engajamento e principalmente envolver sua comunidade de modo afetivo, criando condições ideais para a criação de redes de relacionamentos, tendo como fio condutor a salvaguarda da história e da memória que os unem dentro do corpo cidadão, no qual o museu como espaço/cenário surge como palco por excelência para a construção conjunta de valores, de memórias, de afetos.

Embasados em tais premissas, o projeto da exposição de longa duração do Museu Barão de Mauá pauta-se pelo eixo condutor do diálogo horizontal, multivocal entre a equipe dos técnicos da Engenho Cultural e da equipe de colaboradores da Secretaria de Cultura de Mauá e do Museu Barão de Mauá.

Nesse sentido, existe uma comunhão dos ideais dessa proposta expográfica que visa à aproximação do seu entorno com os preceitos delineados por Varine, no que tange o entendimento do “patrimônio” enquanto recurso que deve servir concretamente a todos e ao conjunto das dimensões do desenvolvimento, isto é, não apenas à cultura e ao turismo, mas também à sociedade em seu todo, à economia, à educação, à identidade e à imagem, ao emprego ou à inserção social”³. Assim como o resgate de “uma identidade territorial e comunitária forte é sempre fundada, ao menos parcialmente, sobre a riqueza e sobre a qualidade do patrimônio, mas também sobre a relação estreita e cultural entre os habitantes (a comunidade viva) e o seu patrimônio”⁴.

A construção do conhecimento nesse processo não é unilateral, uníssona, mas transversal, multivocal, globalizante, em que todos somam, todos têm muito a contribuir na construção de uma grande colcha de retalhos, da qual todos são ao mesmo tempo

³ VARINE, Hugues. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013, p. 83.

⁴ VARINE, Hugues. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013, p.97.

únicos (singulares) e plurais (soma do conhecimento) e participantes ativos de um processo que não se estabelece de momento, mas a curto, médio e longo prazo, produzindo e construindo um bem em conjunto.

Evidencia-se assim, as bases para um patrimônio não de pedra e cal, mas de valores, de humanismo, de sentimentos, composto por pessoas ativas. Dado esse ponto de vista, vislumbrar todo o cabedal de ações, conceitos, posturas, justifica essa nova etapa do Museu Barão de Mauá. Pois, segundo Varine⁵, o museu que envolve a comunidade, o patrimônio, deve ser reconhecido por todos seus integrantes, e o acervo ou coleção tem vida, ou seja, é formado pelas pessoas que a congregam, principalmente nos usos e costumes que a comunidade possui e dele faz uso, na apropriação cultural dos eventos que ocorrem no museu desde a década de 1980, nas festividades: teatros, desfiles, seminários, saraus, exposições etc.

Embasados nesses exemplos, notamos que o patrimônio já está a serviço da comunidade. Nesse contexto, o museu passa a ser entendido como palco para o estabelecimento de relações dinâmicas com a sociedade, ampliando sua participação na valorização do que é seu, ou seja, seu patrimônio, sua identidade, não como algo secundário, por muitas vezes, não estar vinculado aos livros oficiais da história ou dentro dos museus ditos oficiais, mas como o ressoar de múltiplas vozes, que ao reconhecerem suas singularidades e sua importância, ecoam a toda a sociedade a importância de suas histórias e de seu patrimônio.

Norteiam a constituição da proposta expográfica:

- Pesquisa e seleção de Acervo;
- Direcionamento de Circuito Expositivo;
- Escolha de Suportes: vitrinas, platôs etc.;
- Projeto Luminotécnico – luz natural ou artificial;
- Projeto Expositivo – planta baixa e planta dos módulos expositivos;
- Projeto de Textos, legendas e seus suportes em recorte vinílico, plotagem, placas etc.;
- Cores – seleção e justificativa;
- Projeto de Conteúdo midiático: vídeos, totens etc.

⁵ VARINE, Hugues. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

6. OCUPAÇÃO DO ESPAÇO.

Comumente acontece no cenário museológico nacional e internacional a utilização de prédios históricos para abrigar equipamentos museológicos, quase que perfazendo uma idealização de espaços que justificam por seu fim, o seu re(uso), para essa finalidade. Todavia, as adaptações de prédios criados originalmente para outra finalidade, como espaços museológicos, requerem ajustes nem sempre possíveis ou fáceis de solucionar.

Assim, para a concepção da proposta expográfica no espaço da Casa Bandeirista de Mauá, requereu de modo singular, a criação de uma expografia que dialogasse e respeitasse a arquitetura do lugar, ou seja, um prédio histórico do século XVIII, com paredes em taipa de pilão, espaços com dimensões distintas; grandes janelões de madeira com sistemas de aberturas diferentes de um ambiente para outro; pé direito alto; portas e passadeiras de tamanhos distintos, perfazem o cenário de uma edificação, também musealizada, visto ser um bem edificado reconhecido como bem cultural de interesse histórico-arquitetônico⁶, que abriga um equipamento museológico, que visa comunicar a produção do conhecimento, por meio de uma ação de comunicação museológica, enfatizada por intermédio de uma exposição.

A seguir apresentamos alguns registros fotográficos do atual do processo de ocupação dos ambientes do museu e suas propostas expográficas:

⁶ Diário Oficial do Estado de São Paulo. Resolução 24 de 27/12/1983. Processo de Tombamento “Casa do Barão de Mauá - Livro do Tombo Histórico: inscrição nº 216, p. 61, 12/01/1984 - Res.-24-de-27.12.83-DOE-28.12.83-pg.9.pdf. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/casa-do-barao-de-maua/>. Acesso: janeiro de 2024.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Perspectiva da Fachada do Museu Barão de Mauá – Acesso principal.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Sinalização de Identificação do Museu - Fachada do Museu Barão de Mauá – Acesso principal.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Exposição Temporária: “Museu Barão de Mauá – 40 anos de história, memória e arte.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Exposição Temporária: “Museu Barão de Mauá – 40 anos de história, memória e arte.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Mobiliário Expográfico e acervo em exposição.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Detalhes do acervo e dos recursos expográficos.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Detalhes dos recursos expográficos.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Detalhes dos recursos expográficos.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Detalhes dos recursos expográficos e modos de exibição do acervo.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Detalhes dos recursos expográficos: acervo sobre acervo.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Sala de atendimento a pesquisadores e consultentes.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Sala de atendimento a pesquisadores e acondicionamento do acervo em suporte papel: documentos textuais e fotografias.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Escada de acesso ao espaço de acondicionamento do acervo/Reserva Técnica.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Acondicionamento do acervo/Reserva Técnica.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Acondicionamento do acervo/Reserva Técnica.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Acondicionamento do acervo/Reserva Técnica.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Acondicionamento do acervo/Reserva Técnica.



Foto/2022: Rodrigo Luiz dos Santos – Acondicionamento do acervo/Reserva Técnica.

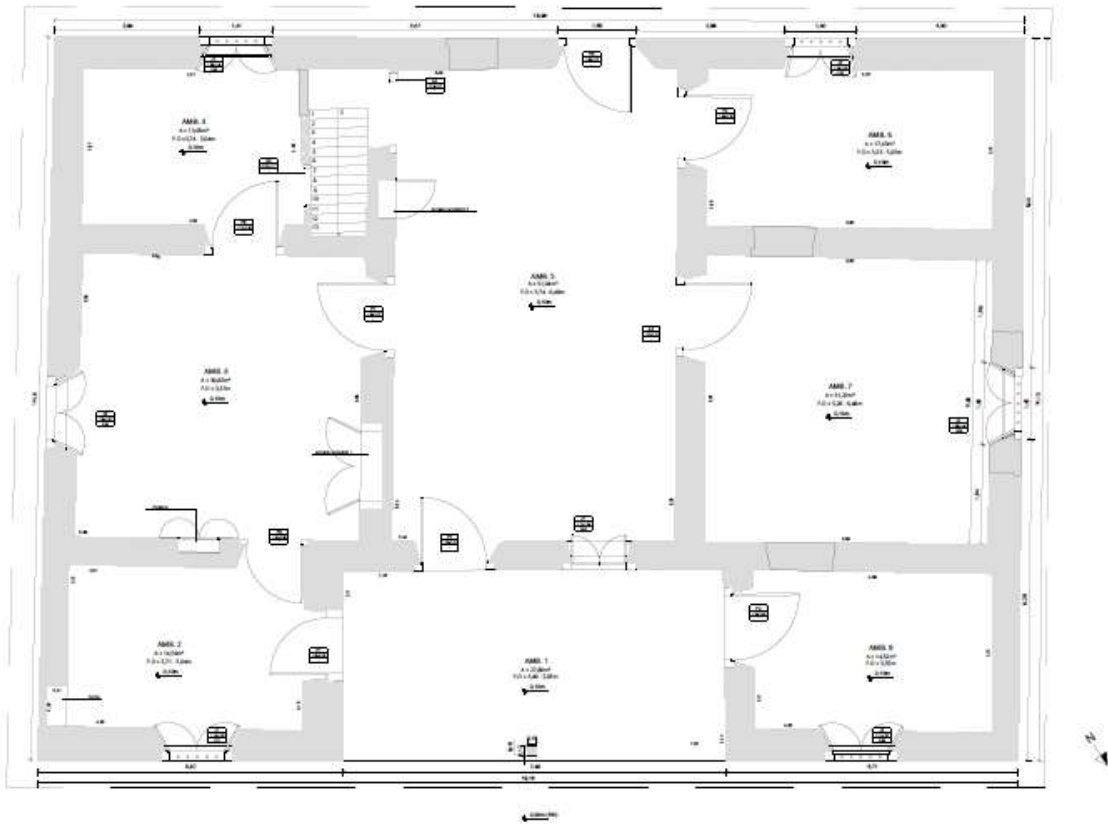


Foto/2023: Rodrigo Luiz dos Santos – Oficina de Conservação Preventiva de Acervos Museológicos. Adaptação do espaço expositivo para abrigar a atividade.

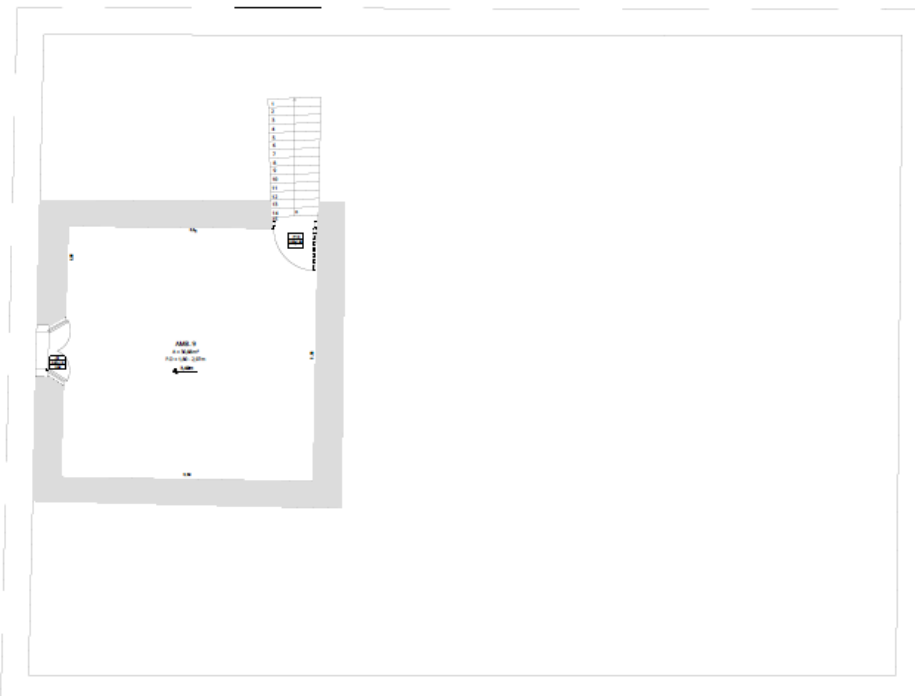


Foto/2023: Rodrigo Luiz dos Santos – Oficina de Conservação Preventiva de Acervos Museológicos. Adaptação do espaço expositivo para abrigar a atividade.

6.1 Planta do Edifício



Planta Baixa – Pavimento Térreo – Distribuição dos Ambientes. Fonte: LARGO Arquitetura/2023.



Planta Baixa – Segundo Pavimento – Jirau. Fonte: LARGO Arquitetura/2023.

6.2 Localização Geográfica do Museu Barão de Mauá



Google Maps/2024: O Museu encontra-se na região central da cidade de Mauá, próximo a corredores de ônibus urbano, ruas de comércio popular e há 2,5 KM do Santuário Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Mauá.

6.3 Compreendendo o espaço e seus usos

Nas visitas realizadas ao espaço entre os meses de janeiro de 2022 a junho de 2023, notamos os usos dados pelos colaboradores da municipalidade que ali atuam e, desse modo, a vivência/experiência da edificação no seu cotidiano. Evidenciando uma conturbada e quase nula diferenciação entre espaços de trabalho, espaços expositivos e espaços de convivência, assim como, a não compreensão da salvaguarda do acervo, por alguns colaboradores, que fazem uso de determinadas peças, como objetos de uso cotidiano, sem perceber, que os objetos musealizados, carecem de cuidados e atenção especial.

Desse modo, em comum acordo com a equipe que atua nas dependências da edificação que abriga o Museu Barão de Mauá, apresentamos um projeto de redefinição dos espaços, separando as distintas utilizações em área expositiva, área administrativa, área de guarda de materiais de uso cotidiano e área de convivência, com a finalidade de construção de um circuito expositivo no qual tanto os visitantes como os colaboradores percebam claramente as distintas áreas de acesso livre e acesso restrito.

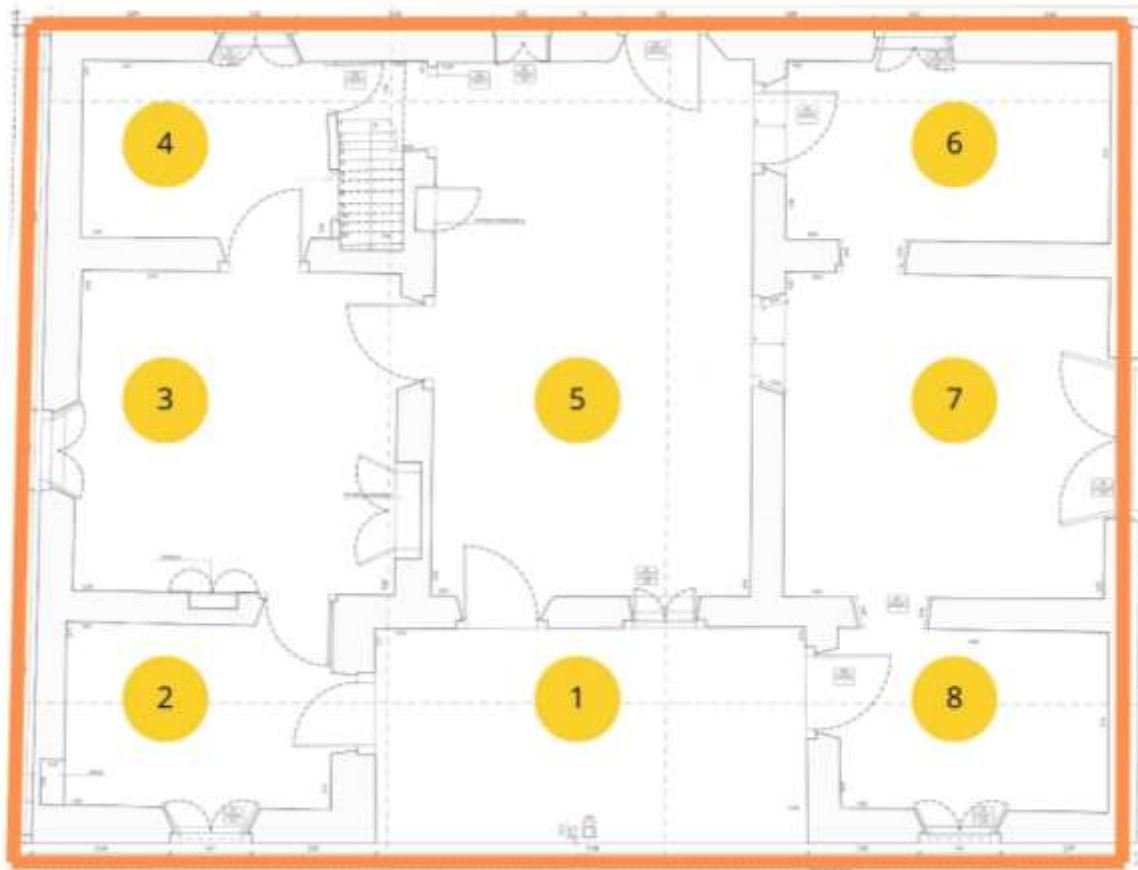
Assim, propomos um circuito único e fechado para o processo de visitação da nova expografia: o acesso a edificação e ao percurso expositivo se dará pelo alpendre, que além de recepcionar o visitante, terá a função de direcioná-lo para a área de chapelaria/recepção, e em seguida para o primeiro módulo da exposição, já que essa área, está ladeada por dois cômodos que juntos com o alpendre, formam um mesmo eixo vertical.

A área expositiva corresponde a um total de 172,72 m², distribuídos em 7 espaços físicos, que serão utilizados como espaços expositivos de longa duração e curta duração e/ou multiuso, assim como, um espaço de 30,88m², localizado no segundo pavimento da edificação (jirau), que poderá abrigar um espaço expositivo/cenário teatralizado, sem acesso direto do visitante, mas que por intermédio de uma instalação incidirá diretamente sobre o visitante.

As áreas de acesso restrito, tais como: reserva técnica, atendimento a consulentes, áreas de trabalho, copa, sanitários, almoxarifado, seguindo a orientação do “Projeto Executivo de restauro e revitalização do patrimônio histórico e cultural – Museu Barão de Mauá”, após o processo de intervenção de restauro, serão realocadas num corpo de edificação a ser construído, anexo a edificação principal, respeitando assim, todas as premissas dos órgãos reguladores do bem tombado, assim como, os conceitos delineados pelos teóricos da restauração; dos diversos documentos norteadores do campo específico da restauração; da legislação nacional, estadual e local, que versam sobre a proteção dos bens culturais edificados e deliberam sobre os procedimentos para toda e qualquer intervenção; assim como as premissas dos Conselhos de Defesa do Patrimônio.

Assim, apresentamos abaixo, sugestão inicial para a ocupação dos espaços, a partir das denominações dos ambientes constantes nas plantas baixas do pavimento térreo da edificação, presente no “Projeto Executivo de restauro e revitalização do patrimônio histórico e cultural – Museu Barão de Mauá”:

Ambiente	Denominação	Função
1	Alpendre	Acolhimento
8	Recepção e chapelaria	Recepção e chapelaria
2	Módulo I	Exposição de Longa Duração
3	Módulo II	Exposição de Longa Duração
4	Módulo II	Exposição de Longa Duração
5	Espaço Multiuso	Exposições de Curta Duração e outras possibilidades de atividades culturais e museológicas
6	Módulo III	Exposição de Longa Duração/Espaço Multiuso
7	Módulo IV	Exposição de Longa Duração



Planta Baixa – Pavimento Térreo – Distribuição dos Ambientes. Fonte: LARGO Arquitetura/2023.

7. Expografia

O projeto expográfico e museográfico poderá basear-se na proposta curatorial a ser desenvolvida, como já mencionado, seja pela equipe de colaboradores do museu, e/ou equipe a ser contratada especificamente para esse fim, com o objetivo primeiro de desenvolver a pesquisa: **A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente.**

A pesquisa deverá seguir o rigor científico e basear-se em referências históricas válidas em fontes primárias, fazendo indicações das referências iconográficas e as sugestões dos nomes de pesquisadores (grandes referências no cenário nacional e internacional), que comungam em suas pesquisas com os temas e assuntos presentes em sua abordagem curatorial. A pesquisa, pode ainda, partir do trabalho constante no escopo principal do “Projeto Executivo de restauro e revitalização do patrimônio histórico e cultural – Museu Barão de Mauá”, no item 2.1- Pesquisa Histórica.

Salientamos que o processo de pesquisa para o embasamento e direcionamento curatorial, inicie conjuntamente com as obras de restauração, visto que projetamos a dedicação aos temas sugeridos para a pesquisa, um período de aproximadamente 14 meses.

Partindo dos referenciais históricos, sociais e culturais presentes na pesquisa, será construída uma leitura expográfica e museográfica para desenvolvermos os temas apresentados, dividindo-a em módulos e eixos temáticos, que perfazem ao todo, o próprio circuito expositivo da nossa exposição.

Assim, como proposta para o nome da exposição, sugerimos parte do nome do projeto curatorial: “A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado”. Tal sugestão tem como missiva apresentar ao público os módulos – fios condutores de toda a proposta curatorial.

Apresentamos ainda, uma ideia inicial de arte identitária da exposição, apenas como caminho, para auxiliar na compreensão do projeto. Sugerimos a cor marrom para a fonte tipográfica para fazer uma alusão à coloração da terra, para fazer a interligação entre os processos de ocupação do solo (Terra), assim como, o material principal constituinte das paredes da edificação (Barro sovado), e ainda o retorno das madeiras das portas e esquadrias, após o processo de intervenção e restauro. Já a escolha da tipografia na fonte

Bedas Neue, Pompieri e Aleo foram pensadas tanto para dar a ideia de sobriedade, como também, de interligação para os acontecimentos históricos.

A CASA que
nunca foi do BARÃO
camadas sobrepostas do passado

Proposta de Identidade Visual – Projeto Expográfico Museu Barão de Mauá - “Projeto Executivo de restauro e revitalização do patrimônio histórico e cultural – Museu Barão de Mauá”.

A ideia propulsora para a criação desse projeto partiu da contextualização dos referenciais históricos desencadeados a partir dos temas referentes aos fatos e encadeamentos históricos da formação do local, assim como, da formação do próprio acervo constituinte do Museu, portanto, camadas sobrepostas do passado.

Sugerimos como elos de interligação dos módulos expositivos, a confecção de todo mobiliário expográfico, em madeira ecológica (MDF), em diferentes formatos, espessuras e tipologias, a fim de fazer alusão tanto às madeiras cortadas, nas aberturas das picadas para abertura dos caminhos para adentrar os sertões paulistas, pelos bandeirantes e posseiros de sesmarias, assim como, as estruturas de madeiras utilizadas na trama do processo do pau-a-pique, interligando-se ainda aos dormentes dos trilhos do trem, que após sua chegada, transforma a urbe da cidade, levando ao seu desenvolvimento, quase que desenfreado.

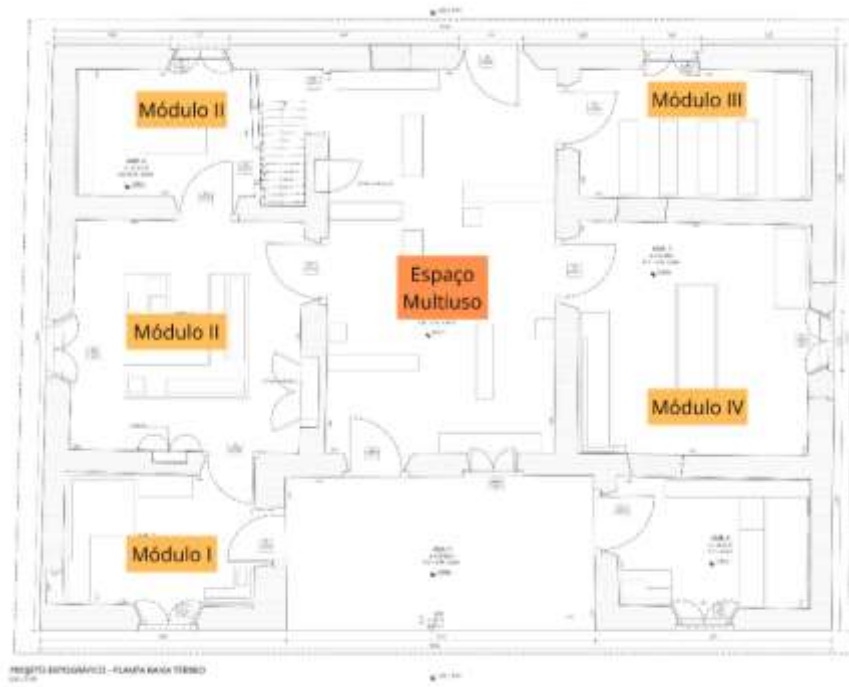
Em cada módulo a tipologia do mobiliário tenderá a ganhar novo desenho, a fim de deixar implícito para o visitante que, apesar de estarmos tratando um mesmo assunto, o tema trabalhado é outro, perfazendo desse modo, através do próprio mobiliário, o fio condutor do circuito expositivo.

Partimos ainda da demanda de que o mobiliário expográfico, deva ser modular, com a finalidade de ser possível a recriação de outras possibilidades de sua utilização, assim que a equipe de colaboradores do museu, desenvolva com o passar do tempo, outros

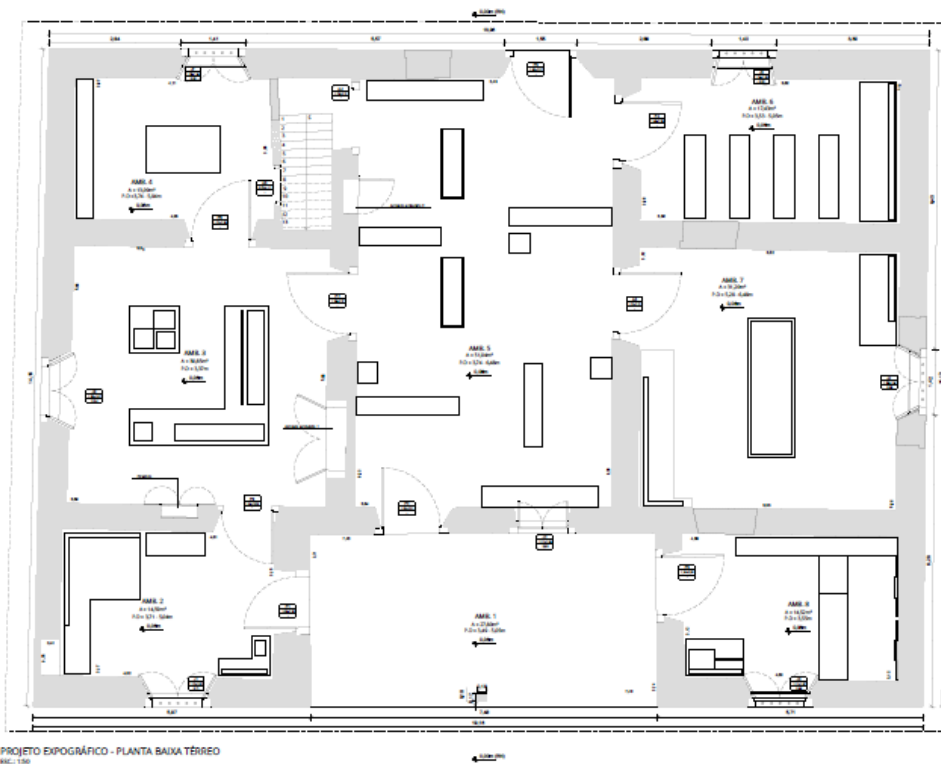
recortes curatoriais, sendo fácil de ser readaptada e reutilizada, ganhando novos desenhos, a partir dos projetos expográficos.

Assim, embasados pela pesquisa curatorial, sugerimos os possíveis módulos e eixos e temas que poderão direcionar os trabalhos:

Módulo	Eixos	Sugestão de Temas
I	O Território	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ocupação do Solo - sesmeiros; 2. A estrada móvel – abertura de picadas; 3. Topônimos indígenas – identidade indígena presente; 4. A figura do fundador; 5. Cartografia; 6. Iconografia; 7. De vilarejo a cidade; 8. Depoimentos de Especialistas.
II	A Casa	<ol style="list-style-type: none"> 9. Uma casa bandeirista - contextualização e representatividade; 10. Processos de Construção; 11. Antigos Moradores; 12. A casa que nunca foi do Barão; 13. Processo de tombamento – singularidades do patrimônio; 14. Patrimônio para além da pedra e cal; 15. O chão que fala – processos arqueológicos do presente, testemunhos do passado; 16. Iconografia; 17. Documentos Textuais; 18. Depoimentos de Especialistas.
III	O Lugar	<ol style="list-style-type: none"> 19. A cidade se molda – Mauá: de cidade dormitório a eixo econômico; 20. O trem; 21. Uma cidade fabril; 22. Teatro da memória: representatividades da cultura e memória local; 23. Parques: refúgios; 24. Documentos Textuais; 25. Iconografia; 26. Vídeos; 27. Depoimentos de Especialistas.
IV	Identidade	<ol style="list-style-type: none"> 28. A escolha do local para a nova vida – processos imigratórios; 29. Uma cidade fabril; 30. Fábricas de Louças – a arte se estabelece; 31. Documentos Textuais; 32. Iconografia; 33. Vídeos; 34. Depoimentos de Especialistas.



Planta Baixa: Volumetria dos Módulos Expositivos - Pavimento Térreo. Fonte: LARGO Arquitetura/2024.



Planta Baixa: Volumetria dos Módulos Expositivos - Pavimento Térreo. Fonte: LARGO Arquitetura/2024.

Em suma, será pela forma que engendramos a exposição que se dará a compreensão dos quatro módulos, mas principalmente a percepção de Território, de identidade local e regional. Portanto, de pertencimento.

A ideia geral no que toca à expografia, é apresentar um espaço neutro, congregando a arquitetura do edifício à mostra. Os temas abordados tangeiam o patrimônio material e imaterial da localidade. Intencionamos que o visitante local ou não, seja instigado a “descobrir” dados interessantes da história local e regional.

E ainda buscamos apresentar dados históricos e passagens interessantes para a história local, contextualizada por meio das fontes oriundas no desenvolvimento da pesquisa documental, passagens relevantes dessa história, além de informações geográficas, econômicas, políticas e sociais. Dentro desse contexto, buscaremos apresentar os assuntos de forma dinâmica, nos padrões do “Você Sabia?”, de modo didático e que possibilite a interação do visitante com a mostra, seja através de conteúdos a serem disponibilizados em Smart TVs ou por acesso via QR-codes.

Desse modo, com uma leitura fundamentada nas relações de alteridade trazidas pela antropologia, e nas diretrizes da etnografia para museus, a leitura que se dará nas salas expositivas, apresentará o território em que o museu está inserido, demonstrando nessa grande vitrina, aspectos relacionados à cultura tradicional local no que tange os bens materiais e imateriais.

Abrindo o leque de leituras, cabe ainda ressaltar dentro desse território, as heranças locais, advindas e incorporadas através dos séculos, da região, ou seja, Mauá, que apresenta aspectos únicos, e nesse sentido, contextualizar a história do Brasil, de modo em que o visitante seja capaz, ao percorrer a exposição, de fazer correlações e inter-relações entre os assuntos, e que ao final de sua visita, seja possível compreender o quão importante a cidade, representa para o desenvolvimento local, regional, nacional e internacional.

7.1 Acervo do Museu Barão de Mauá

O levantamento do acervo deverá ser realizado a partir do projeto curatorial, tendo como premissas, representatividade do objeto para a coleção musealizada e para a

narrativa histórica-social para a localidade; estado de conservação; ficha de catalogação com informações confiáveis que respalde a produção de leituras do acervo.

Sugere-se ainda a feitura do Plano Museológico e da Política de Acervo da instituição museológica em tela, uma vez em que, no presente momento, tais documentos norteadores para o fazer cotidiano dos trabalhos museológicos, é inexistente. Cabe ainda, a feitura de um arrolamento contemporâneo do acervo, que ateste a real existência dos bens, para além, do estado de conservação dos mesmos, visto, que o direcionamento técnico para o acondicionamento do acervo nos últimos anos, não seguiu qualquer direcionamento ou rigo técnico do campo da conservação preventiva.

7.2 Diretrizes para o projeto Luminotécnico

Os ambientes do Museu Barão de Mauá possuem sistema de iluminação convencional simples. Os ambientes possuem forma retangular, tendo como cor padrão de suas paredes de Taipa de Pilão e Taipa de Mão, o branco. Possui portas e janelas que dão acesso direto para a entrada de iluminação natural e pé direito flutuante de um espaço para o outro.

O projeto luminotécnico encontra-se no escopo principal do “Projeto Executivo de restauro e revitalização do patrimônio histórico e cultural – Museu Barão de Mauá”. Que para além do espaço expositivo, foi cuidadosamente projetado para auxiliar na conservação preventiva do acervo a ser exposto, frente ao Índice de Iluminância permitidos pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus), de acordo com os tipos de suportes (plotagens, objetos em couro, papel, tecido, madeira etc.). Trabalharemos com um índice de iluminância de no máximo 150 lux⁷. Recomenda-se que o nível de UV não ultrapasse a faixa de 75 W/lm (microwatts por lúmen) e o tempo de exposição seja controlado.

Desse modo, o projeto de iluminação buscará primeiramente a conservação e preservação das obras, assim como, a valorização estética delas, para a maior fruição do espectador, por meio da escolha adequada do tipo de lâmpada, controle do índice de

⁷ ICOM - Conselho Internacional de Museus. França e Inglaterra. Tabela dos limites de iluminância. IN: BARBOSA, Luís Antônio Greno. Iluminação de Museus, galerias e objetos de arte. Universidade Estácio de Sá: Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/Museus/Copy%20of%20artigos/iluminacao_de_museus_galeias_e_objetos_de_arte.pdf. Acesso: 18/06/2015.

iluminância, posição dos focos, evitando ofuscamento, sombras, sendo distribuídas pelo espaço por meio de uma iluminação geral e semi-indireto⁸.

Dadas as especificidades do suporte do objeto a ser exposto em painéis móveis/paredes falsas, vitrinas e mesas expositivas, optamos por utilizar dois tipos de lâmpadas LED, objetivando a abrangência da abertura do foco, cor da luz e os índices de iluminamento, visto que o LED não emite raios UV e Infravermelho, tem baixa emissão de calor, o que ajuda a manter uma temperatura sadia sobre as peças e agradável a sensação do ambiente.

7.3 Proposta de Volumetria dos Mobiliários/Módulos Expositivos

- Módulo I – O Território



Projeção em SketchUp. Ambiente 2/Vista 1. Desenvolvido por: LARGO Arquitetura/2024.

⁸ SOLANO, Nelson. Iluminação de Museus – Os sistemas e seus efeitos. IN: Revista LUME Arquitetura. Nº 39, agosto/setembro de 2009, pp. 77-86. Disponível em: http://lumearquitectura.com.br/pdf/ed43/ed_43%20AT%20-%20Ilumina%C3%A7%C3%A3o%20de%20Museus.pdf. Acesso: 20/06/2015.

Ao trabalhar o território mauaense desde a compreensão dos povos originários, o processo de ocupação ao longo do tempo, em seus variados processos históricos, buscaremos através de uma leitura contemporânea do acervo, apresentar a partir de um rico estudo cartográfico, micro entrevistas com diversos pesquisadores, produção de vídeos, convidar nosso visitante, a adentrar o circuito expositivo, apresentando com projeções de vídeos no platô do chão, das estruturas que compõem o mobiliário expográfico, as mudanças cartográficas dos processos de ocupação desse território, até os dias atuais, já com a utilização do sistema google maps em tempo real.

Uma vitrina ainda foi projetada para acondicionar o acervo etnográfico, afinal, em nossa projeção de leitura atualizada dos processos históricos que perfazem as camadas sobrepostas de passado, trazemos à tona, os elementos ocultados até o momento. Assim, ao propor a nova leitura de discursos narrativos, os sesmeiros, os bandeirantes, a figura do fundador, moldam-se e amalgama-se com narrativas ora romantizadas, ora adormecidas, mas que carecem na atualidade serem repensadas.



Projeção em SketchUp. Ambiente 2/Vista 2. Desenvolvido por: LARGO Arquitetura/2024.

- Módulo II – A Casa



Projeção em SketchUp. Ambiente 3/Vista 1. Desenvolvido por: LARGO Arquitetura/2024.

Ao pensar o módulo Casa, nos deparamos para além das singularidades de todas as vertentes e possibilidades que permeiam o assunto, projetar esse espaço em diálogo direto e íntimo com o próprio ambiente, afinal, esse cômodo, apresenta camadas sobrepostas de passado, marcados na própria estrutura edificada, devido aos processos de morar, de viver, de conviver, dos antigos moradores.

O espaço apresenta uma riqueza de detalhes arquitetônicos plural, tais como, o oratório doméstico embutido na parede, armário embutido, três aberturas de portas distintas, pé direito baixo, forro em madeira corrida. Nesse espaço-cenário, optamos pela criação de um mobiliário baixo, com desenho contemporâneo, e que através das vitrinas em sistemas de mesas, convidaremos o visitante a adentrar a compreensão do acervo, com a projeção de uma expografia afetiva.

Os temas: Uma casa bandeirista - contextualização e representatividade; Processos de Construção; Antigos Moradores; A casa que nunca foi do Barão; Processo de tombamento – singularidades do patrimônio; Patrimônio para além da pedra e cal, serão trazidos por meio de textos no formato “Você Sabia”, telas de vídeo que sobrepostas as mesas, documentação do processo construtivo da casa, além de vários álbuns

fotográficos, em estilo antigo, com inúmeras páginas, para que o visitante, possa folhear a seu tempo, e adentrar nesse universo, acomodados em cadeiras que estarão disponíveis em espaços ao redor das mesas. A ideia dos álbuns parte principalmente pelo fato, de que hoje, esse espaço abriga a salvaguarda de um importante acervo de fotografias e documentos textuais.



Projeção em SketchUp. Ambiente 3/Vista 2. Desenvolvido por: LARGO Arquitetura/2024.



Projeção em SketchUp. Ambiente 4/Vista 1. Desenvolvido por: LARGO Arquitetura/2024.

Perfaz ainda esse módulo, outro ambiente da casa, no qual trabalharemos as questões do “chão que fala – processos arqueológicos do presente, testemunhos do passado”; ou seja, da casa, do seu terreno, enquanto sítio arqueológico. Serão as escavações futuras, realizadas pelos arqueólogos, e conseqüentemente a coleção oriunda desse processo que formará o acervo a ser exposto.

Em todos os ambientes projetaremos um design visual único, criado exclusivamente para o projeto expográfico, e que fará a ponte comunicacional com nossos visitantes, seja por intermédio de textos de parede, legendas curtas e estendidas, telas com projeções de vídeos, artes de comunicação lúdica, entrevistas.

Essa ambientação contará ainda com uma vitrina no chão, a qual demonstrará as camadas estratigráficas do solo, assim, o “chão que fala”, é evidenciado pelos achados arqueológicos, mas também dos processos “arqueológicos” da casa, resultado do processo de restauro. Os testemunhos do passado da edificação, da ocupação do solo, nos auxiliarão na compreensão das camadas sobrepostas do passado.



Projeção em SketchUp. Ambiente 4/Vista 2. Desenvolvido por: LARGO Arquitetura/2024.

- Módulo III – O Lugar

Nesse módulo trabalharemos os temas relacionados ao lugar, ou seja, a cidade de Mauá: A cidade se molda – Mauá: de cidade dormitório a eixo econômico; O trem; Uma cidade fabril; Teatro da memória: representatividades da cultura e memória local; Parques: refúgios; Documentos Textuais; Iconografia; Vídeos e Depoimentos de Especialistas.

A proposta expográfica dessa sala faz a leitura contemporânea de uma antiga sala de teatro ou de cinema. O conteúdo apresentado, ora se dará por minidocumentários que ficarão rodando em um aparelho de *Smart TV* de grande dimensão (80”), ora pelo som de narrativas, que sairão de caixas de som, disponibilizados pelo espaço, assim como, com acesso via smartphones dos visitantes com a leitura de QR-Codes.

O mobiliário disponível nesse espaço, poderá ainda ser utilizado nas atividades a serem desenvolvidas no ambiente multiuso.



Projeção em SketchUp. Ambiente 6/Vista 1. Desenvolvido por: LARGO Arquitetura/2024.

- Módulo IV: Identidade

Nesse módulo, abordaremos os temas: A escolha do local para a nova vida – processos migratórios; uma cidade fabril; Fábricas de Louças – a arte se estabelece; Documentos Textuais; Iconografia; Vídeos e Depoimentos de moradores das cidade.

A ideia propulsora desse espaço, é mostrar o protagonista moderno e contemporâneo nos processos de ocupação do espaço, seja pelas fábricas, seja por correntes migratórias e imigratórias, que formatam a atual população do território, assim como, a mola propulsora do poderio econômico, advindo principalmente das fábricas localizadas na cidade. A louçaria pertencente ao acervo do museu, nessa proposta expográfica, estarão evidenciadas como verdadeiros tesouros nesse espaço.

O pertencimento ao território se dá pelo reconhecimento dos sujeitos com os elos identitários, culturais, sociais, políticos, econômicos e afetivos com o local. O Museu Barão de Mauá ao assumir sua missão como museu de cidade, deve reconhecer, conhecer, instigar, convidar os sujeitos plurais a se reconhecerem com sua nova narrativa expográfica.



Projeção em SketchUp. Ambiente 7/Vista 1. Desenvolvido por: LARGO Arquitetura/2024.



Projeção em SketchUp. Ambiente 7/Vista 2. Desenvolvido por: LARGO Arquitetura/2024.

- Espaço Multiuso.

A projeção desse espaço, tem a missão de interligar todos os ambientes expográficos, sobre a luz, de propostas curatoriais de exposições de curta duração, itinerantes, saraus, lançamentos de livros, oficinas culturais e formativas, além de uma grande variedade de possibilidades de eventos, todavia, sempre condizentes com o eixo curatorial do espaço museológico, ampliando a possibilidade de construção e extroversão do conhecimento.



Projeção em SketchUp. Ambiente 5/Vista Aérea. Desenvolvido por: LARGO Arquitetura/2024.



Projeção em SketchUp. Ambiente 5/Vista 1. Desenvolvido por: LARGO Arquitetura/2024.



Projeção em SketchUp. Ambiente 5/Vista 1. Desenvolvido por: LARGO Arquitetura/2024.

8. PROPOSTA DE CRONOGRAMA.

1 – Processo Curatorial

Cronograma – meses: 12.

- Serviços:

- ✓ reuniões com equipe principal;
- ✓ revisão documentos técnicos;
- ✓ acompanhamento de detalhes no espaço e administrativo;
- ✓ formalização de documentação;
- ✓ contato com instituições culturais para formalizar uso de imagens;
- ✓ produção de estrutura expográfica – plotagem, impressão placas, criação de arte, produção conteúdo QR-Code, produção de vídeo, produção de legendas e áudio, produção de paredes falsas, caixas, expositores e tablados, vitrines; fechamento de transporte físico;
- ✓ produção educativo – criação, produção e impressão gráfica – impresso e 3D, compra de objetos bi e tridimensionais;
- ✓ curadoria - pesquisa e levantamento, coleta de depoimentos,
- ✓ compra e instalações elétricas.

- Profissionais envolvidos – gestor, museólogo, curador, pesquisador, educativo, designer gráfico, produtor audiovisual, prestadores de serviço: marcenaria, eletricitista, plotagens e impressões gráficas.

2 – Produção – execução / inauguração

- Cronograma – 6 meses.

- Serviços:

- ✓ reuniões com equipe principal;
- ✓ auxílio de detalhes no espaço e administrativo;
- ✓ acompanhamento equipe educativo – formalização de parcerias, auxílio na programação cultural; capacitação de equipe;
- ✓ fechamento e arremate de detalhes expositivos – capacitação de equipe;
- ✓ elaboração plano de comunicação;

✓ inauguração.

- Profissionais envolvidos – gestor, museólogo, curador, pesquisador, educativo, assessor comunicação.

3 – Pós-produção

- Cronograma – 1 mês.

- Serviços:

- ✓ reuniões com equipe principal;
- ✓ auxílio de detalhes no espaço e administrativo;
- ✓ acompanhamento equipe educativo;
- ✓ assessoria de comunicação;
- ✓ relatórios técnicos e financeiros;
- ✓ avaliação geral do projeto.

- Profissionais envolvidos – gestor, assessor comunicação.

Item	Ação	Projeção											
		Meses											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1	Projeto Curatorial - Pesquisa	■	■	■	■								
2	Projeto Curatorial – Finalização dos Eixos			■	■	■							
3	Projeto Curatorial – Definição do Acervo				■	■	■						
4	Projeto Expográfico – Desenho e Finalização do Mobiliário Expográfico					■	■	■					
5	Projeto Museográfico – Finalização das Artes e Layouts.						■	■					
6	Montagem do Mobiliário Expográfico						■	■					
7	Montagem do Projeto Luminotécnico						■	■					

8	Produção de Conteúdo – QR Code e hospedagem	1	8.200,00	8.200,00
9	Produção de Vídeos	1	14.000,00	14.000,00
10	Produção de Legendas e Audiodescrição para os vídeos	1	8.000,00	8.000,00
TOTAL				56.550,00

III– Expografia/Mobiliário:

Item	Ação/Contratação/Serviço a Executar	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total
1	Base expositiva em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor branca, nas dimensões: 0,20 X 1,44X1,60 cm	1	3.800,00	3.800,00
2	Base expositiva em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor branca, nas dimensões: 0,20 X 1,65X0,45 cm	1	2.500,00	2.500,00
3	Parede Falsa em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor branca, nas dimensões: 2,10 X 1,90X 6 cm	1	3.600,00	3.600,00
4	Parede Falsa em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor branca, nas dimensões: 2,10 X 1,50X 6 cm	1	3.300,00	3.300,00
5	Vitrine Vertical em MDF com acabamento em fórmica branca nas dimensões: 2,30 X 1,30 X 0,50 – Com portas de correr em vidro cristal, temperado, antirreflexo.	1	6.900,00	6.900,00
6	Base expositiva em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor branca, nas dimensões: 0,20 X 1,10 X 0,40 cm	1	2.500,00	2.500,00
7	Base expositiva em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor branca, nas dimensões: 0,20 X 0,55 X 0,40 cm	1	1.300,00	1.300,00
8	Cubo expositiva em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor branca, nas dimensões: 0,60 X 0,35 X 0,30 cm	1	690,00	690,00
9	Parede Falsa em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor	1	3.000,00	3.000,00

	branca, nas dimensões: 2,10 X 1,10X 6 cm			
10	Vitrine Horizontal em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor freijó puro e branca, nas dimensões: 0,80 X 1,10X 1,10 cm – 2 nichos: 0,20 X 0,45 X 0,40 cm	1	4.100,00	4.100,00
11	Vitrine Horizontal em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor freijó puro e branca, nas dimensões: 0,80 X 3,00 X 0,80 cm – 1 nichos: 0,20 X 1,90 X 0,35 cm	1	6.400,00	6.400,00
12	Vitrine Horizontal em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor freijó puro e branca, nas dimensões: 0,80 X 2,20 X 0,95 cm – 1 nichos: 0,20 X 2,00 X 0,35 cm	1	5.800,00	5.800,00
13	Divisória em MDF de 6mm- com acabamento em fórmica na cor branca – 0,23 X 2,00 cm	1	400,00	400,00
14	Vitrine Vertical em MDF com acabamento em fórmica branca nas dimensões: 3,35 X 3,00 X 0,40 cm– Com portas de correr em vidro cristal, temperado, antirreflexo.	1	9.100,00	9.100,00
15	Parede Falsa de MDF de 6mm com estrutura em caibros nas dimensões: 2,00 X 1,80 X 0,40, com acabamento em fórmica na cor natural.	4	1.600,00	6.400,00
16	Base expositiva de MDF de 6mm com estrutura em caibros nas dimensões: 0,80 X 0,45 X 0,45, com acabamento em fórmica na wood oásis.	6	780,00	4.680,00
17	Vitrine Horizontal em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor wood oásis e branca, nas dimensões: 0,85 X 1,50 X 0,50 cm – 1 nichos: 0,14 X 1,45 X 0,45 cm – com tampo em vidro cristal, temperado, antirreflexo.	2	3.031,30	6.062,60
18	Banco em MDF de 6mm com estrutura em caibros nas dimensões: 0,42X0,40X2,50, com acabamento em fórmica na wood oásis.	2	1.600,00	3.200,00
19	Base expositiva de MDF de 6mm com estrutura em caibros nas dimensões: 0,20 X 0,40 X 3,00, com	1	6.200,00	6.200,00

	acabamento em fórmica na cor verde real.			
20	Parede Falsa em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor freijó puro, nas dimensões: 2,10 X 3,00 X 6 cm	1	5.100,00	5.100,00
21	Banco em MDF de 6mm com estrutura em caibros nas dimensões: 0,42 X 0,40 X 1,80, com acabamento em fórmica freijó puro e verde real.	6	1.420,00	8.520,00
22	Base expositiva de MDF de 6mm com estrutura em caibros nas dimensões: 0,20 X 0,80 X 1,95, com acabamento em fórmica na cor freijó puro	1	4.200,00	4.200,00
23	Parede Falsa em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor azul secreto, nas dimensões: 2,10 X 1,40 X 6 cm	1	3.500,00	3.500,00
24	Cubo expositiva em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor freijó puro, nas dimensões: 0,60 X 0,45 X 1,10 cm	1	890,00	890,00
25	Base expositiva de MDF de 6mm com estrutura em caibros nas dimensões: 0,20 X 0,70 X 3,20, com acabamento em fórmica na cor freijó puro	1	7.800,00	7.800,00
26	Base expositiva de MDF de 6mm com estrutura em caibros nas dimensões: 0,20 X 0,40 X 0,40, com acabamento em fórmica na cor freijó puro	1	460,00	460,00
27	Parede Falsa em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor azul secreto, nas dimensões: 2,10 X 0,85 X 6 cm	1	4.235,00	4.235,00
28	Parede Falsa em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor azul secreto, nas dimensões: 2,10 X 2,75 X 6 cm	1	9.171,90	9.171,90
29	Cubo expositiva em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica na cor freijó puro, nas dimensões: 0,30 X 0,40 X 3,00 cm	1	490,00	490,00
30	Vitrine Vertical em MDF com acabamento em fórmica na cor azul secreto nas dimensões: 2,60 X 3,00	1	29.190,00	29.190,00

	X 1,00 cm – Com portas de correr em vidro cristal, temperado, antirreflexo.			
31	Armário colmeia, em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica nas cores wood oásis e branco, nas dimensões: 2,80 X 3,00 X 0,40 cm com a projeção de 30 nichos fechados com chaves.	1	10.600,00	10.600,00
32	Balcão, em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica nas cores wood oásis e branco, nas dimensões: 0,80 X 1,92 X 0,60 cm.	1	5.600,00	5.600,00
33	Estante, em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica nas cores wood oásis e branco, nas dimensões: 2,10 X 1,20 X 0,6 cm.	1	2.800,00	2.800,00
34	Base, em MDF de 6mm, com acabamento em fórmica nas cores wood oásis e branco, nas dimensões: 0,20 X 1,20 X 0,80 cm.	1	1.800,00	1.800,00
35	Cubos de Vidro com colagem UV nas dimensões 0,40X0,40X0,40 cm	12	390,00	4.680,00
TOTAL				178.969,50

IV: Expografia/Eletrônicos:

Item	Ação/Contratação/Serviço a Executar	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total
1	Smart TV 60"	1	4.699,00	4.699,00
2	Tela touch screen 15"	2	1.849,00	3.698,00
3	Projektor Smart Portátil	2	4.302,55	8.605,10
TOTAL				17.002,10

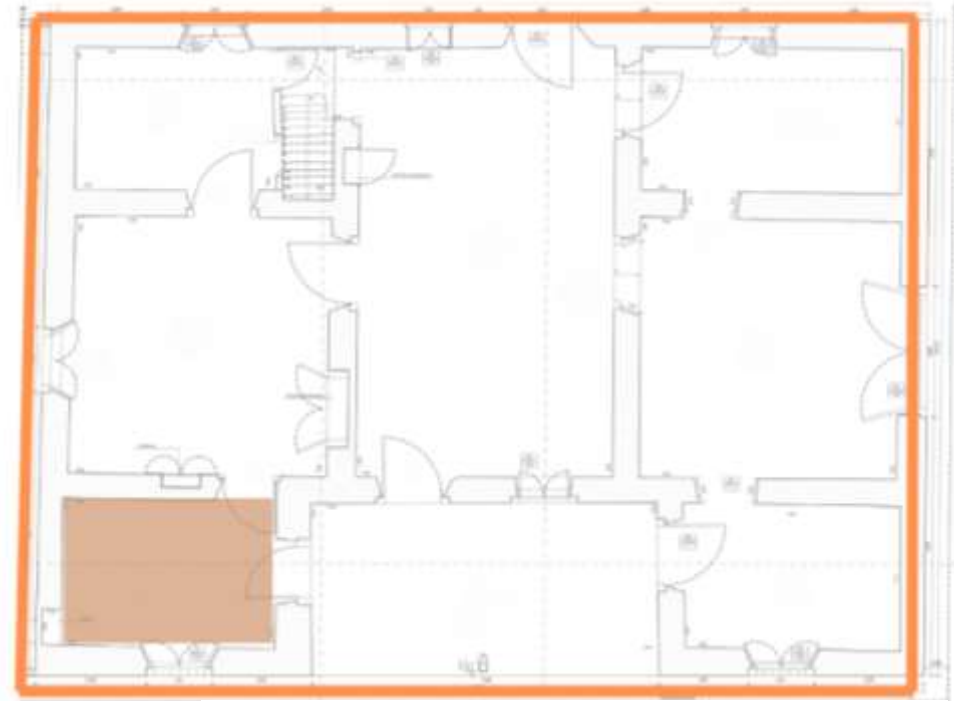
Item	Projeção Orçamentária	Valor
I	Direcionamento Técnico	213.000,00
II	Expografia/Comunicação	56.550,00
III	Expografia/Mobiliário	178.969,50
IV	Expografia/Eletrônicos	17.002,10
TOTAL		465.521,60

10 - PRANCHAS EXPOGRÁFICAS – MÓDULOS EXPOSITIVOS.

Módulo: O Território.

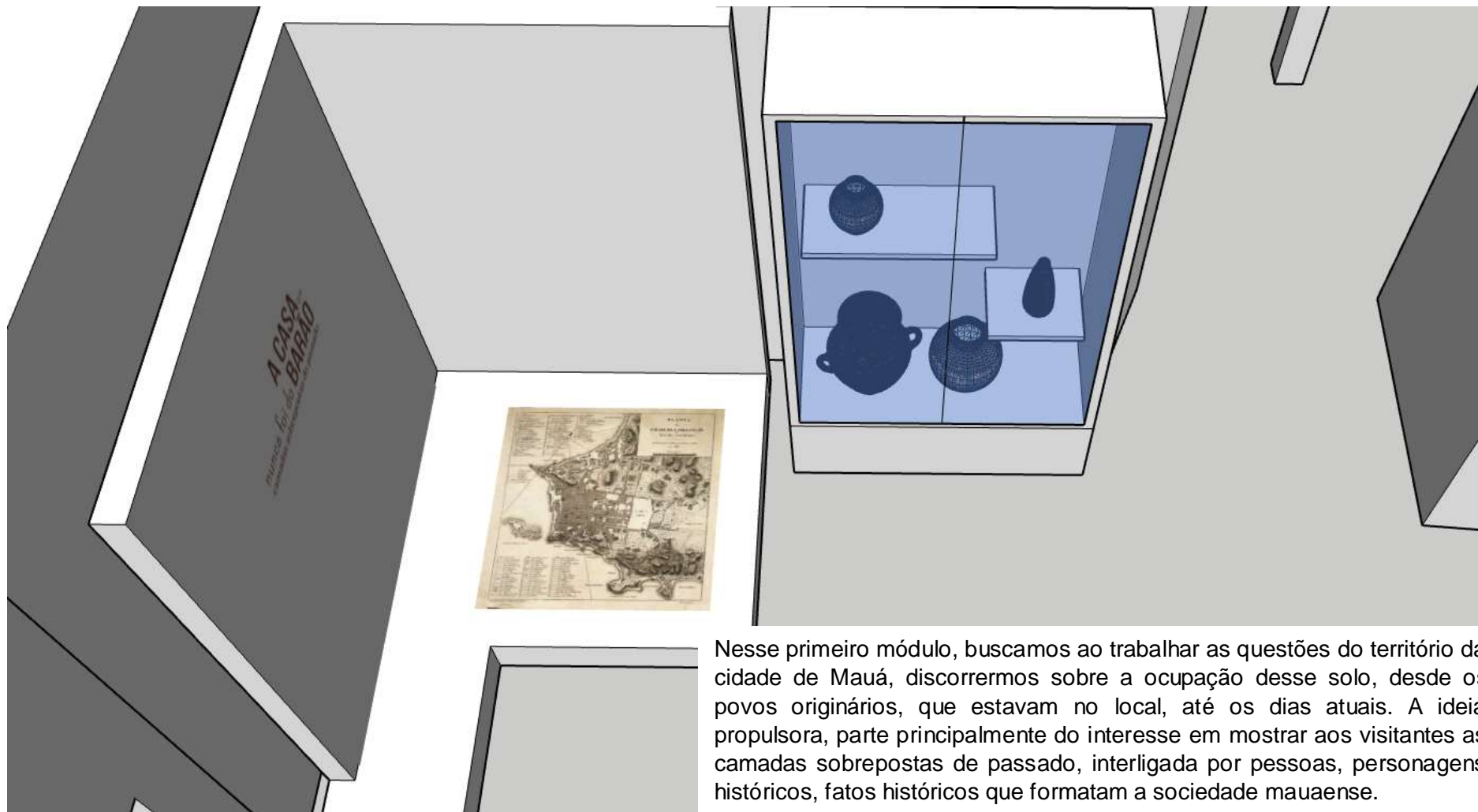
O Território

1. Ocupação do Solo - sesmeiros;
2. A estrada móvel – abertura de picadas;
3. Topônimos indígenas – identidade indígena presente;
4. A figura do fundador;
5. Cartografia;
6. Iconografia;
7. De vilarejo a cidade;
8. Depoimentos de Especialistas.

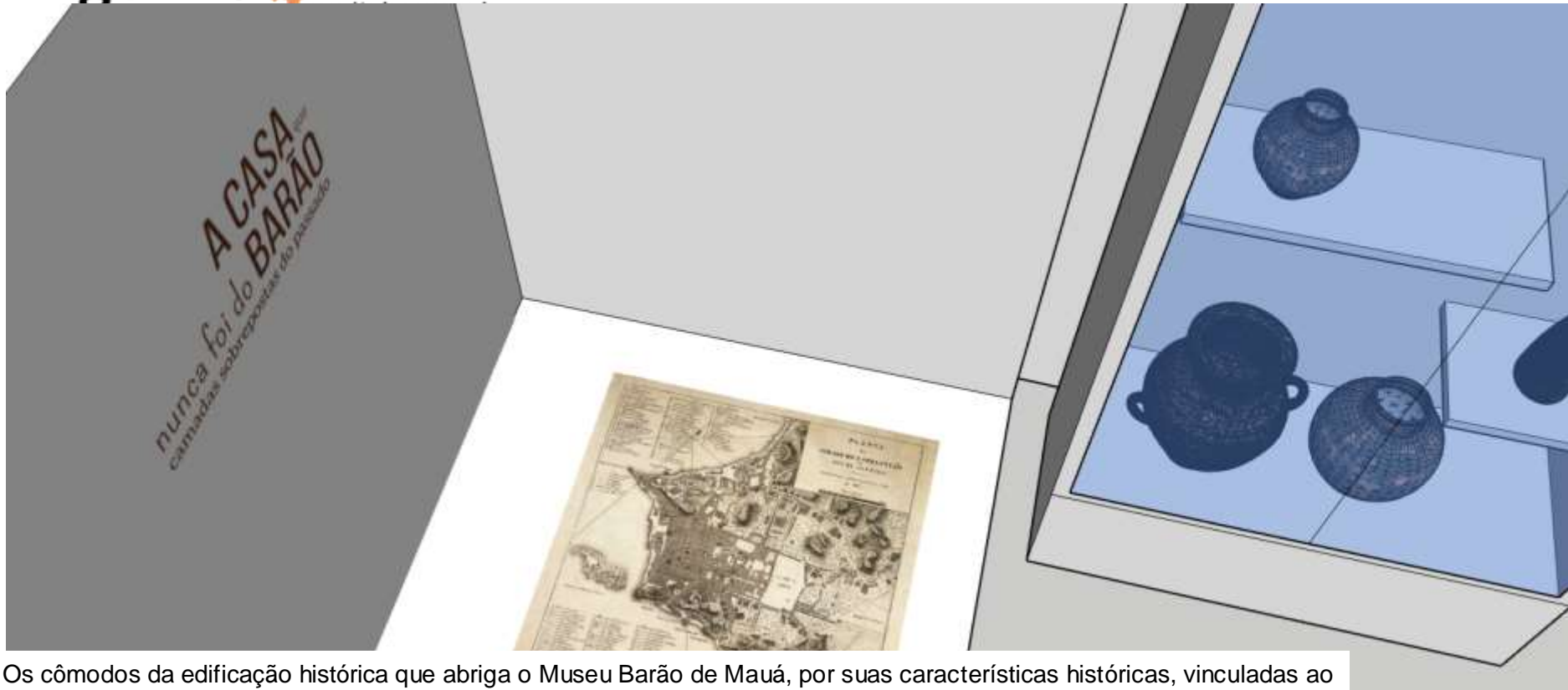


Localização geográfica no módulo expositivo na edificação.

A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente



Nesse primeiro módulo, buscamos ao trabalhar as questões do território da cidade de Mauá, discorrermos sobre a ocupação desse solo, desde os povos originários, que estavam no local, até os dias atuais. A ideia propulsora, parte principalmente do interesse em mostrar aos visitantes as camadas sobrepostas de passado, interligada por pessoas, personagens históricos, fatos históricos que formatam a sociedade mauaense.



Os cômodos da edificação histórica que abriga o Museu Barão de Mauá, por suas características históricas, vinculadas ao processo de morar, no que se constitui em chamar de casas bandeiristas, são espaços pequenos. Desse modo, na concepção do mobiliário expográfico e no projeto museográfico como todo, buscamos a criação de ambientes visualmente mais limpos, estruturas modulares e a utilização de cores sóbrias, para criar uma ambiência de aconchego ao visitante, mas sobretudo, de deixarmos em evidências os aspectos singulares da ambiência arquitetônica. Desse modo, mobiliários vitrinas, projeções, vídeos, em comunhão com a utilização do acervo musealizado, formarão as exposições, que em conjunto criam um circuito expositivo de modo fechado, mas amplamente imersivo na história da cidade de Mauá.

Neste módulo, utilizaremos do recurso mediático, por meio de projeções no platô de chão, com mapas, que contextualizarão a ocupação do território, assim como, sons, que criaram uma ambiência, de descoberta. Desse modo, se o mapa em evidência na projeção for, por exemplo, do século XVII, mostrando o território indígena, sons de natureza, como pássaros, rios, folhagens em movimento, estará sendo sonorizado no ambiente. Contudo, se o mapa projeto, for da contemporaneidade, sons de veículos no horário de pico das principais avenidas da cidade de Mauá, estará em evidência. De um modo, muito simbólico, buscamos incidir diretamente no processo cognitivo do nosso visitante, para que ele compreenda, as diversas fazer da ocupação desse território.



A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente



Um dos objetivos desse primeiro módulo expositivo é o de demonstrar, que a residência, na qual o museu está abrigado, nunca foi a morada do Barão de Mauá. Tal referência faz-se necessária, ampliando discussões e referências históricas, para o processo de desmistificação de fatos e acontecimentos que permeiam o imaginário popular. Tal processo, vinculado ao próprio nome da nova exposição, ou seja, “A casa que nunca foi do Barão”, ancora-se ao processo do novo, da descoberta, de ativação da memória histórica e o retro olhar para a resignificação da história construída. Ao trazer novos elementos históricos, e ao colocar o indígena em evidência, ao tratarmos a ocupação do território, estamos dando voz, aos personagens até então obscurecidos no processo de formatação da cidade de Mauá, que tem a apresentação de sua história, narrada, ainda na forte presença do colonizador.

Perspectiva geral do ambiente expositivo.



A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

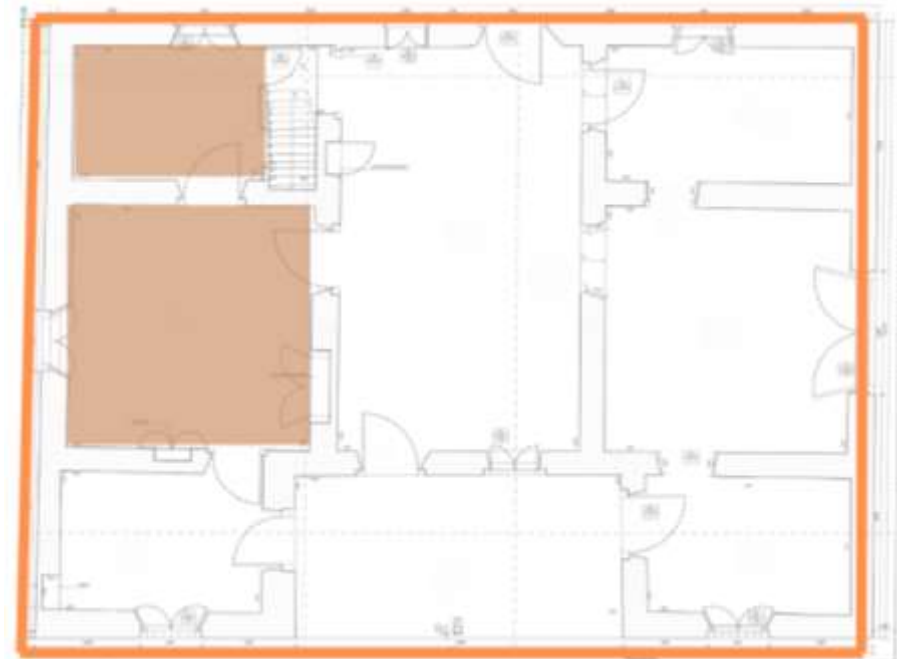
O Museu possui um acervo etnográfico riquíssimo, que será evidenciado nessa vitrina. Afinal, esse módulo, trata das questões do território, de sua ocupação inicial pelos povos originários, a chegada dos denominados “colonizadores”, da primeira divisão em sesmarias e a chegada dos primeiros sesmeiros, da utilização dos rios, como estradas líquidas, para adentrar e descobrir novos territórios. até a contemporaneidade. Vislumbramos ainda, com o acesso por meio de QR-Codes, a criação de conteúdo, como a utilização dos topônimos indígenas, presentes nessa cidade, na denominação de ruas e espaços públicos, muitas vezes não percebida pelos habitantes do local. Embora de metragem consideravelmente pequena, o espaço expográfico foi pensado para criar uma ambiência, na qual, o acesso a diversos conteúdos, se dará de modo poético, mas fortemente potente nos visitantes, criando questionamentos pertinentes a construção de novos conhecimentos. Pensar o projeto expográfico do Museu Barão de Mauá, é pensar, sobretudo, a criação de elos de pertencimento entre o espaço museológico, o espaço arquitetônico que perfaz a morada e a população.



MÓDULO: A Casa.

A Casa

1. Uma casa bandeirista - contextualização e representatividade;
2. Processos de Construção;
3. Antigos Moradores;
4. A casa que nunca foi do Barão;
5. Processo de tombamento – singularidades do patrimônio;
6. Patrimônio para além da pedra e cal;
7. O chão que fala – processos arqueológicos do presente, testemunhos do passado;
8. Iconografia;
9. Documentos Textuais;
10. Depoimentos de Especialistas.



Localização geográfica no módulo expositivo na edificação.

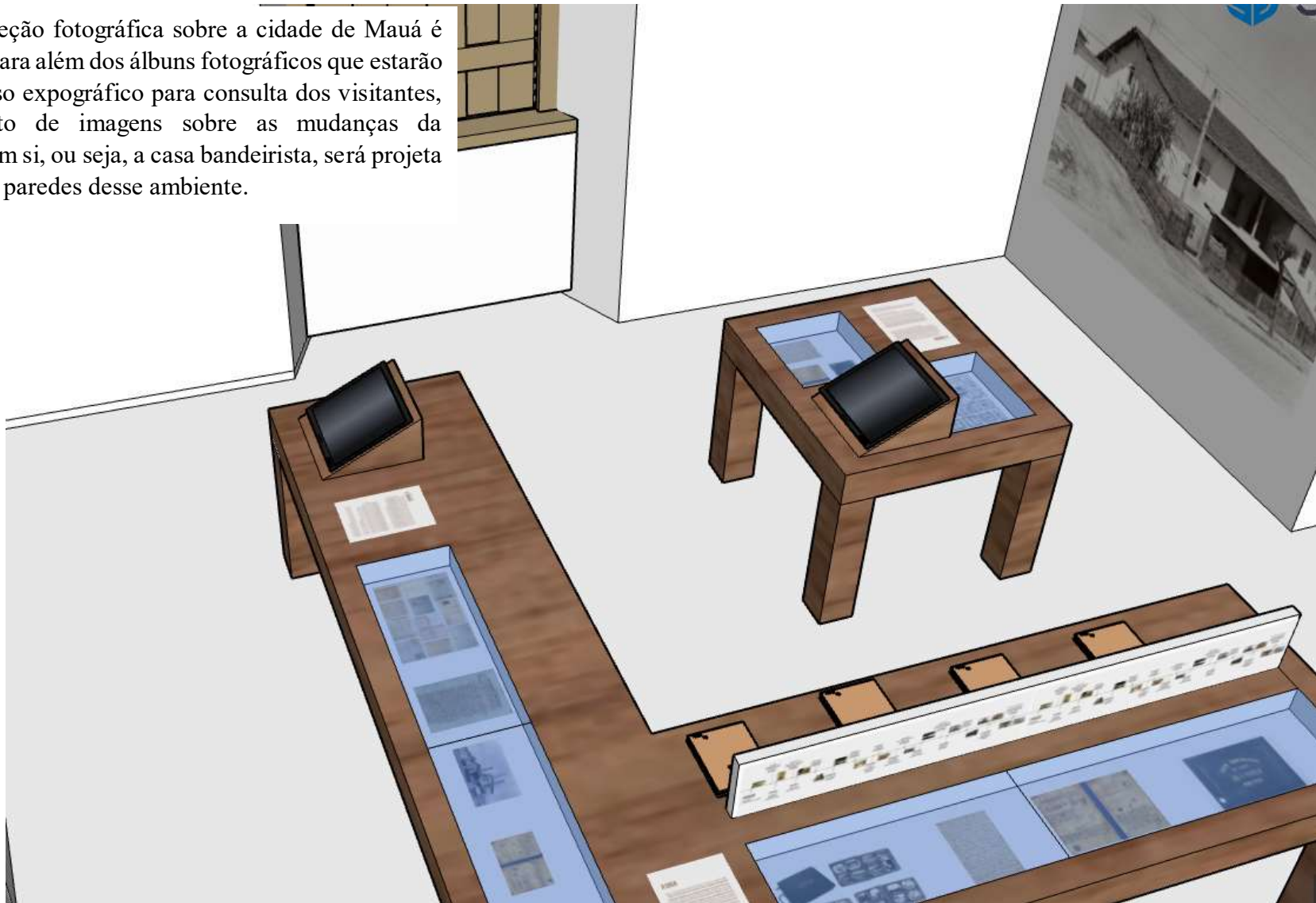
A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente



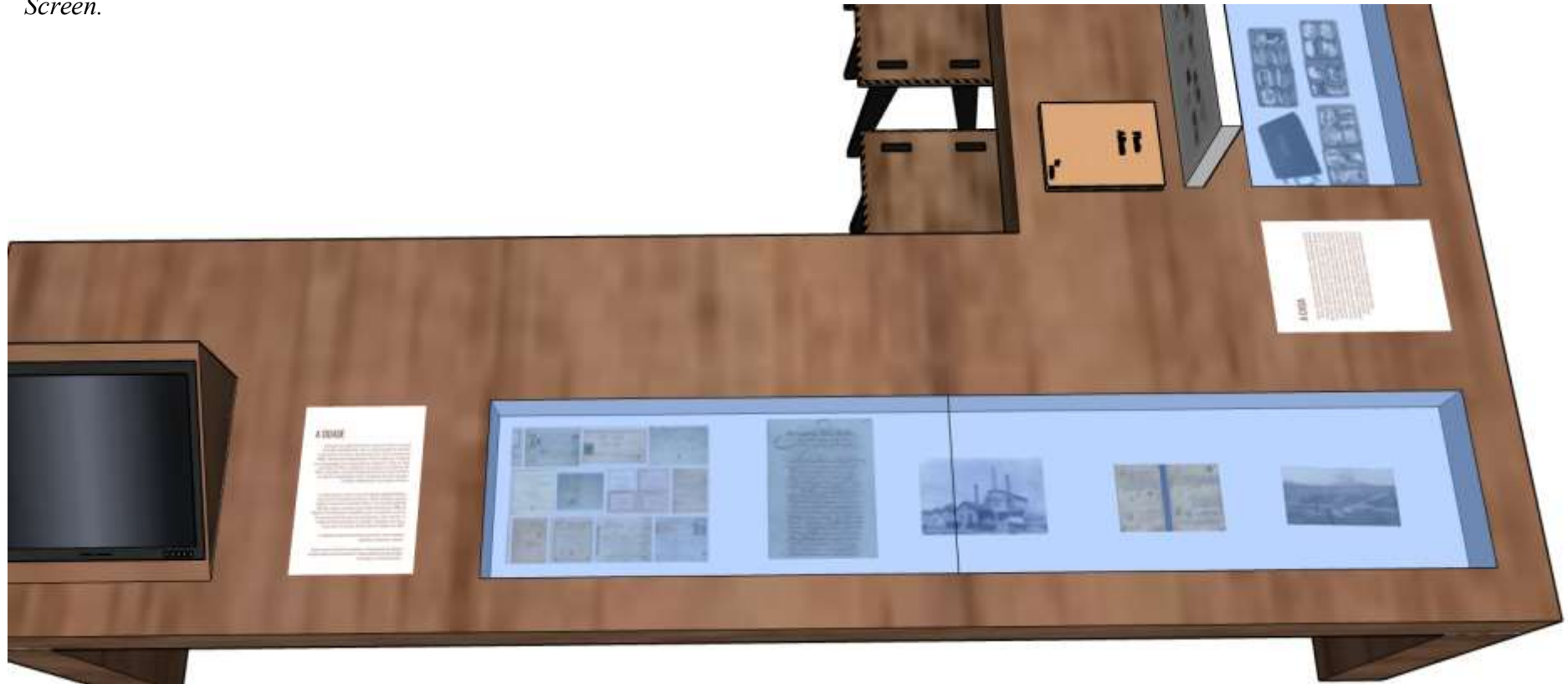
Ao discorrer sobre os processos construtivos da edificação, suas características históricas e arquitetônicas, o presente módulo, está dividido em dois cômodos específicos. No primeiro, trabalharemos as questões: uma casa bandeirista - contextualização e representatividade; processos de construção; antigos moradores, trazendo a partir de uma contextualização histórica e social, os indícios que a edificação nunca foi residência do Barão de Mauá, mas também as singularidades desse bem imóvel, que tangenciam seus processos de tombamento como patrimônio. E ao explorar esse patrimônio que perpassa somente as questões do bem edificado, ou seja, o patrimônio para além da pedra e cal, contextualizaremos a história da cidade de Mauá.

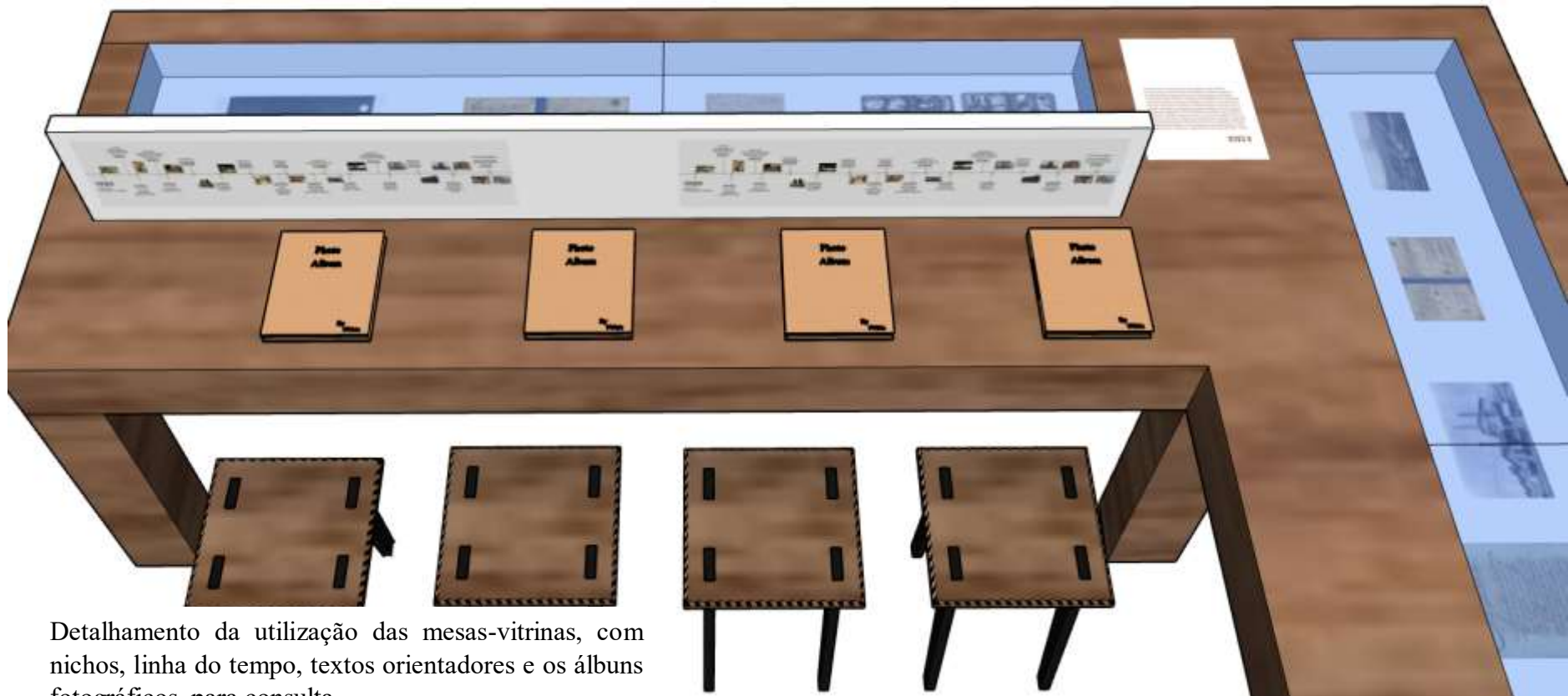
O museu possui um diversificado acervo documental e fotográfico, densamente procurado por pesquisadores da região e de todo o país. Desse modo, pensamos na presente exposição, trazer o acervo selecionado em mesas-vitrinas, na qual o visitante poderá ter acesso ao conteúdo, tanto nos nichos, como na consulta através de álbuns fotográficos. As mesas ainda trarão, totens eletrônicos, pelos quais será possível acessar mapas, reprodução da casa em 3D, além de depoimentos de especialistas nos assuntos: casas bandeiristas, patrimônio material e imaterial, processos construtivos etc. A ideia das mesas e a não utilização de outros recursos mobiliários, visa sobretudo, deixar em evidência da ambientação arquitetônica do espaço, na medida em que, o espaço possui características próprias do processo de ocupação da casa, como oratórios de parede e armários embutidos, como exemplo.

Como a coleção fotográfica sobre a cidade de Mauá é volumosa, para além dos álbuns fotográficos que estarão como recurso expográfico para consulta dos visitantes, um conjunto de imagens sobre as mudanças da edificação em si, ou seja, a casa bandeirista, será projetada em uma das paredes desse ambiente.

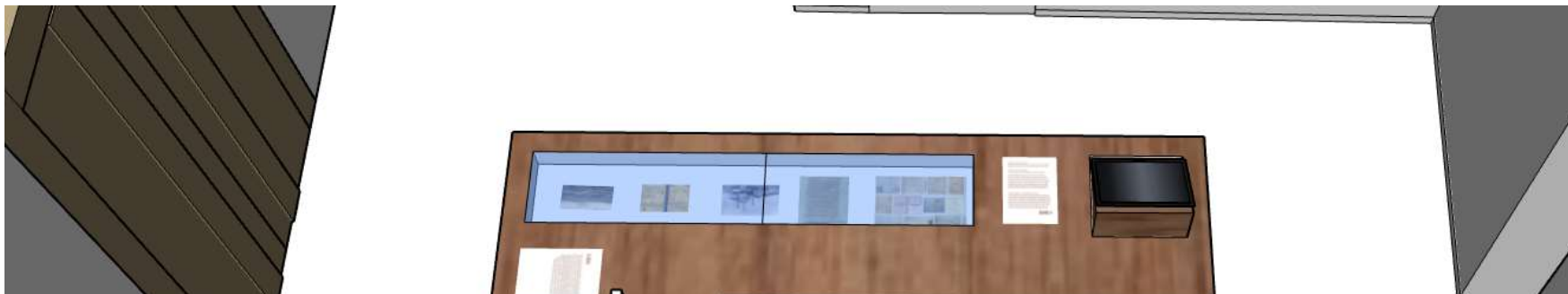


Detalhamento da utilização das mesas-vitrinas, com nichos, sobreposição de acervo e monitores *Touch Screen*.





Detalhamento da utilização das mesas-vitrinas, com nichos, linha do tempo, textos orientadores e os álbuns fotográficos, para consulta.



A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

Perspectiva geral do espaço.

A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

Para o mobiliário expográfico, utilizamos duas cores de MDF: o branco, e o freijó.



A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente



Detalhes do projeto de comunicação: textos orientadores e apresentação do acervo documental.

Integra ainda o presente módulo, a utilização de um segundo ambiente, consideravelmente, o menor da edificação, todavia, com um pé direito considerável. Desse modo, para tratarmos das questões do patrimônio arqueológico, visto, que o terreno passará por um processo de investigação minucioso, uma vez em que foram encontrados, vestígios arqueológicos. Assim, “o chão que fala – processos arqueológicos do presente, testemunhos do passado”, ganhará destaque nesse ambiente expográfico.

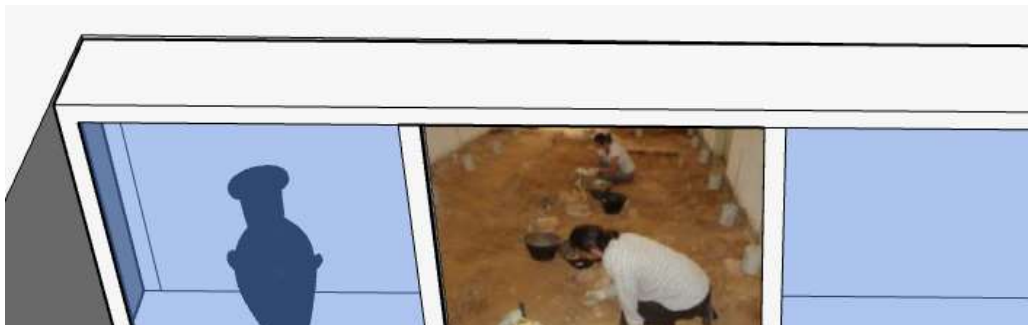
Para além da utilização de uma grande vitrina composta por nichos abertos e fechados, contextualizaremos as premissas dos achados arqueológicos, em consonância com esse primeiro eixo da exposição que versa sobre os processos de ocupação do território e da edificação. Mesmo por se tratar de um ambiente pequeno, deixaremos a mostra no piso, uma abertura da prospecção realizada no cômodo interno da edificação, para que os visitantes, compreendam o patrimônio, para além do visível, ou seja, o que o território tem a contar sobre essas camadas sobrepostas de passado.

Perspectiva da ambiência geral.



A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

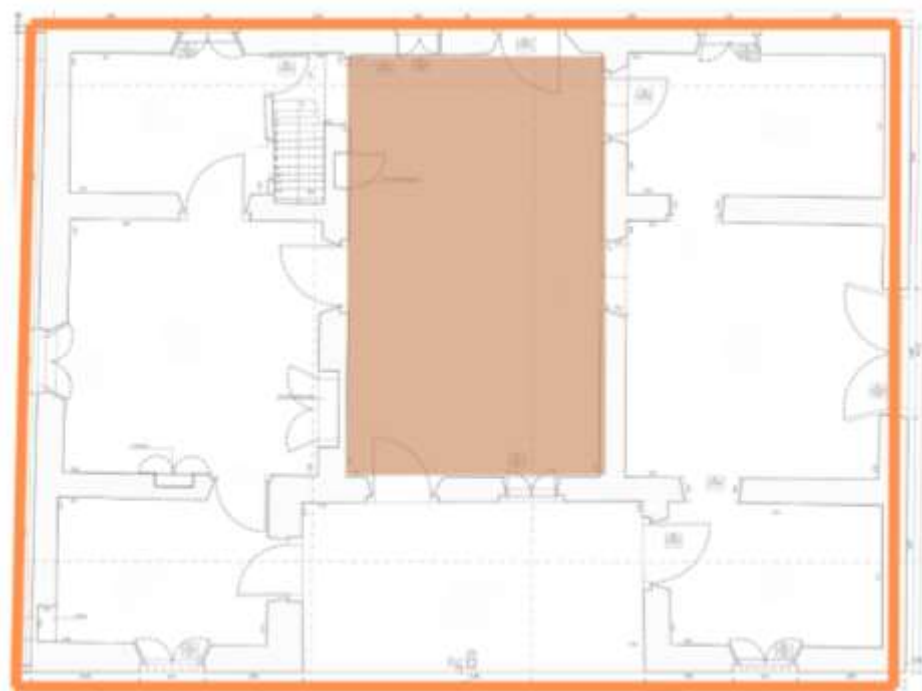
Perspectiva da ambiência geral.



ESPAÇO MULTIUSO.

A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

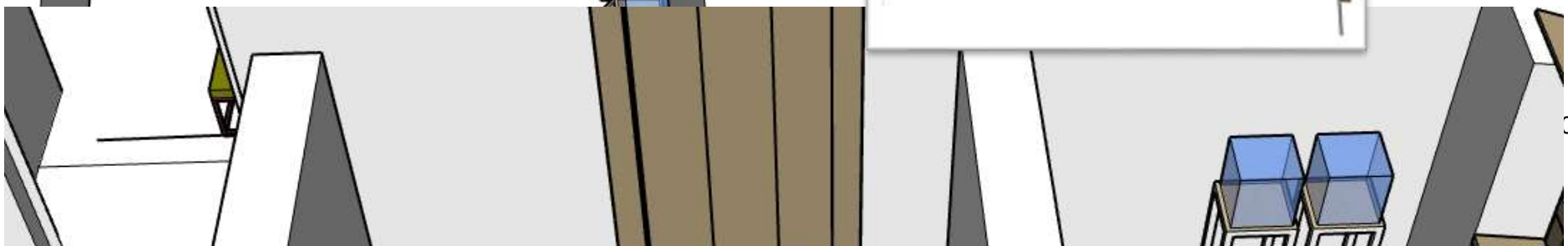
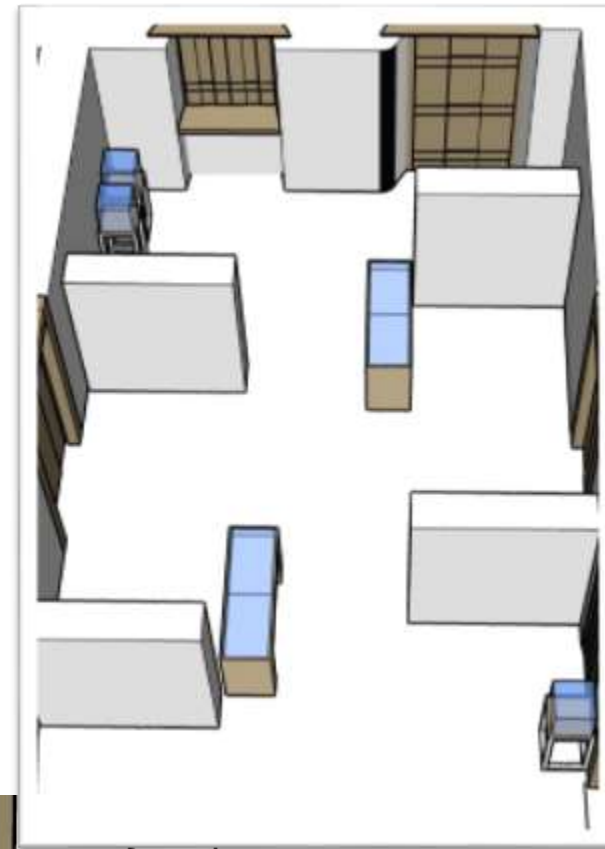
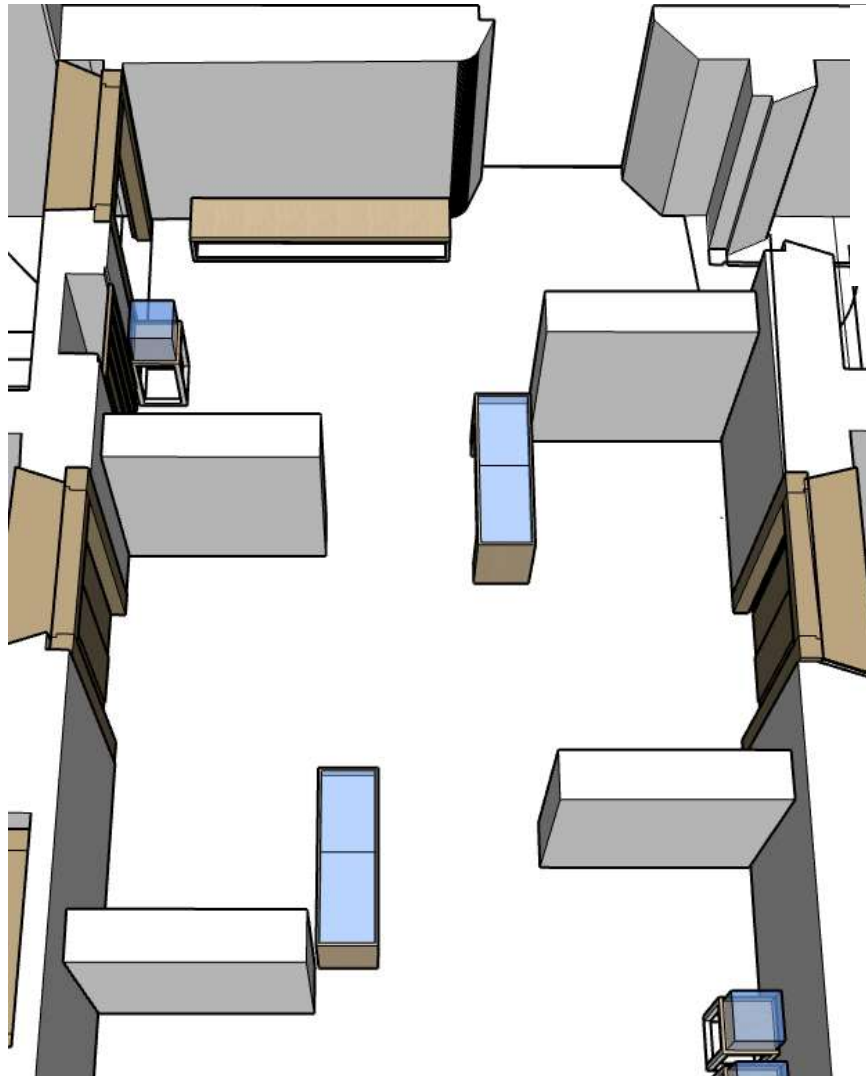
Localizado no coração da edificação, este espaço está sendo projetado para ser um ponto de conexão entre os módulos expositivos de longa duração e ações de comunicação museológica, com a realização de exposições de curta e média duração, recepção de exposições itinerantes, assim como, eventos de formação, como palestras e oficinas e ações culturais, como saraus, lançamentos de livros e atividades em geral, que se interliguem as temáticas trabalhadas pelo museu.



Localização geográfica do espaço na edificação.

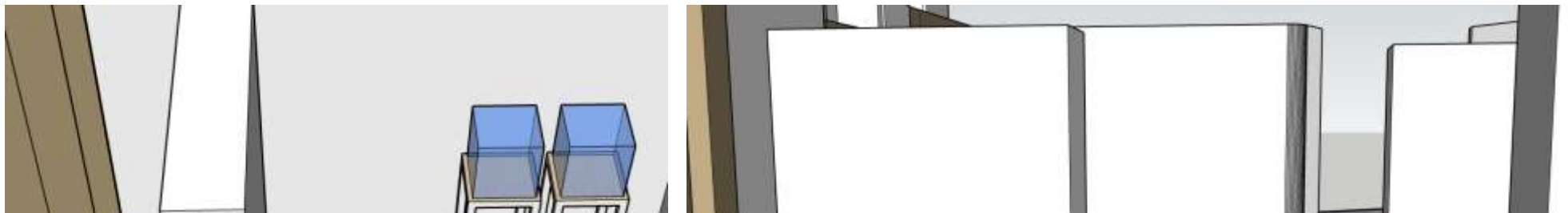
A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

O mobiliário para esse espaço foi pensado de modo que possa ser utilizado de diversos modos, possibilitando a concepção de exposições sempre de modo diferenciado. Por ser modular, as estruturas formadas pelo conjunto de paredes falsas, platôs expositivos e vitrinas, sempre configurará espaços chave para a realização das ações museológicas e culturais.



A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

O conjunto do mobiliário para essa sala será constituído: 4 unidades de paredes falsas, 4 unidades de bases expositivas/platôs com cubos de vidro; 2 unidades de vitrinas de chão horizontais e 2 unidades de bancos.

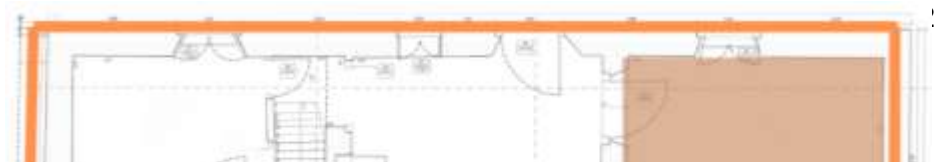


Vistas gerais do mobiliário.

MÓDULO: O Lugar.



1. A cidade se molda – Mauá: de cidade dormitório a eixo econômico;
2. O trem;



A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

O Lugar

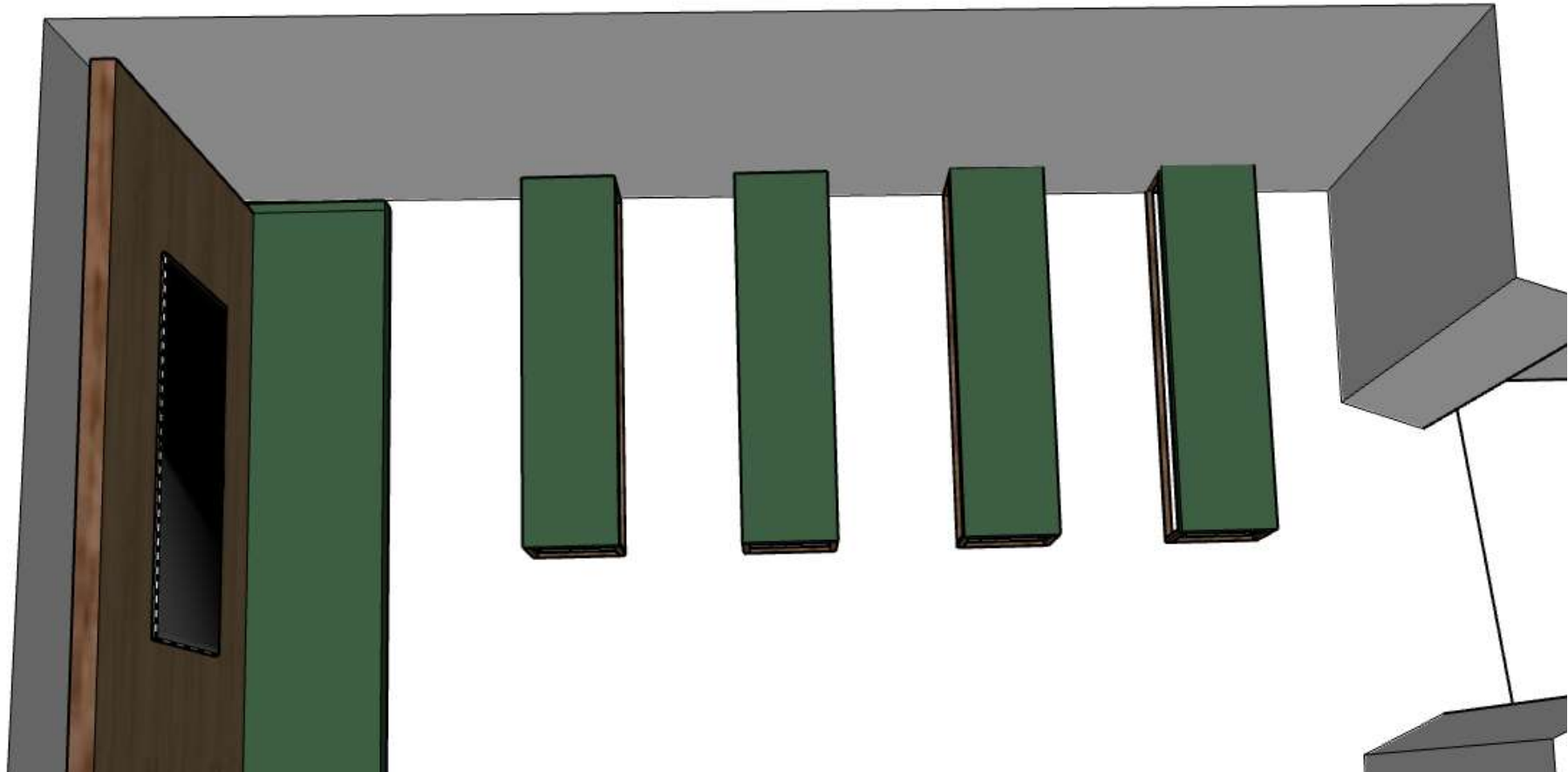
3. Uma cidade fabril;
4. Teatro da memória: representatividades da cultura e memória local;
5. Parques: refúgios.

Localização geográfica no módulo expositivo na edificação.

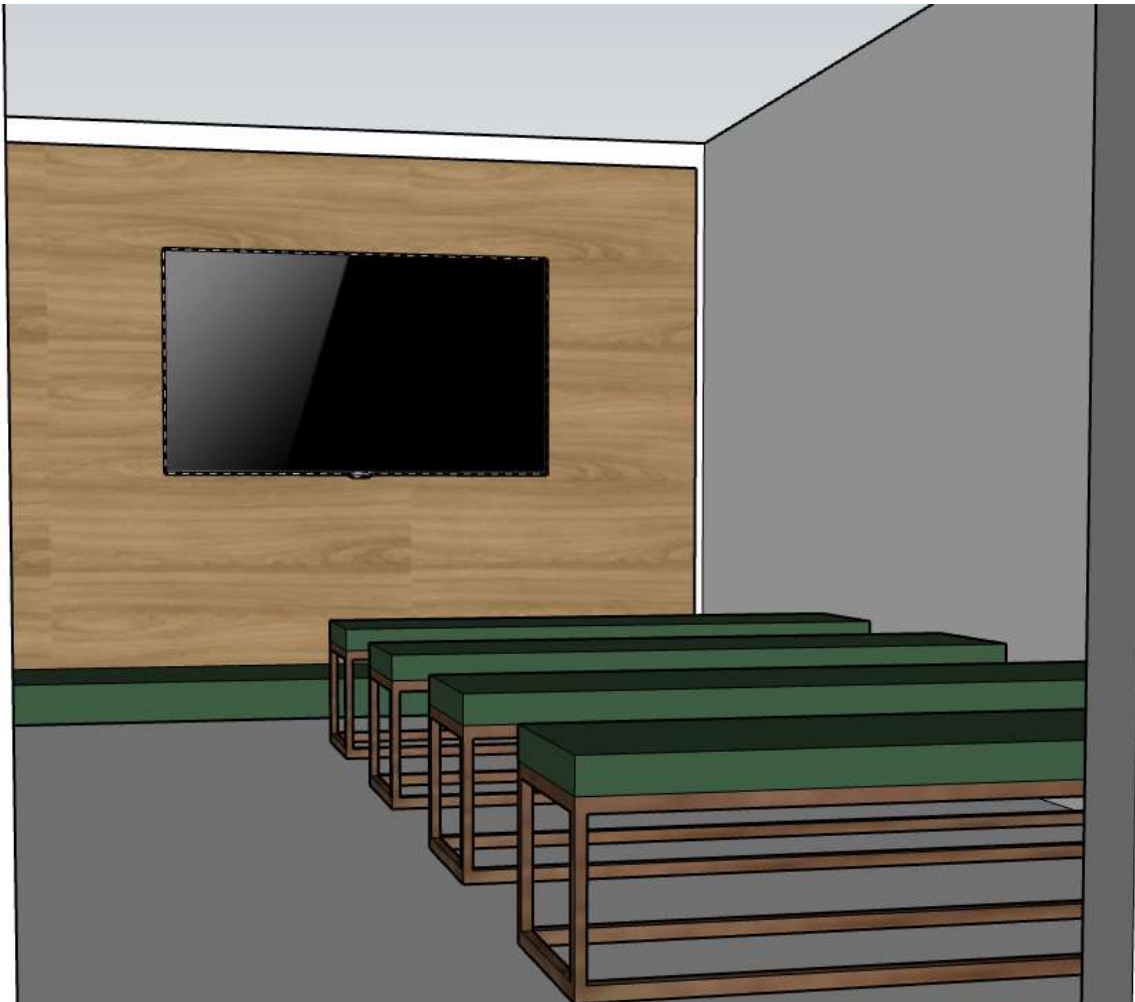
No presente módulo, contextualizaremos os assuntos: a cidade se molda – Mauá: de cidade dormitório a eixo econômico; o papel desempenhado pela ferrovia no desenvolvimento da cidade; os aspectos do desenvolvimento econômico tangenciados pelo polo fabril da cidade e como todos esses elementos acabam por estruturar e definir um perfil local, uma identidade, uma memória local como elo de pertencimento. Como a cidade está sempre em processo de transformação, nossa intenção para esse espaço é produzir um videodocumentário pelo qual os visitantes possam compreender as múltiplas camadas que formatam essa sociedade. Para tanto, concebemos um miniauditório, pelo qual tanto o vídeo produzido poderá ficar passando, como a sala também modelar, poderá ser utilizada para outros fins, assim como, passar outros documentários, filmes, séries, que contribuam para a construção dos sentidos, de uma cidade em profundas transformações.

O mobiliário projeto, principalmente o conjunto de bancos, poderá ainda ser utilizado em outras atividades museológicas ou culturais, como por exemplo, serem usados na sala multiuso.





Nesse espaço, optamos pela utilização do MDF nas cores freijó puro e verde real. Assim como, uma Smart TV de 70”.

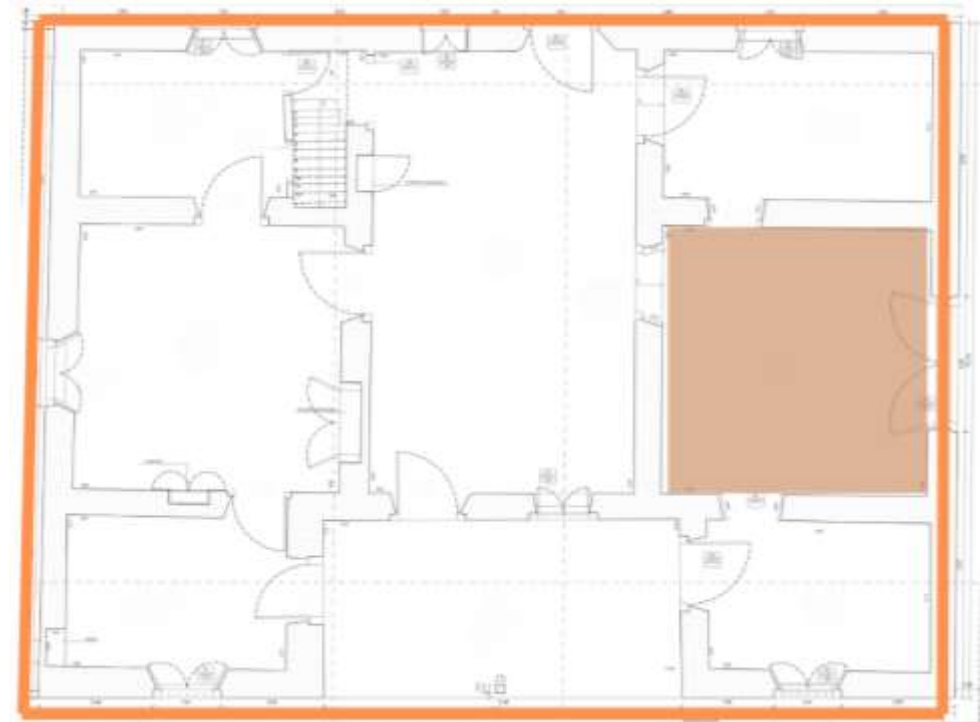


Perspectiva geral do espaço.

MÓDULO: Identidade.

Identidade

1. A escolha do local para a nova vida – processos imigratórios;
2. Uma cidade fabril;
3. Fábricas de Louças – a arte se estabelece.

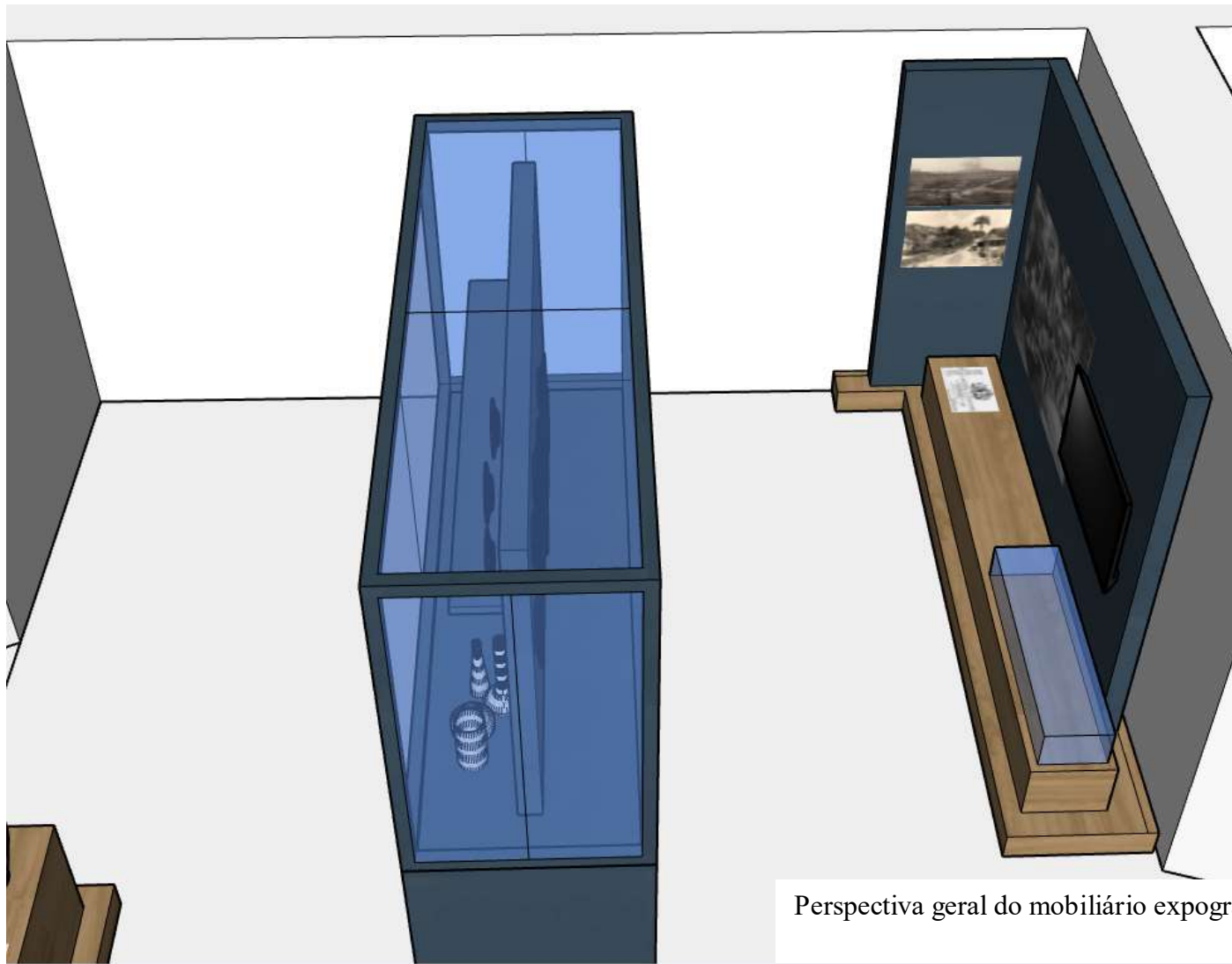


Localização geográfica no módulo expositivo na edificação.

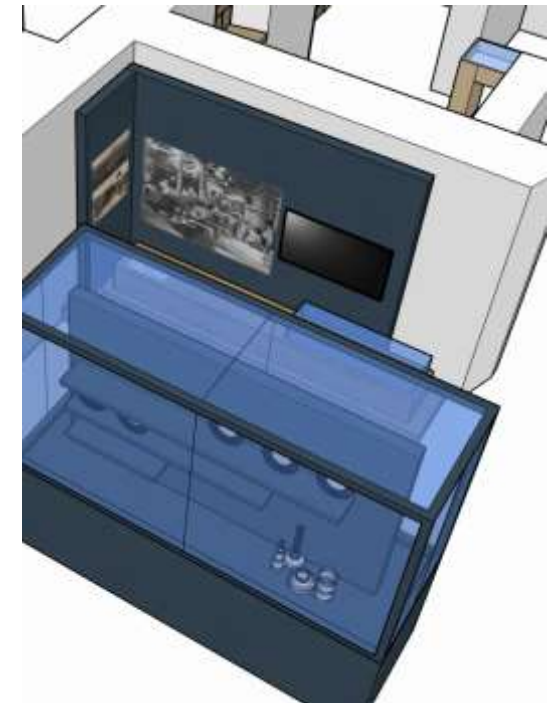
A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

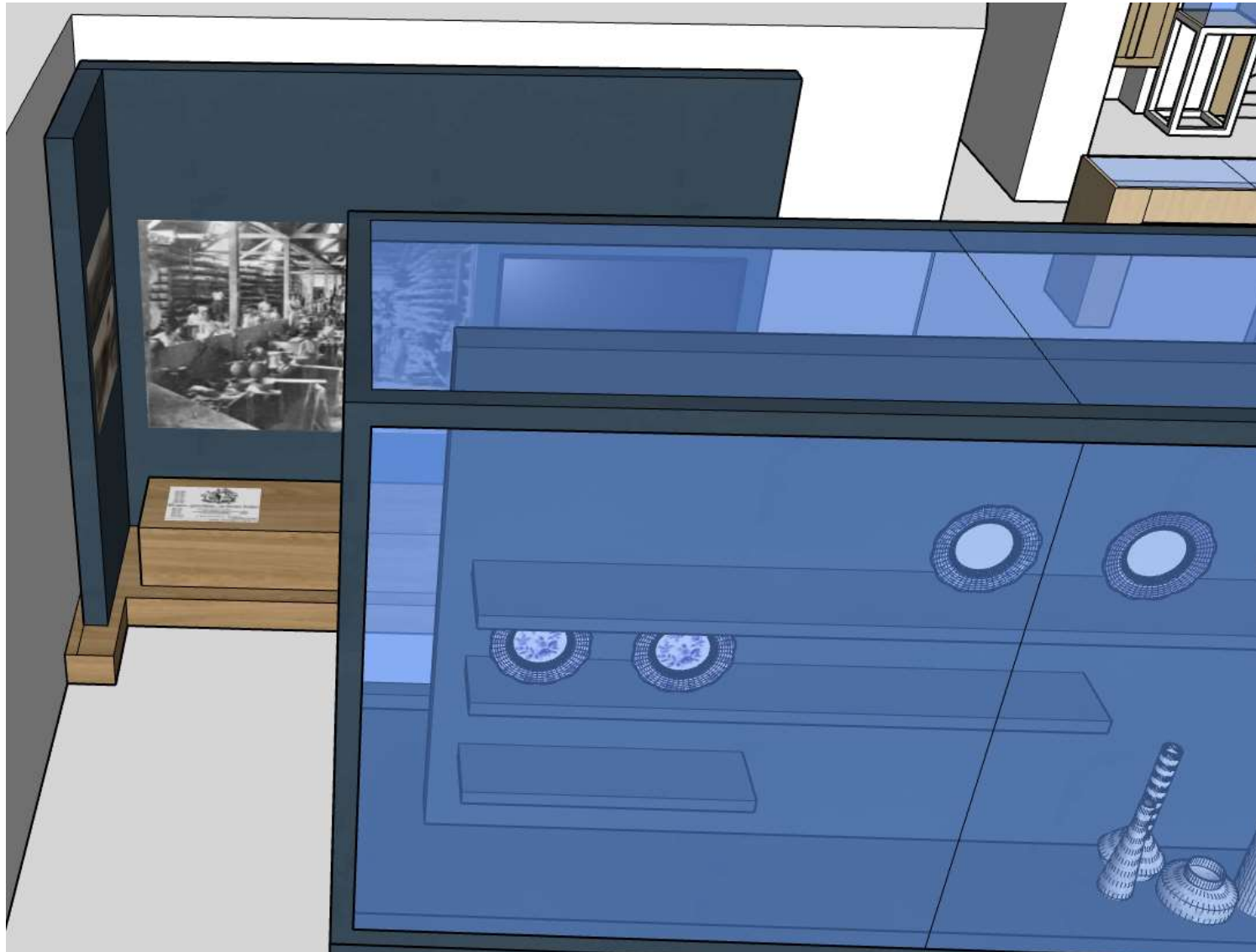


Nesse módulo expositivo, trataremos os assuntos ligados aos processos imigratórios para a cidade de Mauá de diversos povos, que vão fomentar diversas atividades comerciais e industriais nesse território, como as fábricas de louças, tornando a cidade, a capital da louça fina em determinado processo histórico. O museu Barão de Mauá, possui um acervo singular no que toca a louçaria desenvolvida na região. E como fonte, ou melhor, elo identitário, o assunto requer uma expografia, pela qual se estabeleça as diversas relações: econômicas, sociais, políticas, com a arte, a beleza, o pertencimento, os afetos. Desse modo, o módulo expositivo apresenta uma grande vitrina, pela qual as louças, ganharão status de joias, de valiosas, merecedoras de destaque.



Perspectiva geral do mobiliário expográfico.







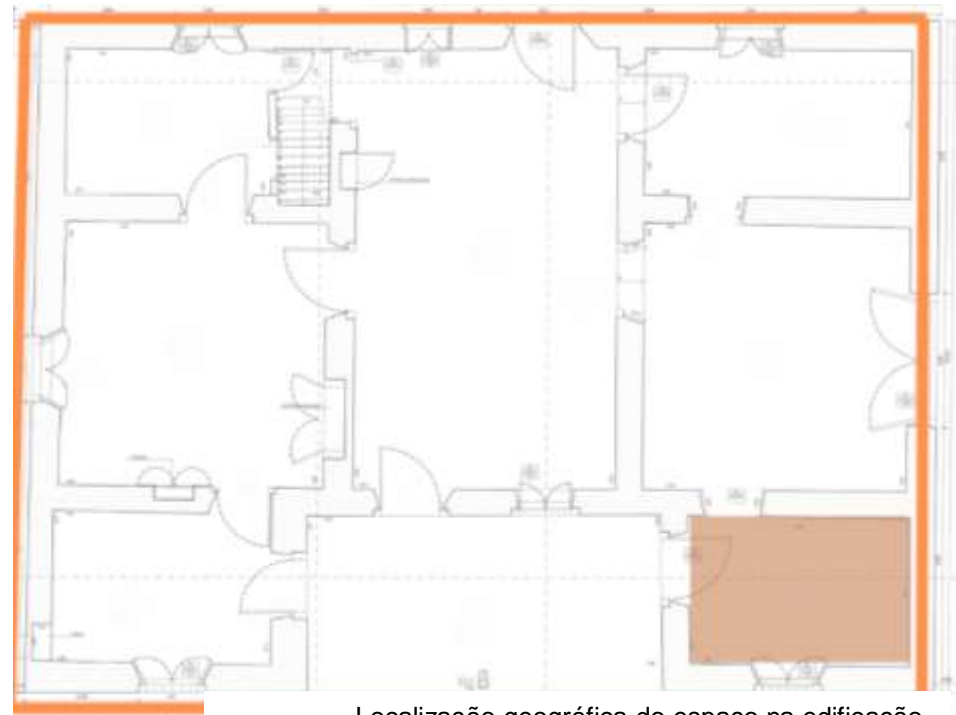
Partimos da ideia de evidenciarmos a vida fabril, os diversos tipos de fábricas, os eixos imigratórios e migratórios que moldaram a população da cidade, como os costumes, tradições, festejos populares. O carro-chefe para toda essa contextualização se dará por intermédio da produção da louça em Mauá.

Perspectiva geral do mobiliário expográfico. Nesse mobiliário optamos pelo uso do MDF nas cores freijó puro e azul secreto.

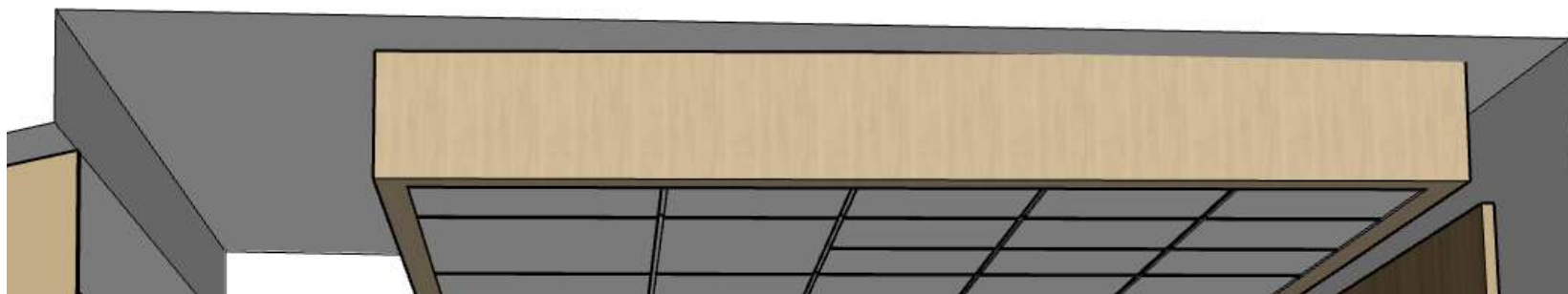


RECEPÇÃO/CHAPELARIA/LOJINHA:

Localizada na entrada da edificação, e perfazendo o eixo central com o alpendre a primeira sala do percurso museológico, a recepção abrigará para além de sua função de orientação para a visita, também a chapelaria, na qual os visitantes, deixarão seus pertences pessoais, tais como, mochilas e outros acessórios que possam colocar em risco o acervo, e também uma lojinha, para a venda de lembranças do museu e da cidade, servindo ainda de uma fonte de recursos para o próprio espaço museológico.



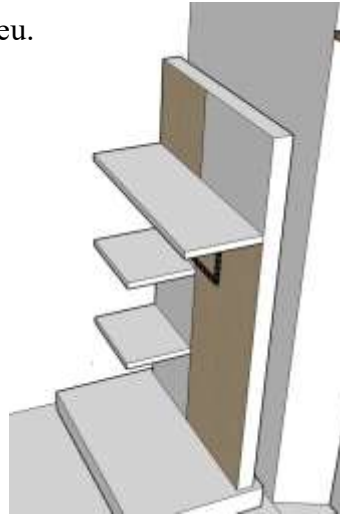
Localização geográfica do espaço na edificação.



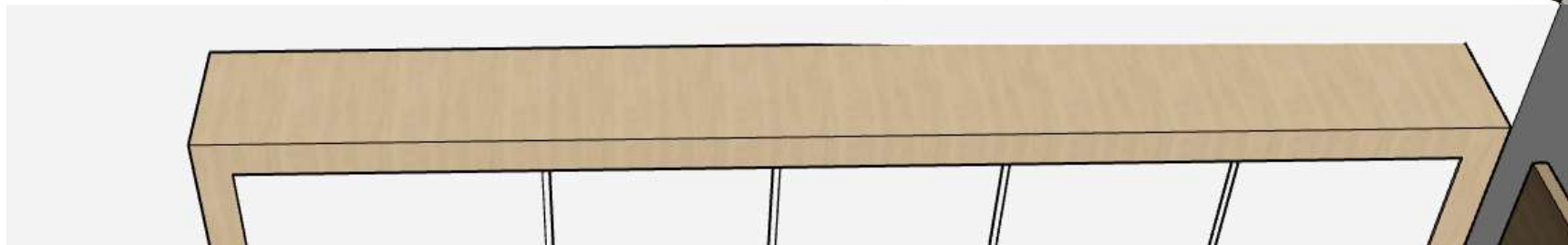
A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

Perspectiva geral do espaço.

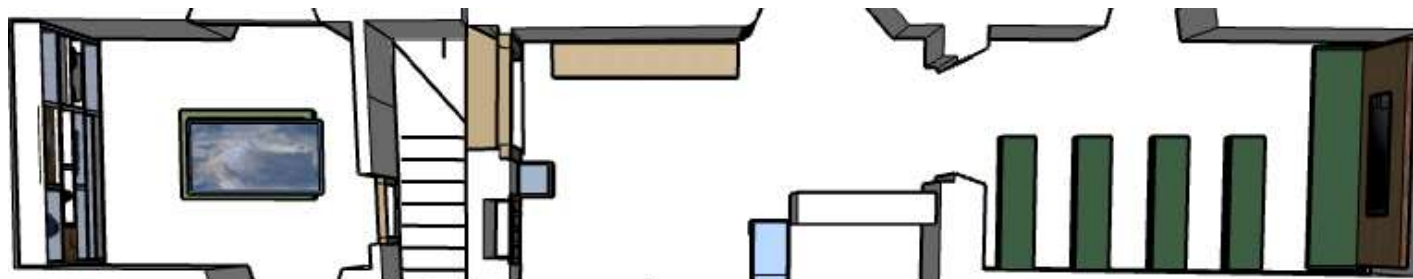
Prateleira/Lojinha do Museu.



No processo de restauração do bem edificado, assim como, das estruturas, tais como esquadrias, portas e janelas, que serão restaurados, poderão haver a substituição de algumas das portas, seja para a circulação dos visitantes, ou por determinado motivo, desde que justificado e aprovado pelos órgãos de defesa e proteção do patrimônio. Desse modo, sugere-se que tais bens, sejam integrados na recepção como testemunhos do tempo, deixando em evidências as pátinas do tempo nas estruturas, e conferindo ao ambiente uma musealização dos bens, como obras de arte.



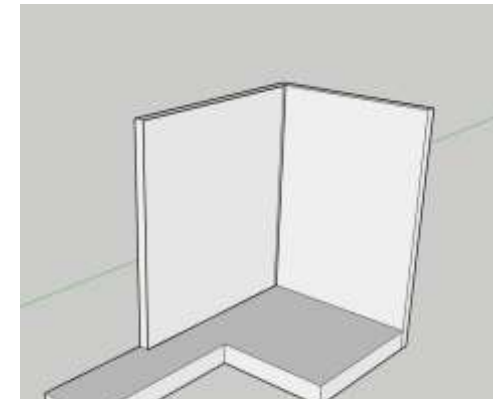
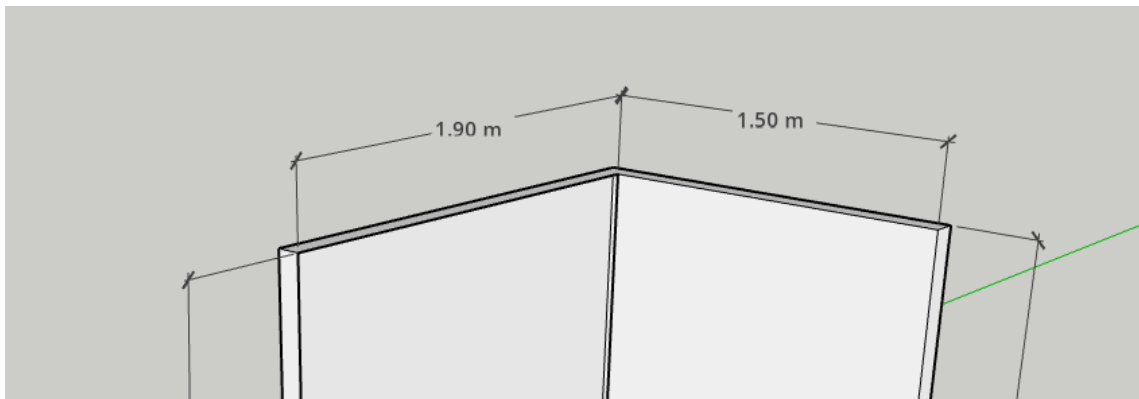
Armário/Chapelaria. Nesse mobiliário optamos pelo uso do MDF nas cores branco e *wood* oásis.



A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

Perspectiva geral dos módulos expositivos e espaços de fluxo e operacionais na ocupação da edificação.

11 - MOBILIÁRIO



A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

3

4

1

2

Estrutura	
Platô/Base	1
Altura	0,20 cm
Largura	1,44 cm
Comprimento	1,60 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco
Unidades	01

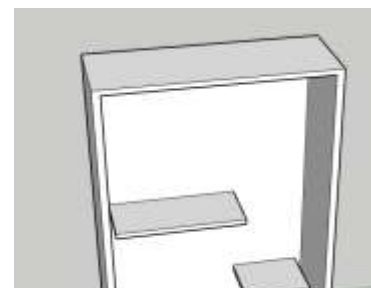
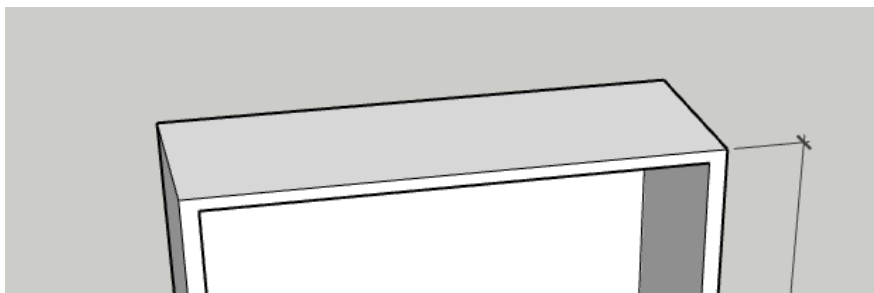
Estrutura	
Parede Falsa	4

A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

Estrutura	
Platô/Base	2
Altura	0,20 cm
Largura	1,65 cm
Comprimento	0,55 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco
Unidades	01

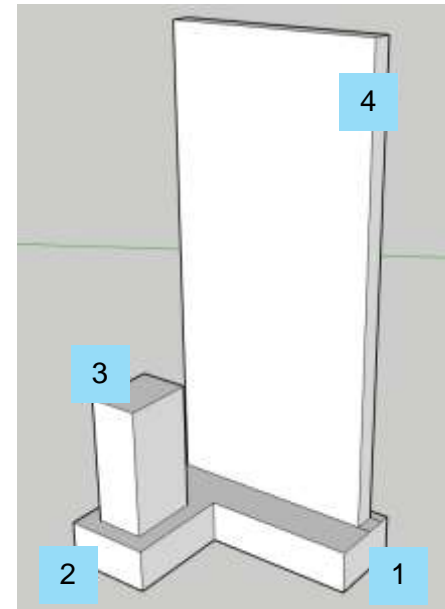
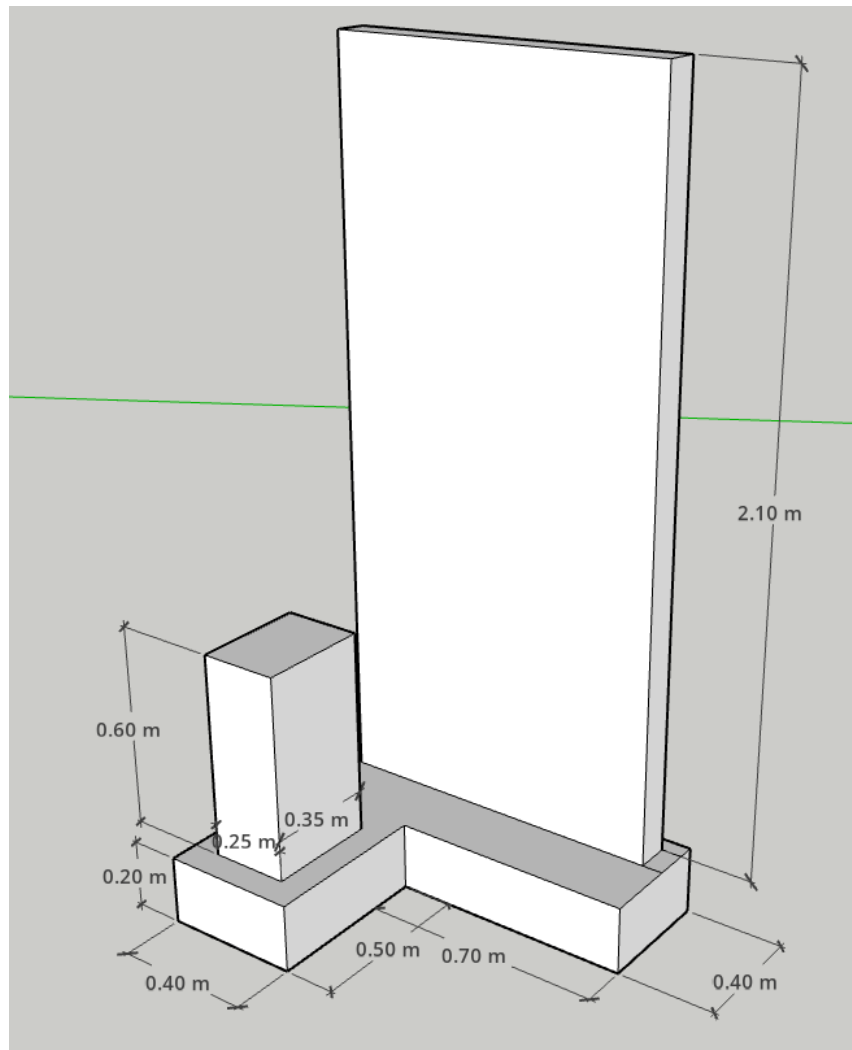
Estrutura	
Parede Falsa	3
Altura	2,10 m
Largura	1,90 m
Espessura	0,2 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco
Unidades	01

Altura	2,10 m
Largura	1,50 m
Espessura	0,2 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco
Unidades	01



A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

Vitrina Vertical	
Altura	2,30 m
Largura	1,30 m
Comprimento	0,50 cm
Profundidade Interna	0,45 cm
Prateleira 1	0,75 X 0,35 cm
Prateleira 2	0,40 X 0,35 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco
Unidades	01



Estrutura	
Platô/Base	1
Altura	0,20 cm
Largura	1,10 m
Comprimento	0,40 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco
Unidades	01

A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

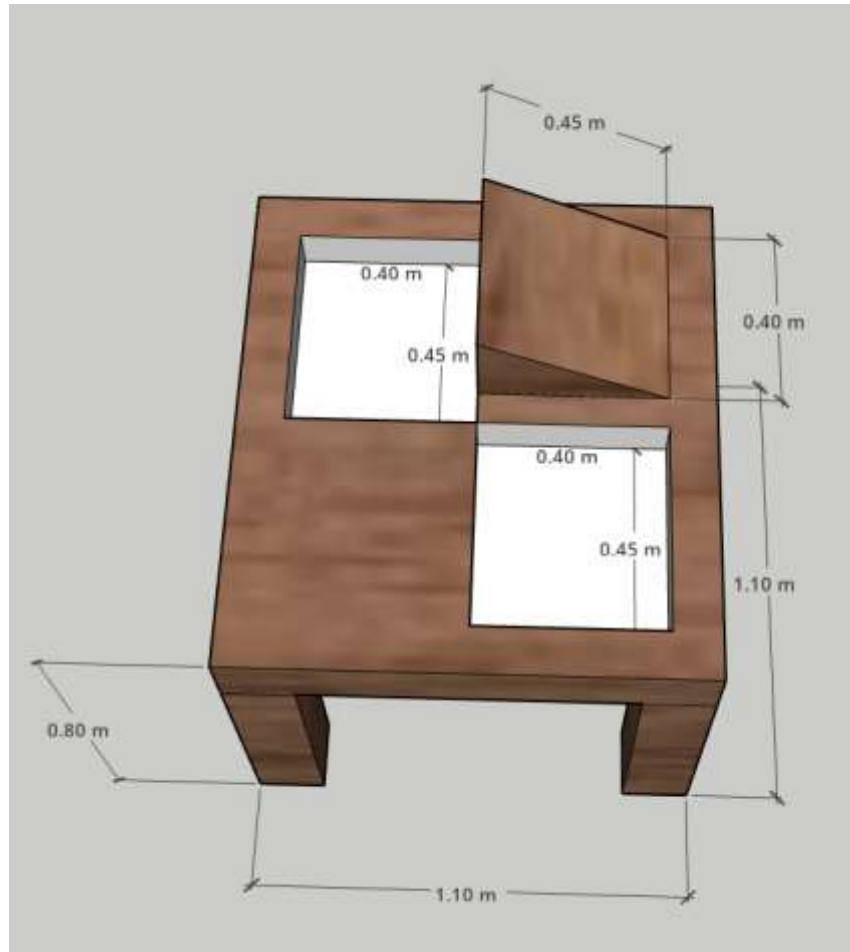
Estrutura	
Platô/Base	2
Altura	0,20 cm
Largura	0,55 cm
Comprimento	0,40 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco
Unidades	01

Estrutura	
Cubo	3
Altura	0,60 cm
Largura	0,35 cm
Comprimento	0,30 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco
Unidades	01

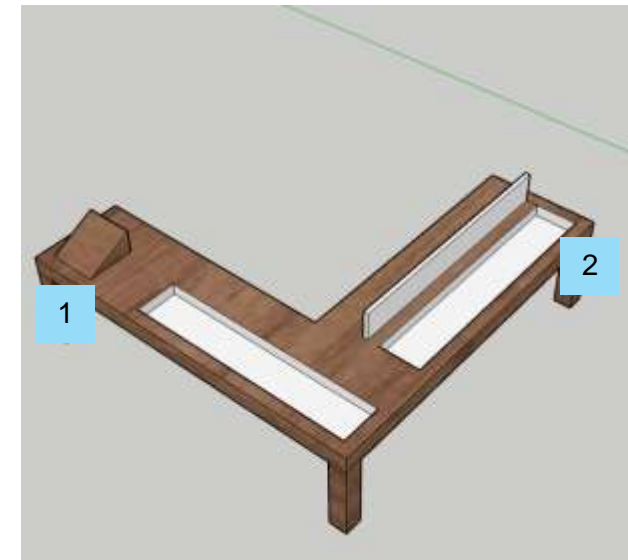
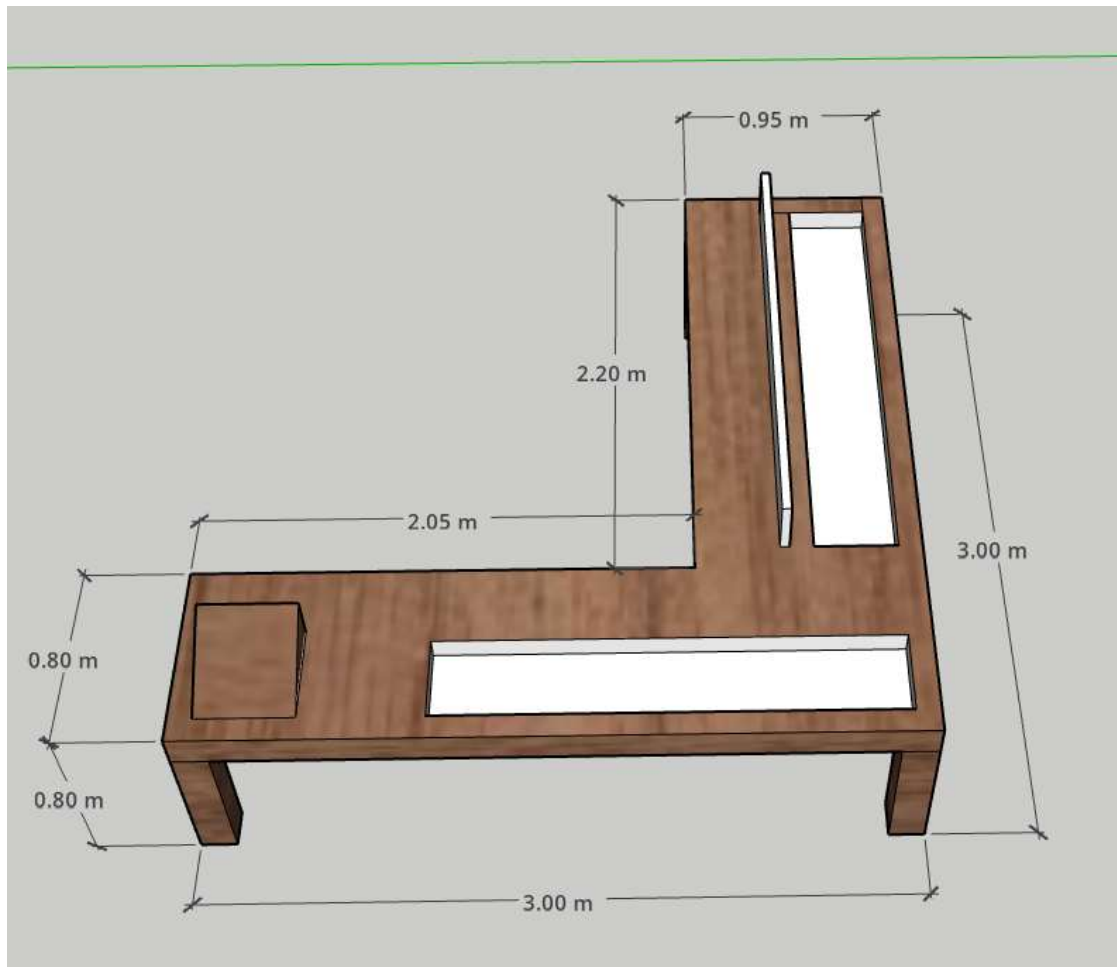
Estrutura	
Parede Falsa	4
Altura	2,10 m
Largura	1,10 m
Espessura	0,2 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco
Unidades	01

Estrutura	
Vitrina	1

A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente



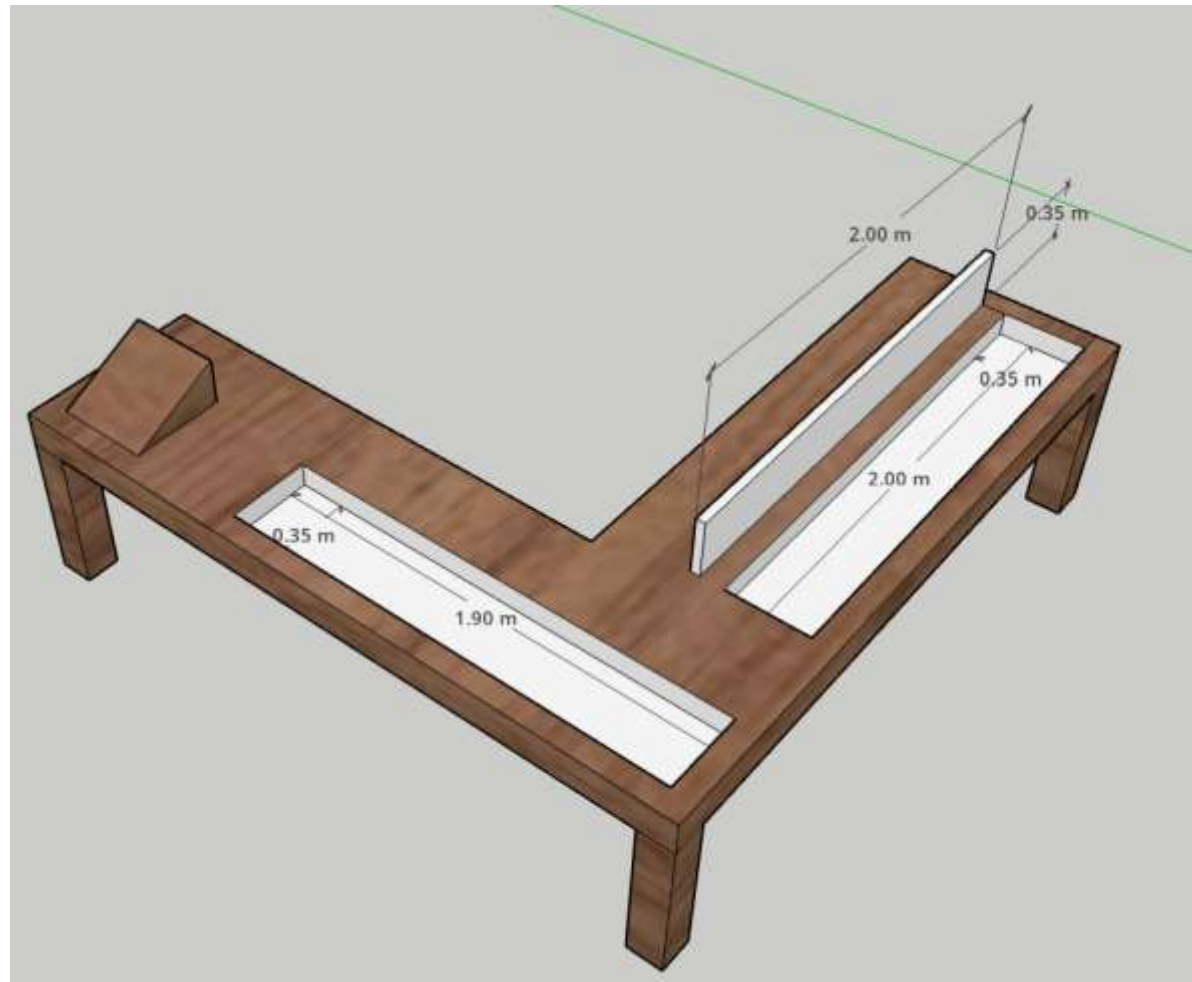
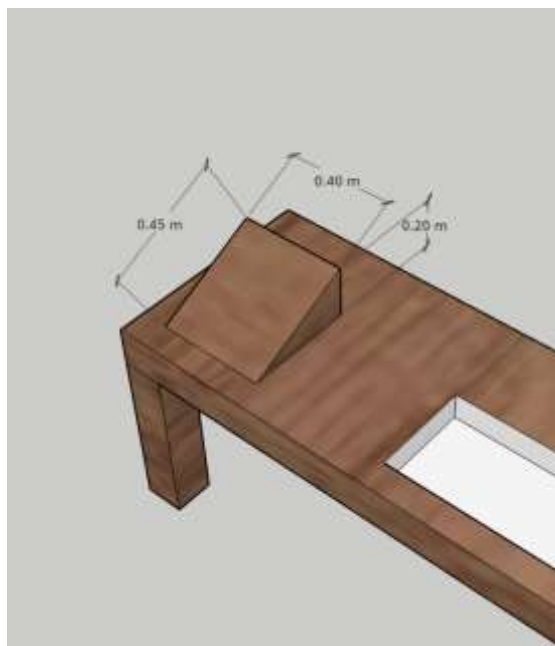
Altura	0,80 cm
Largura	1,10 m
Comprimento	1,10 m
Nicho 1 e 2	0,45 X 0,40 cm – Profundidade: 0,20 cm
Base de Apoio Tela	0,20 X 0,45 X 0,40 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Freijó Puro
Unidades	01

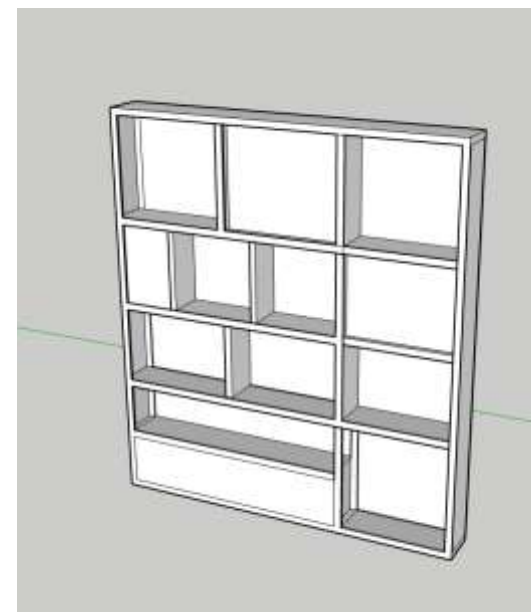
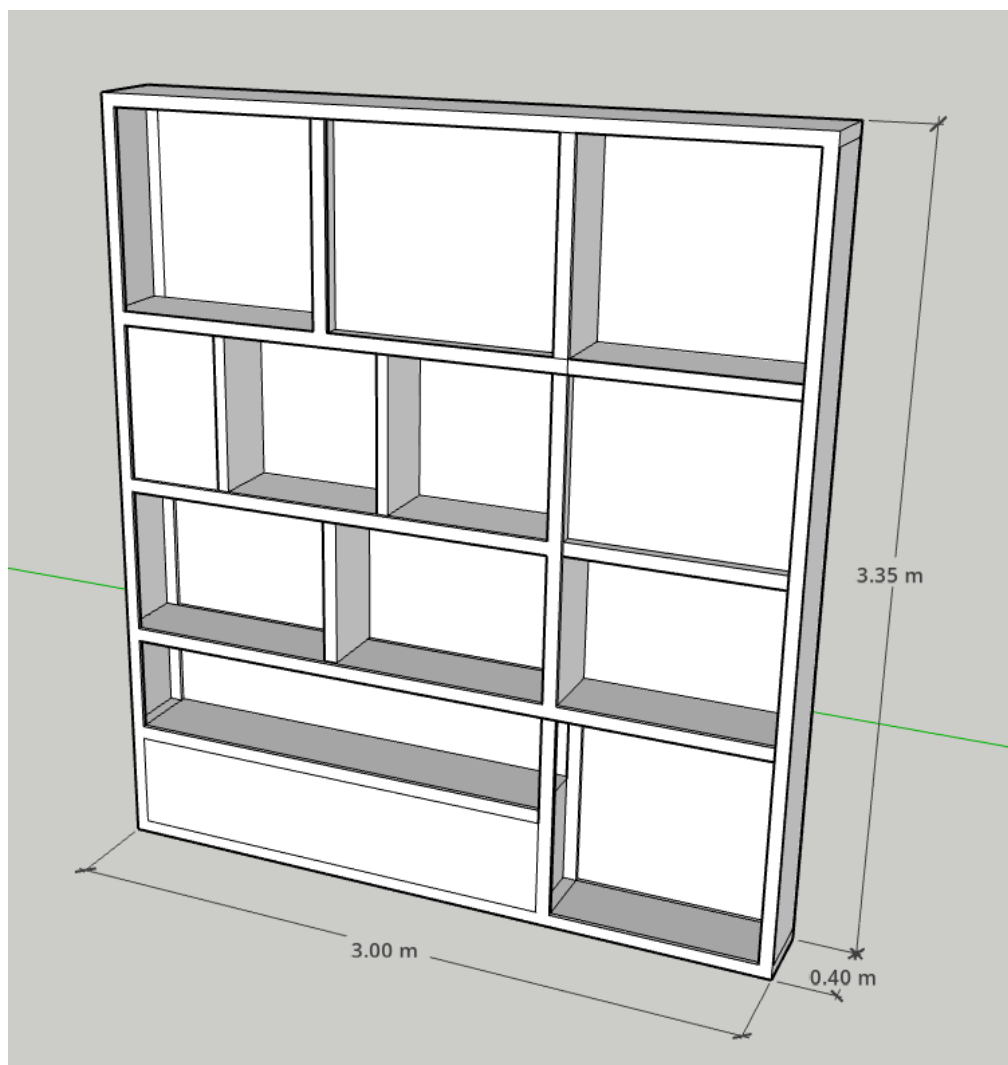


Estrutura	
Vitrina	1
Altura	0,80 cm
Largura	3,00 m
Comprimento	0,80 cm
Nicho	1,90 m X 0,35 cm – Profundidade: 0,20 cm
Base de Apoio Tela	0,20 X 0,45 X 0,40 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Freijó Puro
Unidades	01

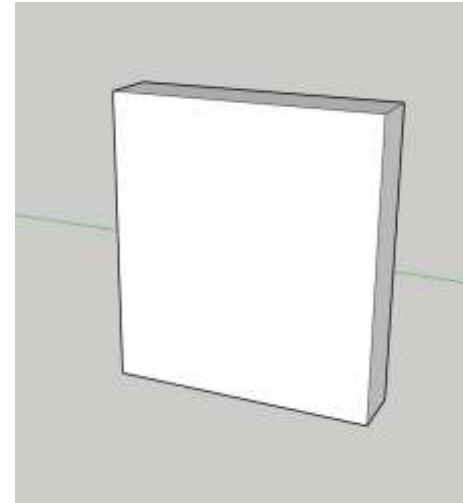
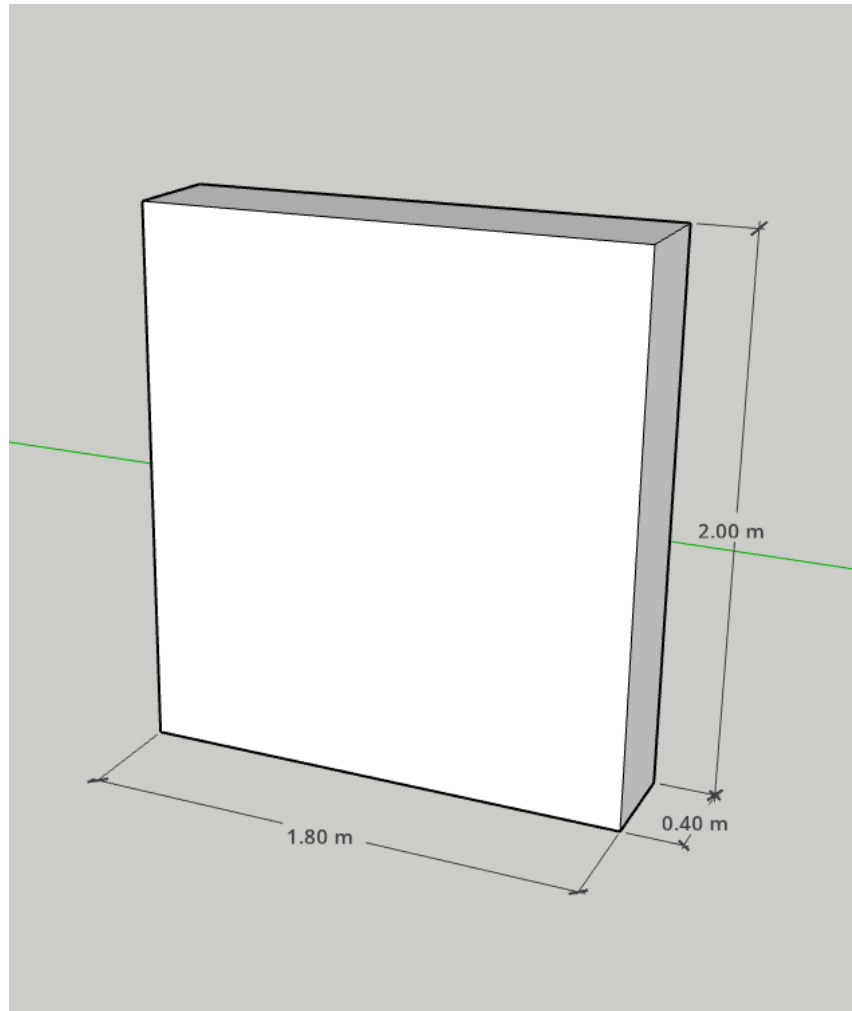
A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

Estrutura	
Vitrina	2
Altura	0,80 cm
Largura	2,20 m
Comprimento	0,95 cm
Nicho	2,00 m X 0,35 cm – Profundidade: 0,20 cm
Base de Apoio Tela	0,20 X 0,45 X 0,40 cm
Divisória	0,35 cm X 2,00 m
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Freijó Puro
Unidades	01



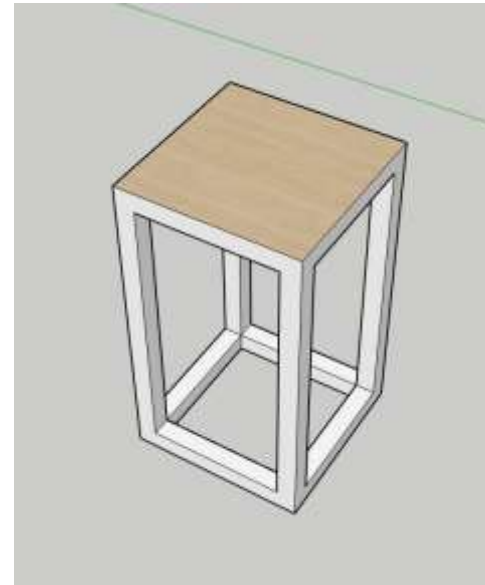


Estrutura	
Vitrina	1
Altura	3,35 m
Largura	3,00 m
Comprimento	0,40 cm
Nichos	13 – serão mensurados a posteriori, após a efetiva curadoria do acervo.
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Freijó Puro
Unidades	01



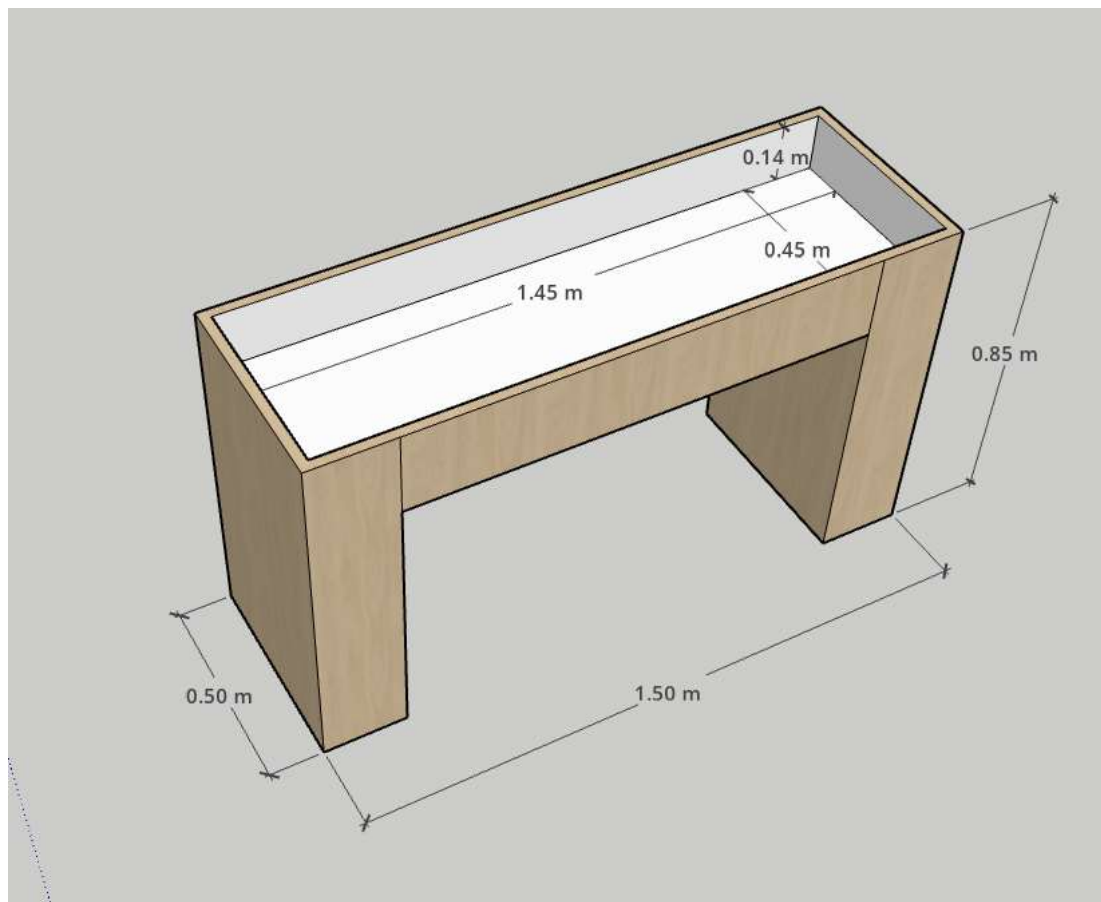
Estrutura	
Parede Falsa	1
Altura	2,00 m
Largura	1,80 m
Comprimento	0,40 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco
Unidades	04

A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

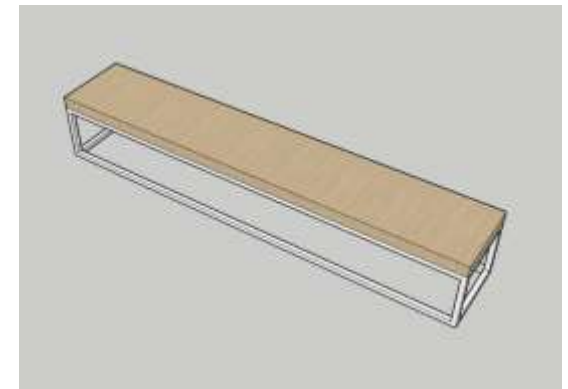
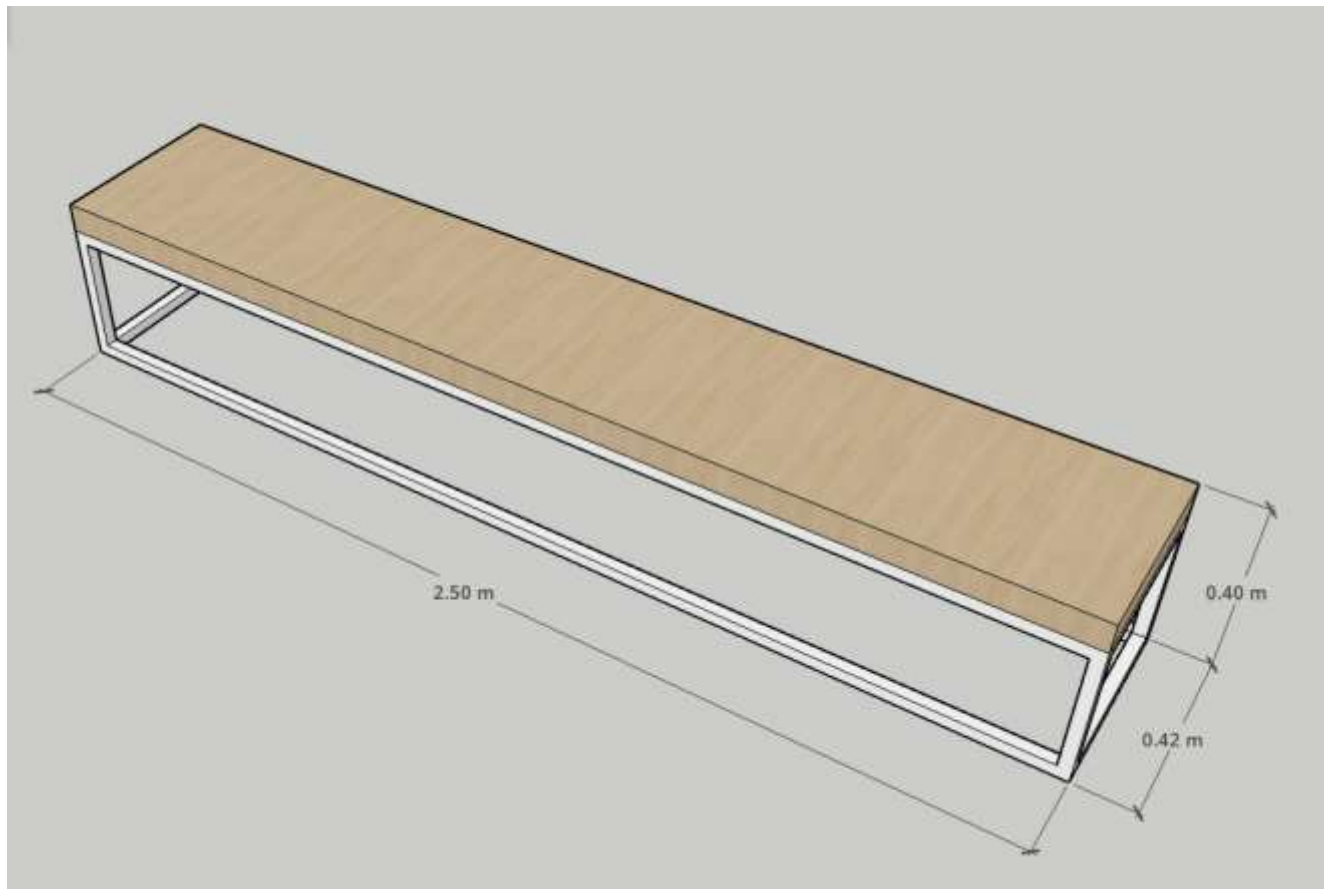


Estrutura	
Platô	1
Altura	0,80 cm
Largura	0,45 cm
Comprimento	0,45 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco / Wood Oásis
Unidades	06

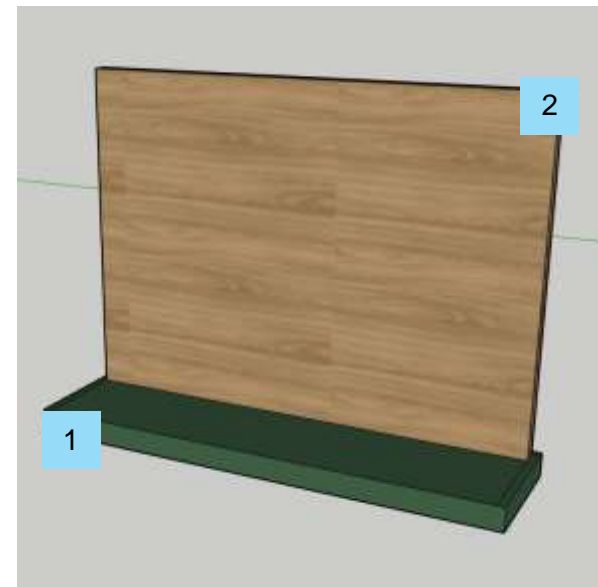
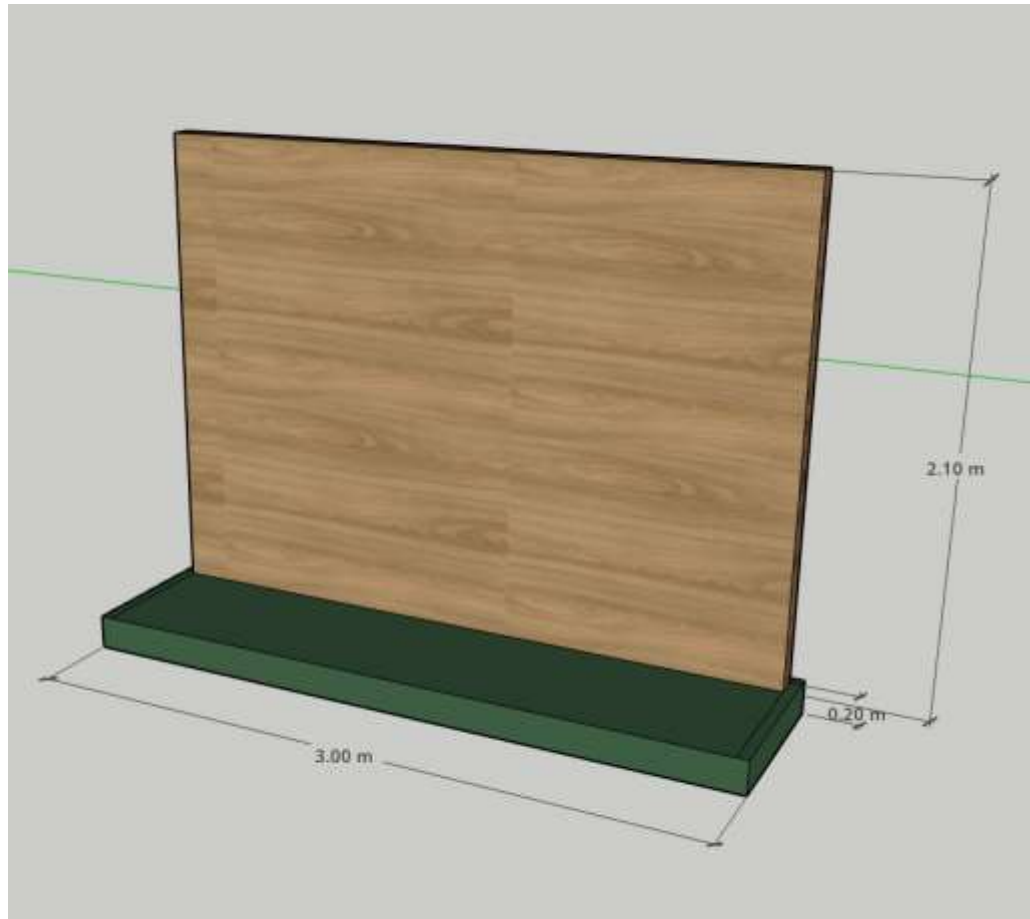
A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente



Estrutura	
Vitrina	1
Altura	0,85 cm
Largura	1,50 m
Comprimento	0,50 cm
Nicho	1,45 m X 0,45 cm – Profundidade: 0,14 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Wood Oásis
Unidades	02



Estrutura	
Banco	1
Altura	0,40 cm
Largura	0,42 cm
Comprimento	2,50 m
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco / Wood Oásis
Unidades	02

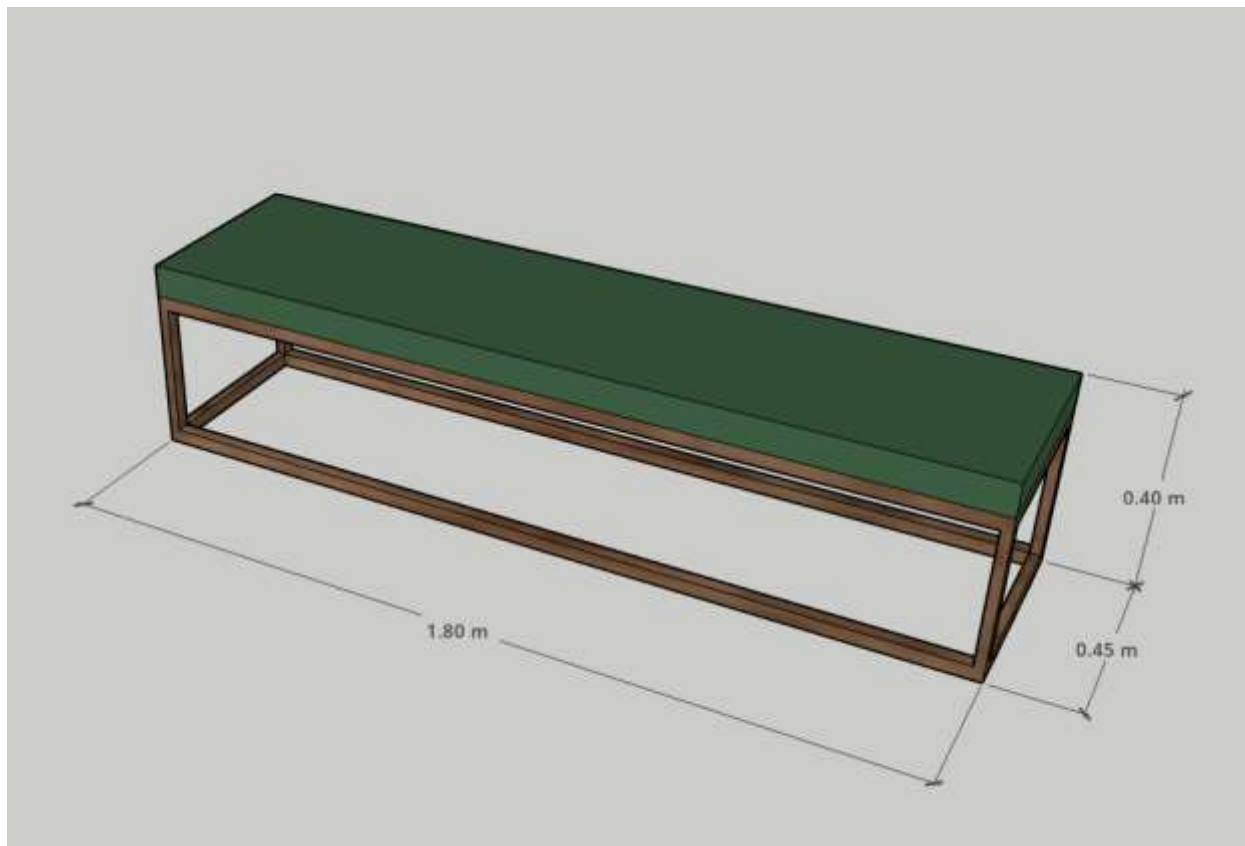


A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

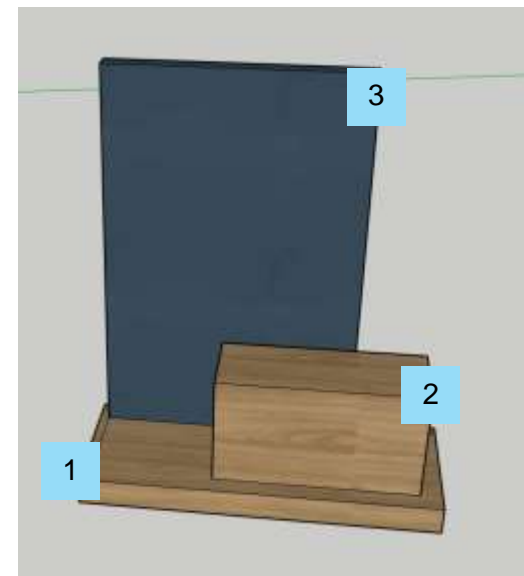
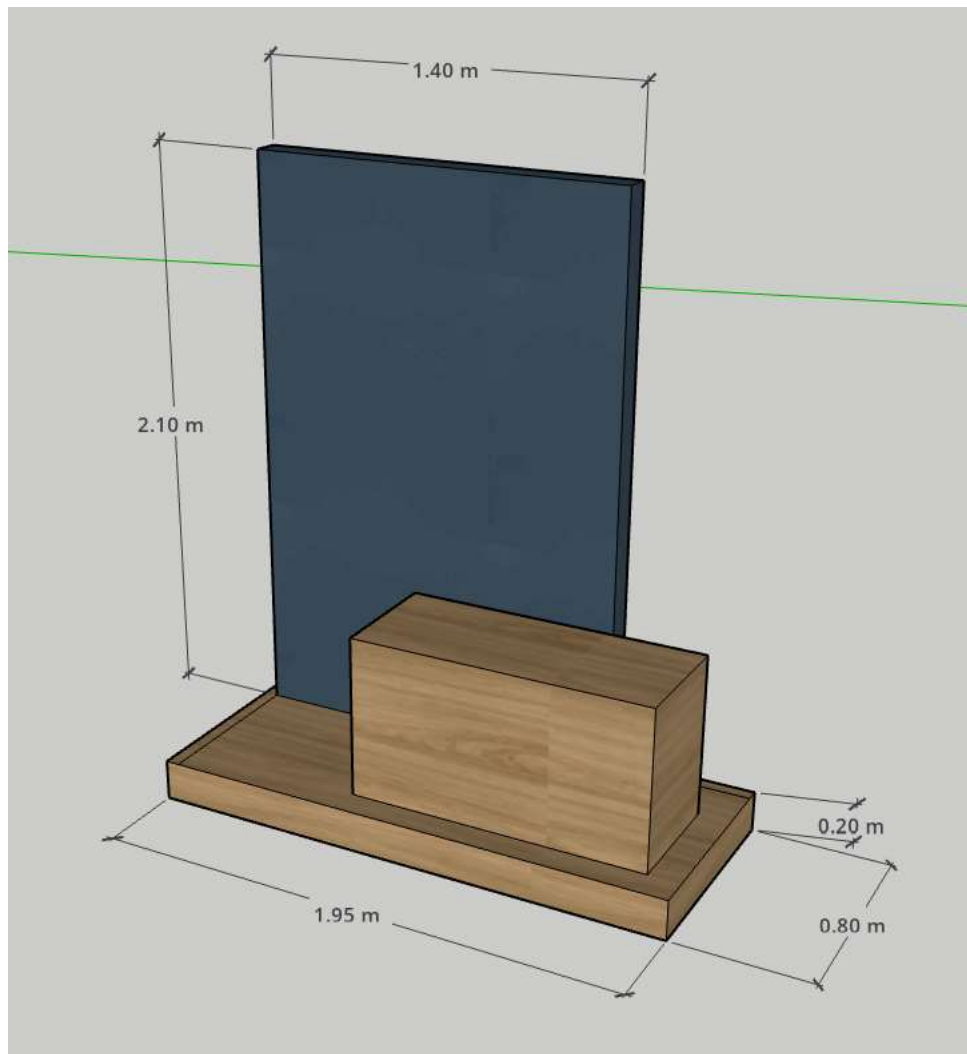
Estrutura	
Platô/Base	1
Altura	0,20 cm
Largura	0,40 cm
Comprimento	3,00 m
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Verde Real
Unidades	01

Estrutura	
Parede Falsa	2
Altura	2,10 cm
Espessura	0,2 cm
Comprimento	3,00
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Freijó Puro
Unidades	01

A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

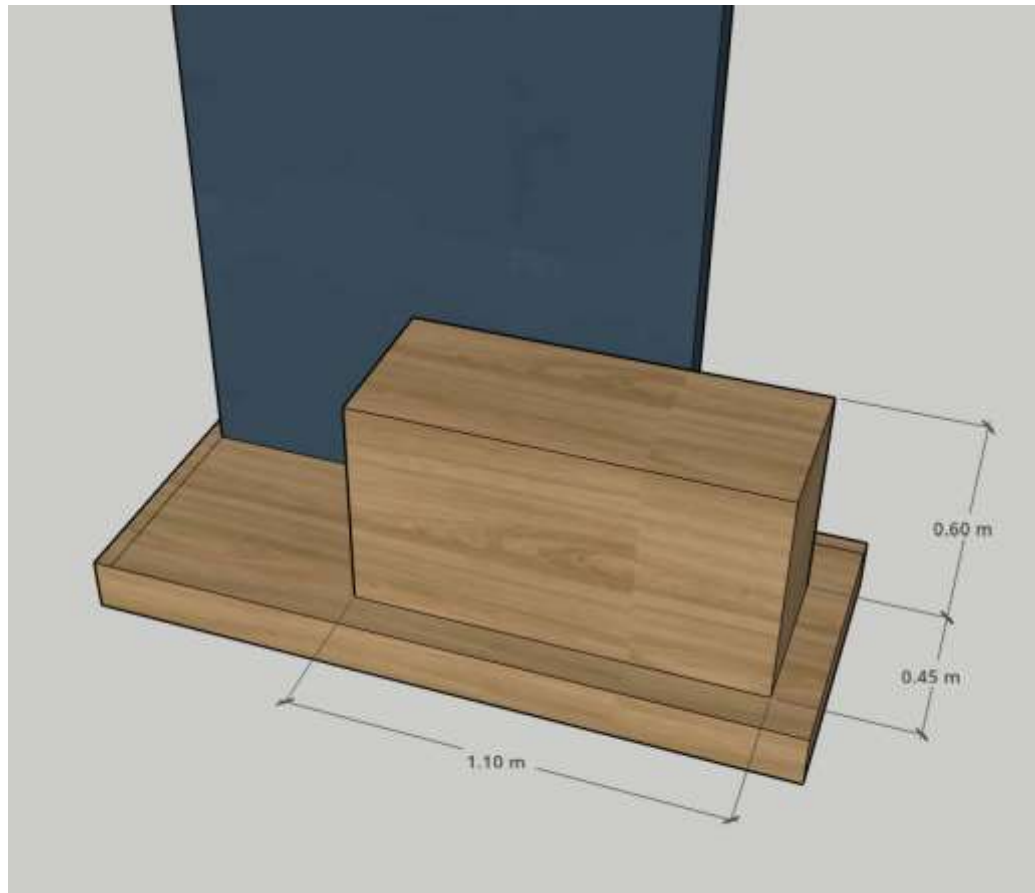


Estrutura	
Banco	1
Altura	0,40 cm
Largura	0,45 cm
Comprimento	1,80 m
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Freijó Puro e Verde Real
Unidades	6



Estrutura	
Platô/Base	1
Altura	0,20 cm
Largura	0,80 cm
Comprimento	1,95 m
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Freijó Puro
Unidades	01

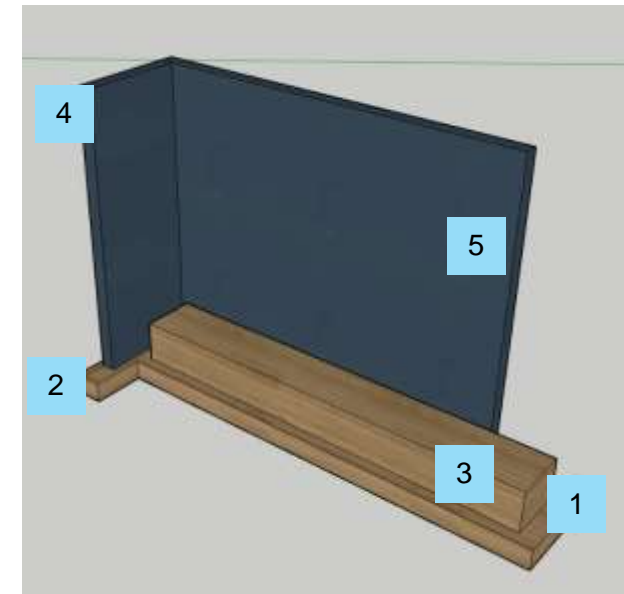
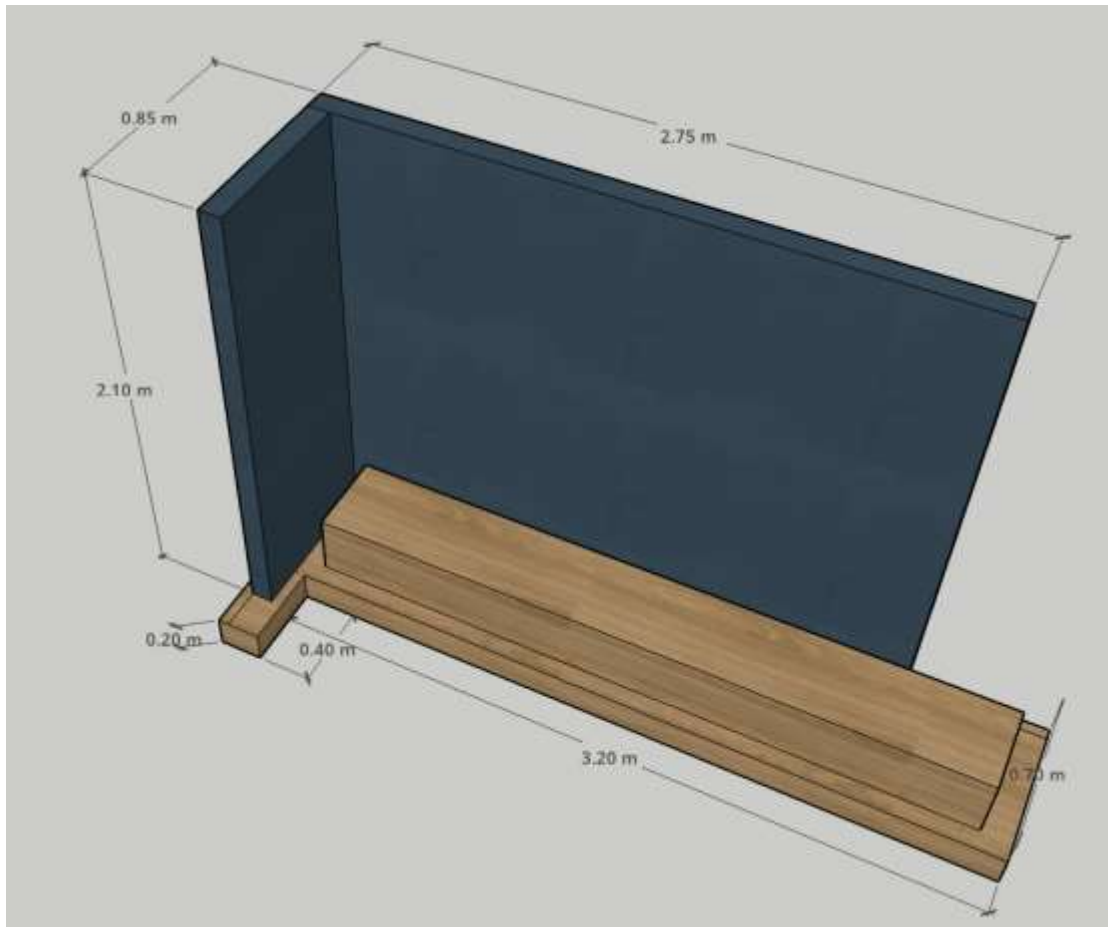
A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente



Estrutura	
Cubo	2
Altura	0,60 cm
Largura	0,45 cm
Comprimento	1,10 m
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Freijó Puro
Unidades	01

Estrutura	
Parede Falsa	1
Altura	2,10 cm
Largura	1,40 cm
Espessura	0,2 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Azul Secreto
Unidades	01

A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente



Estrutura	
Platô/Base	1
Altura	0,20 cm
Largura	0,70 cm
Comprimento	3,20 m
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Freijó Puro
Unidades	01

A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

Estrutura	
Platô/Base	2
Altura	0,20 cm
Largura	0,40 cm
Comprimento	0,40 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Freijó Puro
Unidades	01

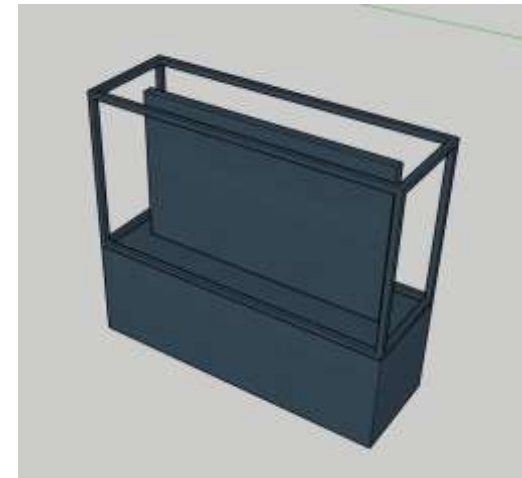
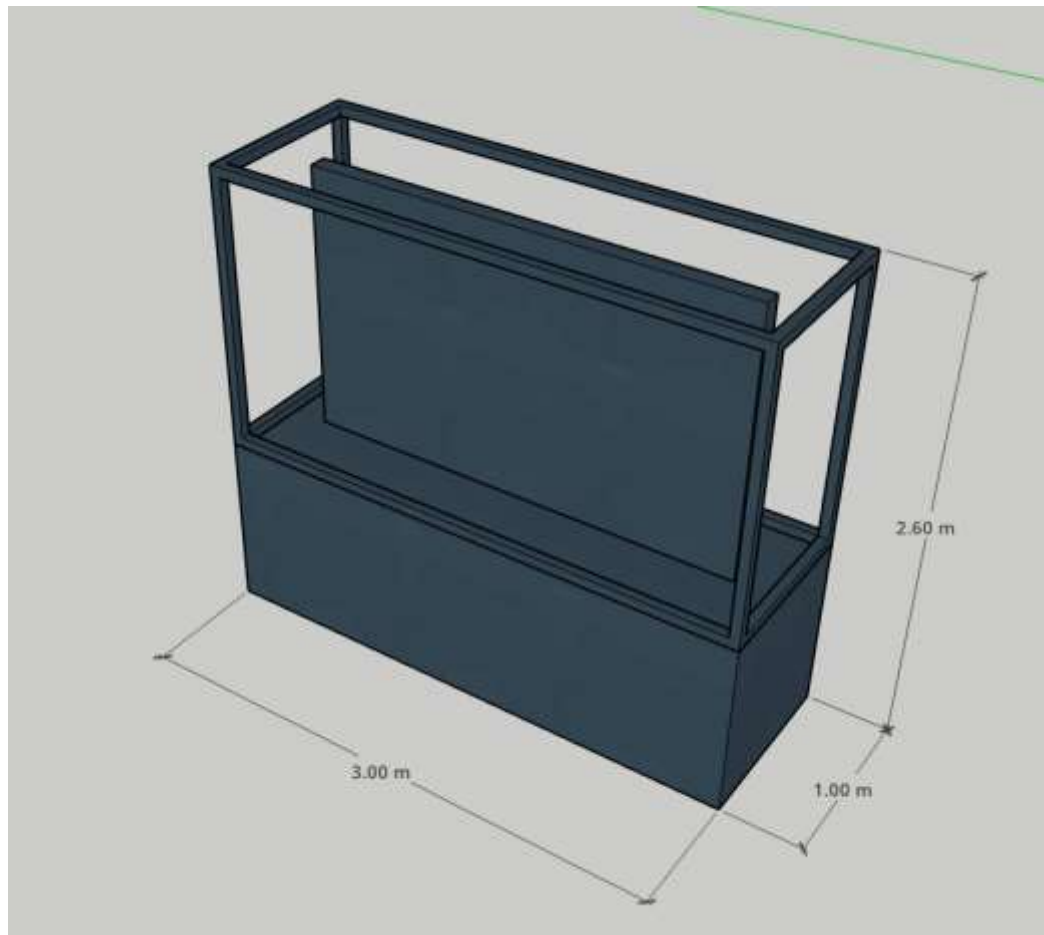
Estrutura	
Cubo	3
Altura	0,30 cm
Largura	0,40 cm
Comprimento	3,00 m
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Freijó Puro
Unidades	01

Estrutura	
Parede Falsa	4
Altura	2,10 m
Largura	0,85 cm
Espessura	0,2 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Azul Secreto
Unidades	01

Estrutura	
Parede Falsa	5
Altura	2,10 m
Largura	2,75 m
Espessura	0,2 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Azul Secreto
Unidades	01



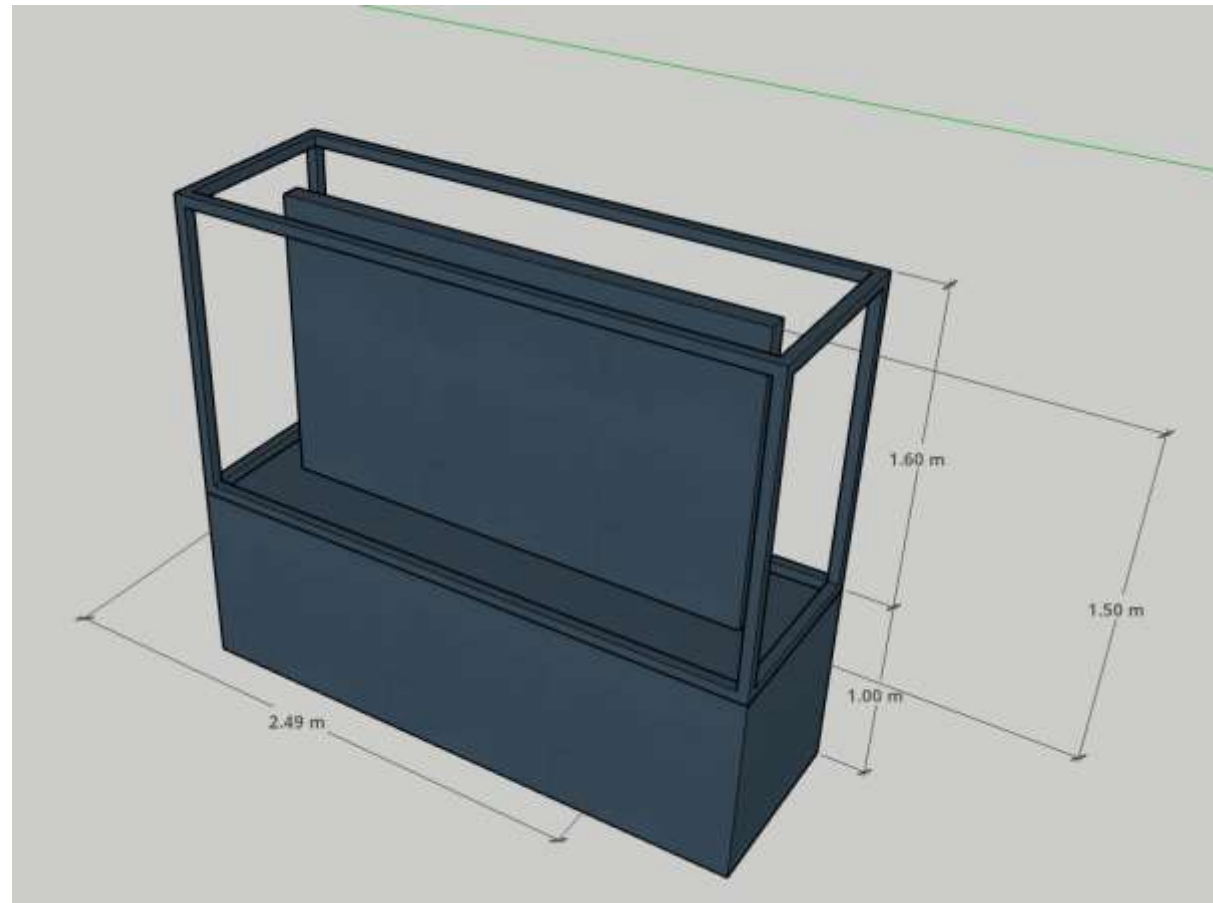
A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

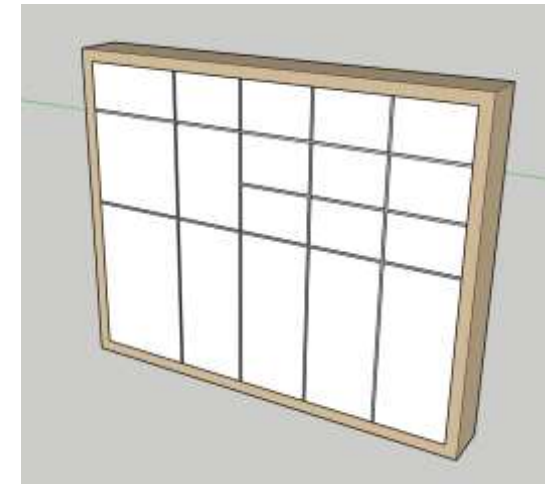
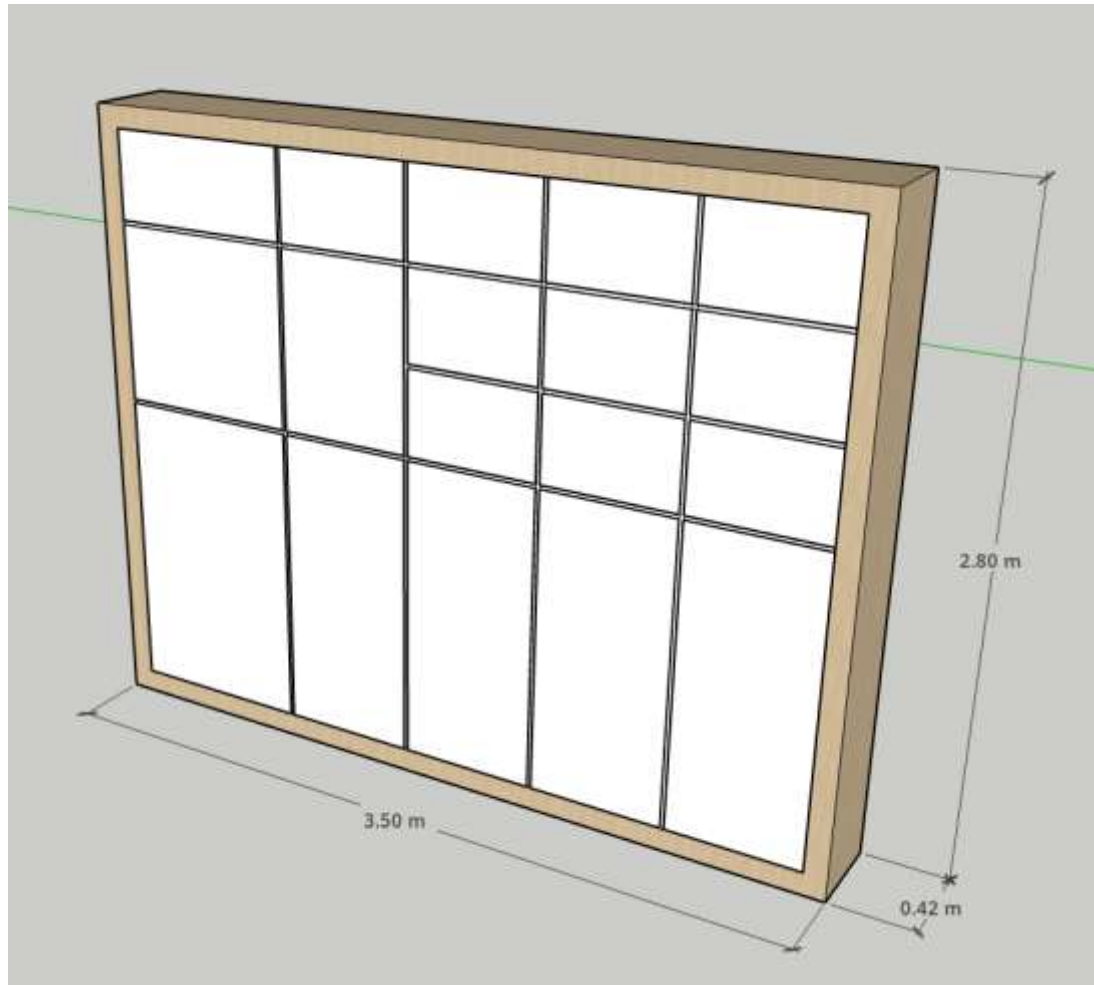


Estrutura	
Vitrine	1
Altura	2,60 m
Largura	1,00 m
Comprimento	3,00 m
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Azul Secreto
Unidades	01

A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente

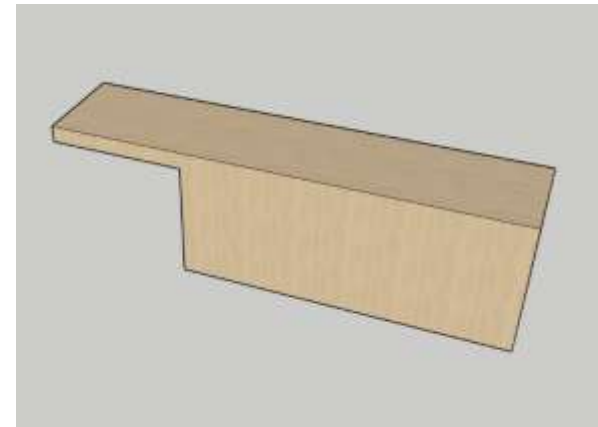
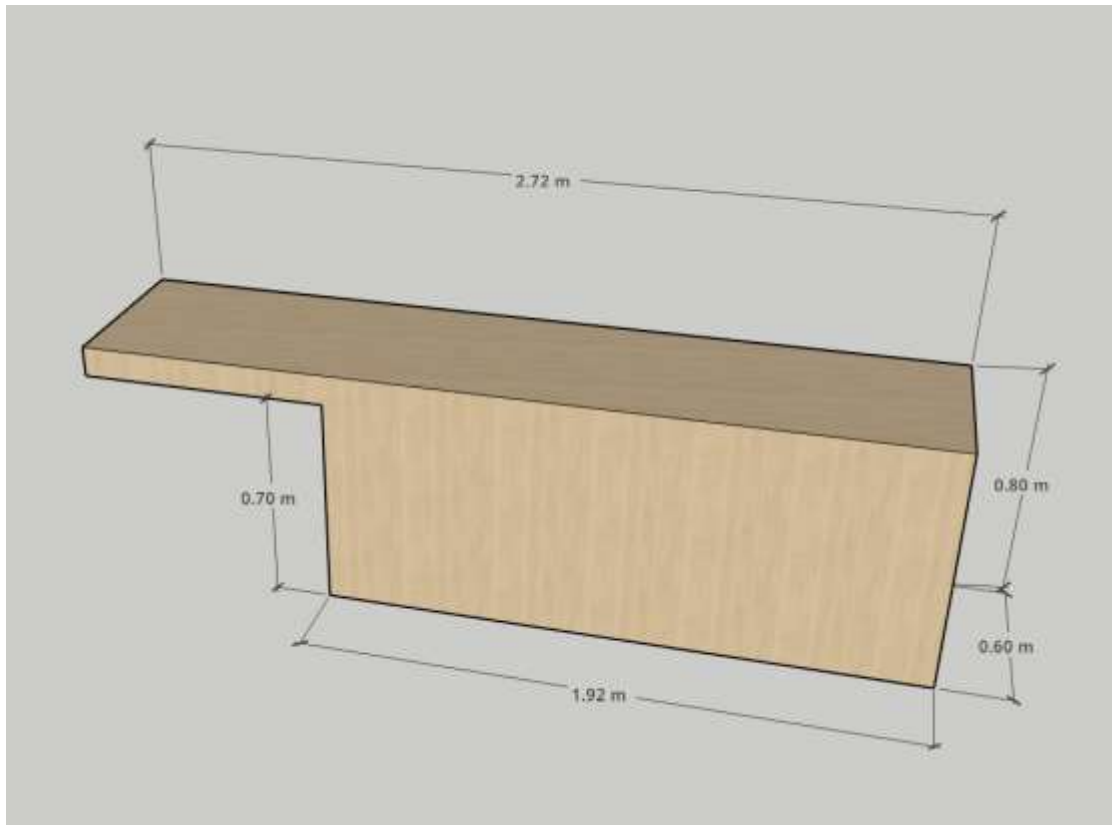
Estrutura	
Vitrina	1
Divisória Interna	
Altura	1,50 m
Largura	2,50 m
Espessura	0,5 cm
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Azul Secreto
Unidades	01



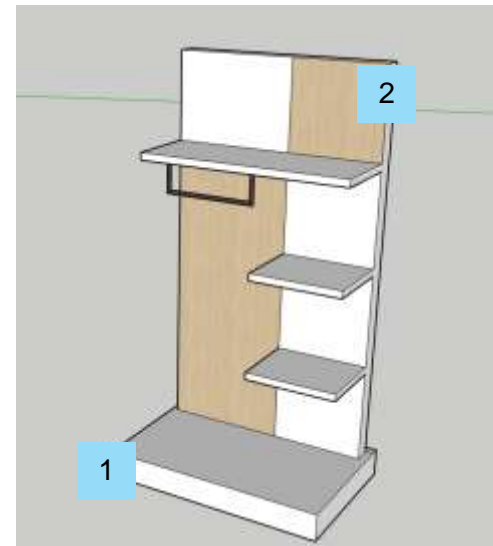
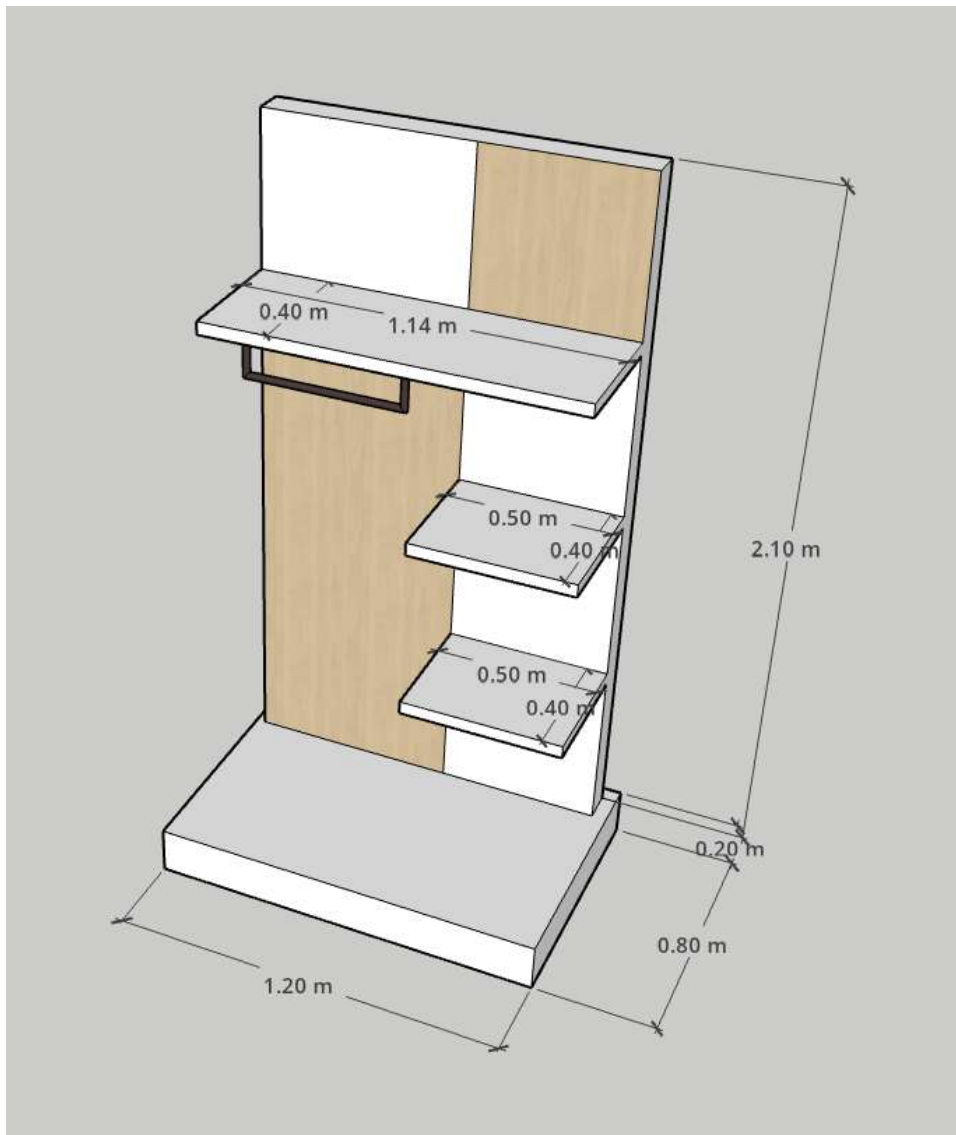


Estrutura	
Armário	1
Altura	2,80 m
Largura	0,40 cm
Comprimento	3,50 cm
Nichos	30– Serão mensurados a posteriori.
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco e Wood Oásis
Unidades	01

A casa que nunca foi do Barão – camadas sobrepostas do passado: uma revisão emergente



Estrutura	
Balcão	1
Altura	0,80 cm
Largura	0,60 cm
Comprimento	1,92 m
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Wood Oásis
Unidades	01



Estrutura	
Estante	1
Altura	0,20 cm
Largura	0,80 cm
Comprimento	1,20 m
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco e Wood Oásis
Unidades	01

Estrutura	
Estante	2
Altura	2,10 m
Espessura	0,2 cm
Comprimento	1,20 m
Material	Chapa de MDF 10mm
Cor	Branco e Wood Oásis
Unidades	01

12. FICHA TÉCNICA

Equipe Engenho Cultural

Rodrigo Luiz dos Santos

Museólogo – COREM 4R 263 I

Renata Graziela Duarte Gava

Historiadora – Especialista em Gestão de Museus

Equipe LARGO Arquitetura

Fernanda Armelin

Arquiteta - Especialista em Restauro

Leo Rait

Arquiteto - Especialista em Estruturas

Rafael Lalla

Arquiteto - Especialista em Tecnologias

Thiago Torina

Arquiteto - Especialista em Restauro

13. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIDAR, Gabriela. Museus e Inclusão Social. in **Patrimônio e Educação Ciências & Letras: Revista da Faculdade Porto alegre de educação, Ciências e Letras**, nº 31, jan./jun. Porto Alegre: 2002.

ALENCAR, Valéria. **O Mediador Cultural. Considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de Arte**. São Pulo: 2008. Disponível em:

<[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86980/alencar_vp_me_ia.pdf?sequence=1 &isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86980/alencar_vp_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 13 de junho de 2021.

ALMEIDA, Adriana Mortara. O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e arte. In: História, Ciências, Saúde. Manguinhos (suplemento), 2005, vol. 12, pp. 31-53.

ATHIAS, R. & LIMA FILHO, M. Dos museus etnográficos às etnografias dos museus: o lugar da antropologia na contemporaneidade. IN: Rial, C & Schwade, E. Diálogos Antropológicos Contemporâneos. Rio de Janeiro: ABA Publicações, p. 81.

BOTACINI, Roberto. Mauá... sua história. **Ribeirão Pires, SP: Combrig**, 1979.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>> Acesso em: 13 de junho de 2021.

BARBO, L. UMA MODALIDADE ARQUITETÔNICA PRIMITIVA E AUTÊNTICA. **Revista Thésis**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, 2019.

BENINCASA, Vladimir. As casas de fazendas paulistas. **ComCiência**, n. 122, 2010.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. IN: ANAIS DO MUSEU PAULISTA São Paulo, Nova Série, vol. 28, 2020, p. 1-30. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e1>. Acesso em: janeiro de 2024.

CARDOSO, Victor José Mendes. Santo André, a vila perdida na borda do campo. **Instituto de Biociências, Rio Claro: UNESP**, 2016.

CARVALHO, Ana Alexandra. **Diversidade Cultural e Museus no Séc. XXI: O emergir de novos paradigmas**. Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em História e Filosofia da Ciência Especialidade: Museologia 2015. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/297429611>>. Acesso em: 13 de junho de 2021.

CURY, Marília Xavier. Museologia, novas tendências. In: Museus e Museologia: Interfaces e Perspectivas/Museu de Astronomia e Ciências Afins. GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha e LOUREIRO, Maria Lúcia (orgs). Rio de Janeiro: MAST, 2009 – MAST Colloquia 11.

CURY, Marília Xavier. Exposição: Uma linguagem densa, uma linguagem engenhosa. 34ª Conferência do CIMUSEF – Rio de Janeiro, 2006.

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

FARIA, A. G. O caráter educativo do Museu Histórico Nacional: o curso de museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (Rio de Janeiro, 1922-1958). 2013. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1983.

FREITAS, Moacir Fagundes. Museu de Cidade: Entrecruzando Patrimônio e Cidades. IN: Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 4, n.1, mar. 2014.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX. Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2004.

HERMANN, Jacqueline. Cenário do encontro de povos: a construção do território. **Brasil**, v. 500, p. 17-34, 2000.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Vinte anos depois de Santiago: A Declaração de Caracas (1992). BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). O ICOM/ Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado – Secretaria de Estado da Cultura – Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Pancrom Indústria Gráfica, 2010, pp. 61-83.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília: IBRAM, 2018.

MARTINS, Clerton. Turismo, cultura e identidade, São Paulo: Roca, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste. **Arte: seu encantamento e seu trabalho na educação de educadores – a celebração de metamorfoses da cigarra e da formiga**. Tese (Doutorado) -- Faculdade de Educação/USP, São Paulo, 1999.

MAYUMI, Lia. Luís Saia, um pioneiro na restauração de casas bandeiristas. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, n. 18-19, p. 95-122, 2014.

MÉDICI, Ademir. **De Pilar a Mauá**, Mauá: Secretaria de Cultura da PMM, 1986.

MOUTINHO, Mário Canova. A Declaração de Quebec (1984). IN: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). O ICOM/ Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado – Secretaria de Estado da Cultura – Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, pp. 52-60.

PEREIRA, Mariana. O papel social do museu etnográfico. IN: ASENSIO, POL, ASENJO & CASTRO (eds). SIAM. Porto: Series Iberoamericanas de Museologia, Vol. 4. Pp:73-85).

PEREZ, Sandra. **Santo André: a invenção da cidade**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PRIMO, Judite. O sonho do museólogo. A exposição: desafio para uma nova linguagem museográfica. IN: Revista Online da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999.

PUNTSCHART, W. **Mauá: Entendendo o passado, trabalhando o presente e construindo o futuro**. 01. ed. São Paulo: Noovha América, 2012. v. 01. 105 p .

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO FELIZ. **Carta de Serviços – Secretaria de Assistência Social**. Porto Feliz: 2021. Disponível em: <https://7a7ab127-3efa-444a-8cb3-f401d9f0f29.filesusr.com/ugd/760986_630583b7f7744740a89a3d5cc94fa6ab.pdf> Acesso em: 13 de junho de 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO FELIZ. **Plano Diretor de Turismo**. Porto Feliz: 2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2009.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu de cidade e a consciência de cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos; KESSEL, Carlos Guimarães: GUIMARAENS, Cêça (org.). *Museus & Cidades*. Livro do Seminário Internacional "Museus e Cidades". Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003, p. 255-282.

PRIOSTI, Odalice Miranda. *Ecomuseu, memória e comunidade: museologia da libertação e piracema cultural no Ecomuseu de Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Camelo Comunicação, 2013.

SANTOS, Paula Assunção. A Mesa de Santiago para pensar o futuro. IN: JUNIOR, José do Nascimento; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção (organizadores). *Mesa redonda sobre la importância y el desarrollo de los museos em el mundo contemporâneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972*. Brasília: IBRAM/MINC, Programa Iberomuseus, 2012, Vol. I, pp. 09-10.

SCHEINER, Tereza Cristina. Termos e Conceitos da Museologia: contribuições para o desenvolvimento da Museologia como campo disciplinar. In: *Documentação em Museus/Museu de Astronomia e Ciências Afins*. GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha e LOUREIRO, Maria Lúcia (orgs). Rio de Janeiro: MAST, 2008 – MAST Colloquia 10.

SCHEINER, Tereza Cristina. Museologia e interpretação da realidade: o discurso da história (texto provocativo). Rio de Janeiro, março de 2006. Disponível em: www.museoliners.org/museologia/ICOFOM_TerezaScheiner-br.pdf.

VARINE, Hugues. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

VARINE, Hugues. O Lugar da comunidade no museu: uma troca de serviços. Artigo apresentado no congresso do ICOM em Verona/Itália: dezembro de 2007. Disponível para consulta: <http://www.abremc.com.br/coletaneadeartigos.asp>.

VARINE, Hugues. A Respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972). IN: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (organização). O ICOM e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 42.

VARINE, Hugues de. O museu comunitário como processo continuado. IN: Cadernos do CEOM/ Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. CHAGAS, Mario de Souza (editor convidado). Chapecó, 2014, nº 41, p. 29.

AHLERS, Silvia. **A casa que não foi do Barão**. Museu Barão de Mauá. Mauá, 2004.

AHLERS, Silvia. **Murais de Marcier em Mauá**: afrescos na Capela da Juventude Operária Católica. 2008. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.